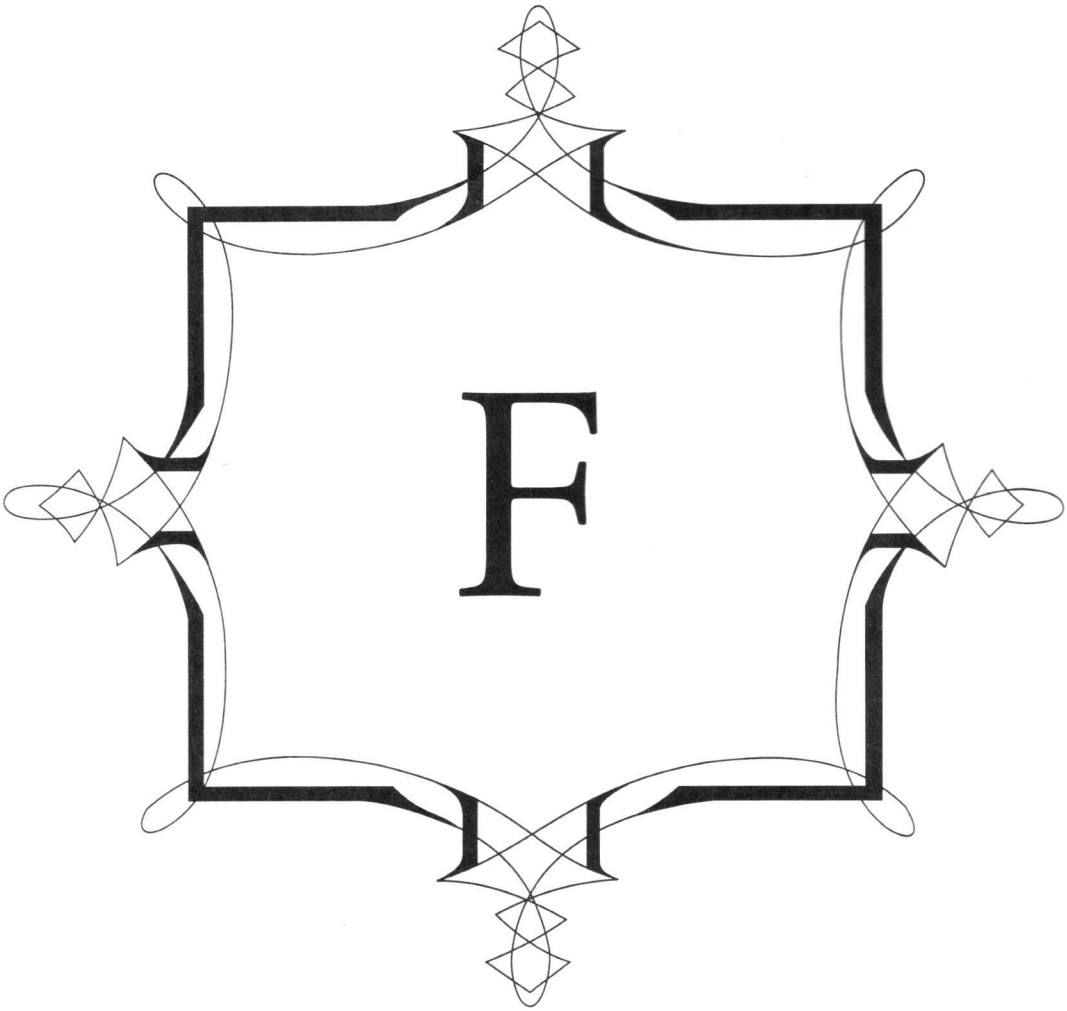
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

HAGNOS


F

F

FABRICANTE DE ÍDOLOS

Ver o artigo geral sobre a **Idolatria.** A idolatria sempre constituiu um bom negócio, uma boa fonte de renda, na antiguidade e nos tempos modernos. Isso pode ser facilmente comprovado pelo Grande número de santuários, grutas e cidades santas que existem. A fabricação de ídolos tornou-se uma arte tão especializada que foram necessários artífices profissionais para fazê-los. Os homens primitivos satisfaziam-se com uma pedra com algumas poucas marcas, ou com alguma imagem crua de madeira. No entanto, os artífices começaram a fabricar ídolos de madeira, de pedra, de metal e até de pedras preciosas. Ídolos em miniatura, com a forma de amuletos, escaravelhos e jóias exigiam considerável habilidade em sua fabricação. Os ídolos de prata ou de ouro geralmente eram fundidos ocos, porquanto um ídolo sólido ficava caríssimo, quando feito desses metais preciosos. No entanto, os indivíduos abastados e muitos templos pagãos tinham seus ídolos feitos de ouro ou de prata sólidos. Outras vezes, um revestimento de metal precioso recobria um cerne feito de chumbo. A prata e o ouro também eram batidos até formar folhas finas que então recobriam formas feitas de madeira, de pedra ou de metais menos dispendiosos (ver Isa. 30:22). Os ídolos eram decorados com pedras preciosas e com cadeias decorativas (Isa. 40:19). Nas residências antigas havia deuses da família, com freqüência feitos de cerâmica, moldados à mão e decorados como se fossem figurinhas de Baal ou de outras divindades, espíritos, seres animalescos ou parecidos com homens. Os arqueólogos têm encontrado muitas dessas figurinhas em Gaal, na Síria. As mais impressionantes dentre elas consistiam em algum metal de valor inferior, recoberto com folhas de ouro. O trecho de Isaías 44:13 fornece-nos alguma idéia sobre a fabricação de ídolos de madeira. O versículo subseqüente revela-nos como a madeira das árvores era usada nessa técnica, envolvendo, especialmente, o cedro, o olmeiro e o carvalho, as madeiras mais nobres. Sabemos que as diversas divindades tinham suas árvores sagradas especiais.

Os homens sempre se sentiram fascinados pelos animais, atribuindo aos mesmos certas qqalidades divinas. Assim, temos a imagem do bezerro (de ouro, no caso que envolveu Aarão, Exo. 32:2-4), e que Jeroboão duplicou em seus bezerros de ouro, postos em Betel e em Dã (I Reis 12:28,29).

Alguns intérpretes têm ficado desolados diante do fato de que a Bíblia menciona os ídolos que pareciam tão importantes para *Raquel* (Gên. 31:19,34,35). Paulo provocou tremendo levante em Éfeso, quando ameaçou o lucro dos ourives, que fabricavam pequenos nichos da deusa Diana. Colhe-se a impressão de que aqueles ourives estavam muito mais interessados em não perder sua fonte de renda do que na honra de sua deusa. Ver Atos 19:23 *ss.* Um dos piores escândalos da cristandade tem sido a manufatura, o comércio e a veneração prestada a ídolos de santos. Respeitando devidamente o bem que tais pessoas têm feito em outros aspectos de suas atividades, o comércio com os ídolos constitui uma corrupção quase inacreditável, que continua sendo promovido por pessoas que deveriam saber e agir muito melhor do que o fazem. A idolatria é demonstração de que o indivíduo se afastou de Deus no seu próprio coração. «...andavam transviados, desviados de mim, para irem atrás dos seus ídolos...» (Eze. 44:10).

FABRICANTE DE TIJOLOS

Ver o artigo detalhado sobre **Tijolos.** Este artigo descreve diversos métodos empregados pelos povos antigos na fabricação dos tijolos. Construir com tijolos representa, metaforicamente, as realizações de uma pessoa. O artigo mencionado comenta sobre isto também.

• • • • • •

Um pai vale mais do que cem metros.
(George Herbert)

• • •

Quem honra seu pai viverá longos dias.
(Ecles. 3:6)
Instrui o menino no caminho em que
deve andar e até quando envelhecer
não se desviará dele.
(Prov. 22:6)

Ao Senhor eu o entreguei por todos os
dias que viver. (I Sam. 1:28)

• • •

Vós, filhos, sede obedientes a vossos
pais no Senhor, porque isto é justo.
(Efé. 6:1)
Vós, mulheres, sejeitai-vos a vossos
pais no Senhor, porque isto é justo.
(Efé. 5:22)
Vós, maridos, amai vossas mulheres
como Cristo também amou a igreja.
(Efé. 5:25)
Deixará o homem seu pai e sua mãe
e se unirá a sua mulher, e serão
dois numa carne. Grande é este
mistério: digo-o, porém, a respeito
de Cristo e da igreja.
(Efé. 5:31,32)

FACA

Quatro palavras hebraicas estão envolvidas nesse verbete, a saber:

1. *Maakeleth*, «faca de mesa». Embora na antiguidade não houvesse talheres, conforme hoje os conhecemos, podemos traduzir esse tipo de faca assim, porquanto era usado para cortar alimentos. Essa palavra é usada por quatro vezes: Gên. 22:6,10; Juí. 19:29; Pro. 30:14.

2. *Chereb*, «espada», «adaga». Termo hebraico muito comum, usado por mais de quatrocentas e dez vezes, como, por exemplo: Jos. 5:2,3; I Reis 18:28; Eze. 5:1,2; Juí. 3:16,21,22.

3. *Salcicin*, «lanceta». Palavra usada apenas por uma vez, em Pro. 23:2.

4. *Machalap*, «faca». Palavra hebraica usada apenas por uma vez, em Esd. 1:9.

Variedade de Facas. Os arqueólogos têm encontrado uma variedade quase interminável de facas, feitas de muitos materiais, em muitos formatos e dimensões. As mais antigas facas que têm sido encontradas vêm do Egito, feitas de pedra. Facas de cobre, de bronze e de ferro vieram mais tarde. Heródoto (ii.86) menciona facas de pedra e de ferro, o que parece sugerir que assim que o homem aprendeu a trabalhar com metais, as facas de pedra, mais antigas, foram abandonadas, mas não imediatamente. Certas lascas de pederneira podiam transformar-se em facas afiadíssimas (Jos. 4:2), embora não fossem tão duráveis quanto as de metal. Algumas antigas facas de metal eram inscritas e decoradas. Em Laquis foi encontrada uma antiga faca dos hicsos, decorada. Vários formatos de adagas

hititas têm sido encontrados em Bete-Seã, de cerca de 1470 A.C. Algumas vezes, as facas tinham cabos de marfim ou cravejados de jóias. No Antigo Testamento, as facas de pederneira estavam ligadas aos rituais, como o da circuncisão (Êxo. 4:25; Jos. 5:2,3). Alguns intérpretes supõem que uma vez que os metais começaram a ser usados, as facas mais antigas, de pederneira (descobertas até bem dentro da era do bronze) continuaram sendo usadas para propósitos rituais, religiosos.

A maioria das facas que têm sido descobertas são adagas, usualmente com lâminas retas, com até 25 cm. de comprimento. Algumas facas, entretanto, têm laminas curvas, e são maiores do que as facas retas. A alusão à automutilação dos sacerdotes de Baal (I Reis 18:28) quase certamente diz respeito a adagas curtas. As traduções geralmente fazem confusão entre as facas e as espadas. Provavelmente foi uma espada curta, usada para cortar alimentos, que Abraão esteve a pique de usar para sacrificar Isaque (Gên. 22:6,10). Algumas facas tinham um único fio cortante, mas outras tinham dois fios. As podadeiras provavelmente eram facas curvas (Isa. 18:5).

Usos. Os judeus, tal como outros povos orientais, tinham facas de mesa para cortar carnes. O pão, entretanto, era partido em pedaços, com as mãos. Para a operação da circuncisão era usada uma faca (Jos. 5:2,3; Êxo. 4:25). Quando embalsamavam um cadáver, os egípcios usavam uma faca de pederneira, para fazer incisões (Heródoto ii.86). Os escribas hebreus afiavam o estilo de escrever com uma pequena faca, ou canivete (Jr. 36:23; no hebraico, *taar sopher*). Herodes, o Grande, costumava usar uma faca para cortar frutas, e tentou suicidar-se com a mesma, segundo Josefo (Anti. 17:7,1). A faca servia para cortar alimentos e também era um instrumento para abater e tirar a pele dos animais. Pequenas facas eram usadas como navalhas (Núm. 6:5; Eze. 5.1). As podadeiras de Isaías 18:5 e Joel 3:10 provavelmente eram facas longas e curvas. Além disso, não nos esqueçamos da guerra, quando a faca era o instrumento mais universalmente usado para matar os inimigos. Homero falou sobre a falta de misericórdia do bronze. Ver o artigo geral sobre Armas, Armadura.

Usos Figurados. A faca é um excelente símbolo para indicar a violência e a matança. Em Provérbios 30:14, simboliza a atitude ávida, gananciosa. Se você é um glutão, então o trecho de Provérbios 23:2 recomenda que você ponha uma faca na garganta, para que deixe de comer tanto. Nesse simbolismo, a faca representa uma ameaça à vida e um fator restringidor de atos indesejáveis. Os sonhos e as visões apresentam facas para simbolizar coisas brilhantes, agudas e perfurantes, que podem incluir as qualidades de uma mente arguta. Duas facas juntas podem representar o desejo de que alguém morra, ou então a tentativa suicida de livrar-se de alguma situação aflitiva em extremo. Nesse caso, uma faca apontará para aquele que causa a aflição, e a outra para a pessoa que está sendo afligida. Freud opinava que qualquer instrumento aguçado ou pontudo, que apareça em um sonho, pode simbolizar o pênis, servindo de símbolo erótico. Entretanto, Freud limitou em demasia todos os impulsos humanos aos impulsos eróticos.

FACE

Esboço:
1. Termos Originais
2. Usos Literais
3. Usos Metafóricos

1. Termos Originais

As palavras hebraicas traduzidas na Bíblia por «face» falam sobre o próprio rosto, sobre o nariz, sobre os olhos e sobre o aspecto geral da fisionomia. A principal dessas palavras é *épanim*, usada por mais de quinhentas vezes, com os mais variados sentidos, como «face», «ira», «frente», «pessoa», «presença», «vista», etc. Quanto ao sentido de «face», ver, por exemplo, Gên. 1:2,29; 2:6, 4:14; 6:1; 9:23; 16:8; 17:3,17; Êxo. 2:15; 10:28,29; Lev. 9:21; Núm. 6:25; Deu. 1:17, Jos. 5:14 Juí. 6-22; Rute 2:10; I Sam. 5:3,4; II Sam. 22:22; I Reis 8:14; II Reis 1:29,31; I Crô. 12:8; II Crô. 25:17,21; Esd. 9:6,7; Est. 7:8; Jó 1:11; Sal. 5:8; Pro. 7:15; Ecl. 8:1; Isa. 6:2; Jer. 1:8; Lam. 2:19; Eze. 1:6,8; Dan. 1:10; Osé. 5:5,15; Joel 2:6,20; Amós 5:8; Miq. 3:4, Naum 2:10,11; Hab. 1:9.

As palavras gregas são duas: a. *Ópsis*, «aspecto», «face», usada por três vezes: João 7:24; 11:44 e Apo. 1:16. b. *Prósopon*, «rosto», «face», usada por setenta e quatro vezes, desde Mat. 6:16,17 até Apo. 22:4.

2. Usos Literais

O rosto das pessoas é freqüentemente mencionado de modo literal, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 3:19 e Tiago 1:23. Mas também há alusão à face dos rebanhos (embora isso não transpareça em nossa versão portuguesa), à face dos seres angelicais, os serafins (Isa. 6:2) e à face das criaturas vivas, que estavam em redor do trono de Deus (Apo. 4:7). Todavia, devemos atentar para o fato de que as alusões à face de Deus são expressões antropomórficas, representando, usualmente, a sua presença. Ver Núm. 6:25. Quanto a isso, ver o terceiro ponto, abaixo.

3. Usos Metafóricos

a. As alusões à **face de Deus** são antropomórficas e metafóricas. A expressão indica a presença de Deus ou alguma manifestação divina, possivelmente por meio de uma teofania. Era doutrina comum, entre os judeus, que ninguém podia ver a face de Deus e continuar vivo (Gên. 32:30). Contudo, nessa mesma referência, percebe-se que Jacó viu a face de Deus e sobreviveu. O trecho de João 1:18 assevera enfaticamente que ninguém jamais viu Deus. Na passagem altamente antropomórfica de Êxo. 33:22 ss temos uma manifestação de Deus a Moisés. Ali é dito que Moisés não pôde ver a face de Deus, de tal modo que, quando passou diante dele a glória divina, Moisés só contemplou o Senhor pelas costas. Tais passagens só têm sentido se as interpretarmos misticamente e não literalmente, pois, de outra maneira, Deus teria de ser como um ser humano, dotado de rosto e de costas. Ora, os mórmons ensinam precisamente isso, dizendo que Joseph Smith viu Deus, literalmente. Deus teria um corpo um tanto semelhante ao nosso, embora não possa haver uma definição precisa a respeito. Os céticos e os fundamentalistas digladiam-se, apelando para toda forma de argumento inútil, e muitos intérpretes da Bíblia têm vindo engrossar a confusão. O que realmente está envolvido são diversos graus da glória divina, manifestados aos homens, e não alguma porção do suposto corpo de Deus. Na verdade, não sabemos o que significa ver o *ser* de Deus, e até que ponto isso é concebível. Os homens tateiam em busca de maneiras de expressar o que significa experimentar a presença de Deus, e o que eles dizem pode ser contraditório. As experiências místicas são inefáveis, sobretudo quando são de elevada ordem, e qualquer tentativa de expressá-las mediante a linguagem humana lançará uma luz duvidosa sobre a sua natureza real. A afirmação de João 1:18 reconhece essa verdade fundamental, pelo que afirma categoricamente que ninguém jamais viu Deus.

b. *A Promessa.* Os eleitos verão a face de Deus. Essa é uma promessa que envolve a visão beatífica (vide). No artigo assim intitulado, procuramos definir o que sabemos e o que não sabemos sobre o assunto. A passagem de Mat. 5:8 afirma que os limpos de coração verão Deus. E Apocalipse 22:4 confirma que os servos do Senhor verão a sua face.

c. *A Face de Cristo.* Em II Coríntios 4:6 lemos sobre a luz de Deus, que resplandece em lugar tenebroso. Essa luz brilha em nossos corações e ilumina as nossas vidas. Essa é a mensagem da encarnação (vide) aquela revelação divina que nos foi conferida mediante a encarnação do Logos divino, em forma humana. Ver João 1: 14,18, quanto a essa mensagem.

d. Deus às vezes oculta a sua face (Jó 13:24), como quando a sua presença é aparentemente retirada, sem importar por que motivo isso aconteça. Ver também Sal. 27:9. Nesses períodos de trevas, os homens passam por grandes testes; mas estão sempre sujeitos à iluminação divina, à ajuda do Senhor, quando a disposição dos acon-

tecimentos torna isso apropriado. O perdão dos nossos pecados é expresso por meio dessa mesma fórmula (Sal. 51:9).

e. A oposição que Deus faz ao mal e aos homens malignos é expressa através da idéia de que ele volta o seu rosto contra eles (Jer. 44:11).

f. A luz da face de Deus, voltada na direção de uma pessoa, indica que o Senhor mostrou o seu favor divino para com aquela pessoa. Ver Sal. 44:3, 67:1 e Dan. 9:17.

g. A face de Deus também pode voltar-se contra alguém que seja alvo de sua ira e de seu desprazer. Ver Apo. 6:16; Gên. 16:6,8; Êxo. 2:15.

h. Os pães da proposição, arrumados sobre a mesa que havia no Santo Lugar do Tabernáculo, são chamados de «pães da face» ou «pães da presença» (Êxo. 25:30), o que indica a presença de Deus simbolizada sob forma concreta. Ver o artigo geral sobre a Presença, que inclui também idéias sobre a face.

FACHO

No hebraico, **lappid.** Essa palavra é usada por quinze vezes, das quais apenas quatro com o sentido de «tocha», a saber: Juí. 15:4; Naum 2:3 e Zac. 12:6. Também aparece com outros sentidos, como «lâmpada» e «relâmpago».

Uma tocha era feita com madeira resinosa, para queimar bem.

O método mais usual de comunicação à distância em tempos de paz ou de guerra, na antiguidade, era por meio de sinais luminosos, com fachos. Esse método é mencionado no Antigo Testamento (Jer. 6:1, por exemplo), e nos registros escritos achados em Amarna e Laquis. Mas também eram usados pendões ou bandeiras, para indicar quais dos hebreus usavam o vocábulo *nes*, que ocorre por vinte vezes no Antigo Testamento, como em Núm. 21:8, Isa. 49:22, 62:10; Jer. 4:6,21; 51:12,27.

A noção de sinais de guerra ou de paz faz parte significativa das predições dos profetas de Israel. No hebraico é empregado o verbo «assobiar», no original, *sharaq*, para indicar a convocação de homens e de animais, em zombaria pela destruição sofrida por alguma cidade ou nação, família ou indivíduo (para exemplificar: I Reis 9:8; Jó 27:23; Isa. 5:26; 7:18; Jer. 19:8; Lam. 2:15,16; Eze. 27:36; Sof. 2:15; Zac. 10:9).

A idéia profética do assinalamento é transportada para as narrativas do evangelho, onde as alusões aos profetas veterotestamentários usualmente contêm o termo grego *semaíno*, «reportar», «indicar de antemão». Embora esse termo tenha o seu sentido ampliado para indicar algum portento miraculoso, continua significando sinais de origem divina, tendo em vista resultados cataclísmicos e eternos.

O termo grego *semaíno*, indica «de antemão», e ocorre por seis vezes no Novo Testamento: João 12:33 18:32; 21:19; Atos 11:28; 25:27; Apo. 1:1. O substantivo *semeíon* aparece por setenta e duas vezes, de Mat. 12:38 até Apo. 19:20.

FAIA

No hebraico, **berosh**, palavra usada por vinte e uma vezes. As traduções têm interpretado essa palavra como alusiva ao cipreste, ao pinheiro e à faia. As referências bíblicas são: II Sam. 6:5; I Reis 5:8,10; 6:15,34; 9:11;11 Reis 19:23; II Crô. 2:8; 3:5; Sal. 104:17; Cant. 1:17 (onde aparece em sua forma plural *berothim*); Isa. 14:8; 37:24; 41:19; 55:13; 60:13, Eze. 27:5; 31:8; Osé. 14:8, Naum 2:3 e Zac. 11:2. Podem estar em foco espécies como o pinheiro de Alepo (Pinus halepensis), um tipo de cipreste (Cypressus sempervirens, ou o Pinus tinaster). A primeira dessas espécies pode atingir uma altura de dezoito metros e, devido à natureza de suas folhas, pode resistir a considerável periodo de seca. Medra abundantemente nas áreas montanhosas da Palestina. A última dessas três espécies atinge o dobro dessa altura e produz uma resina muito útil. A madeira dessa espécie é muito procurada, por ser forte e duradoura. Os portões de Constantinopla foram feitos com essa madeira e duraram por mais de mil anos. Se essa é a árvore em foco, então podemos compreender por que motivo os caibros da casa do rei e sua esposa foram feitos dessa madeira (Can. 1:17). O soalho do templo de Jerusalém também foi feito dessa madeira (Eze. 27:5); e Davi mandou fazer instrumentos musicais dessa mesma madeira (II Sam. 6:5; onde nossa versão portuguesa usa a tradução «faia»). Provavelmente, esses instrumentos eram harpas e flautas. O tronco dessa árvore era usado para fabricar mastros de navios. Todavia, dentre as três espécies aludidas acima, a mais provável candidata é o cipreste (*Cypressus sempervirens*). Ver também o artigo *Cipreste*.

FAIXAS

No hebraico, **chathal**, palavra usada no plural apenas por uma vez, em Eze. 16:4 e que nossa versão portuguesa traduz por «envolta em faixas». Nesse caso, a ausência das faixas, simbolicamente falando por ocasião do nascimento de Jerusalém, representava que ela fora rejeitada. A forma nominal aparece em Jó 38:9, sob a forma de «fraldas», dentro da frase com paralelismo poético, segundo o modelo hebraico: «...quando eu lhe pus as nuvens por vestidura, e a escuridão por fraldas?» Na tradução da Septuaginta, em ambos os trechos é usada a palavra grega *spárgana*, a qual também aparece em Lucas 2:7,12, onde nossa versão portuguesa a traduz por «enfaixar» e por «faixa», respectivamente, o que talvez seja um reflexo do uso que Ezequiel fez dela.

FALCÃO

No hebraico, **ayyah**, que figura por três vezes no Antigo Testamento: Lev. 11:14; Deu. 14:13 e Jó 28:7. Há considerável dificuldade quanto à identificação de animais e plantas na Bíblia, porque os antigos não os classificavam cientificamente, conforme se faz hoje em dia. Mesmo assim, os intérpretes concordam, de modo geral, que esse termo hebraico refere-se a essa ave de rapina, que pertence à família das águias, dos gaviões e dos milhanos (vide).

Há cerca de dez espécies diferentes de falcões na Palestina atual. Algumas dessas espécies são o falcão peregrino, o falcão de Lanner e o falcão francelho. Os maiores falcões atingem cerca de 45 centímetros de envergadura. Eles caçam somente presas vivas, como várias aves, pequenos roedores, lagartos e insetos. Cerca da metade dessas espécies vive permanentemente na Palestina, ao passo que a outra metade são aves migratórias.

FALDAS DE PISGA

No hebraico, **fontes de Pisga.** Esse nome indica certas nascentes e ravinas do monte Pisga (ver Deu. 3:17 4:49; Jos. 12:3 e 13:20). A região ficava localizada em Moabe. (S Z)

FALSO TESTEMUNHO

Um falso testemunho é uma inverdade solenemente dita em tribunal ou, informalmente, em público ou de uma pessoa para outra, ou seja, uma mentira. O intuito é sempre prejudicar a outrem e tirar disso um benefício próprio. O Antigo Testamento proibia essa prática com linguagem severa (Êxo. 20:16; 23:1; Deu. 5:20).

De acordo com a lei do «olho por olho», ou seja, a *lex talionis,* conforme a vemos em Deu. 19:16-21, uma testemunha falsa deveria receber a mesma penalidade que esperava que sobreviria ao falsamente acusado, se fosse condenado. Em dois trechos do Antigo Testamento é dito que Deus odeia as falsas testemunhas (Pro. 16:19 e Zac. 8:17). Jeremias 5:2 condenou as falsas testemunhas, que se fingiam piedosas e que diziam «Tão certo como vive o Senhor». Jesus referiu-se a essa prática como um dos principais pecados morais, tendo-o alistado juntamente com o homicídio, com o adultério, com o furto, com a fornicação e com a calúnia (Mat. 15:19). O falso testemunho é um pecado contaminador (Mat. 15:20). O trecho de Mat. 26:59 *ss* mostra-nos que Jesus foi vítima dessa prática pecaminosa. Outro tanto sucedeu a Estêvão (Atos 6:13). Jesus deixou claro que os seus discípulos sofreriam todos os abusos que também

O haviam vitimado (João 15:18 *ss*). Quanto a essa conexão, ver I Ped. 3:16.

FALSOS PROFETAS

O Antigo Testamento via os falsos profetas com grande severidade. Descobertos, deveriam sofrer a pena capital (Deu. 13:1-4). Algumas vezes, na história de Israel, os profetas falsos tomavam conta da cena, temporariamente. A adoração pagã foi ativamente promovida durante o reinado de Acabe. Oitocentos profetas falsos promoviam o culto pagão, mormente a adoração a Baal e a Asera (I Reis 18:20). Profetas mentirosos diziam aos reis de Israel o que eles queriam ouvir, e não a verdade (I Reis 22:6-23). Os verdadeiros profetas denunciavam os profetas falsos, juntamente com suas supostas visões (Jer. 29:21-23).

No Novo Testamento, os falsos profetas eram muitos (I João 4:1). Eram chamados *anticristos*. Jesus também caracterizou-os como lobos vestidos em peles de ovelhas (Mat. 7:15). Paulo feriu com cegueira o falso profeta, Bar-Jesus (Atos 13:6,11). Jesus predisse que muitos profetas falsos surgiriam e realizariam milagres (Mat. 24:24; Mar. 13:22). O sétimo capítulo de Mateus mostra que os crentes deveriam ser bons imitadores dos profetas autênticos, para não serem confundidos com os falsos profetas.

O maior dos falsos profetas será o precursor do anticristo (vide). Ver Apo. 13:12-14 e o comentário sobre ele, no NTI. O falso profeta proverá poderosos sinais (milagres), em confirmação da autoridade do anticristo. Ver o artigo separado sobre *o Falso Profeta*.

Mat. 7:15: *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas inteiramente são lobos devoradores.*

Acautelai-vos dos falsos profetas. Para evitar entrar pela porta larga, que corresponde à religião errada, o homem deve escolher determinado tipo de vida, caracterizado pela fé; e também deve evitar entrar no «caminho espaçoso», que é o curso de vida que inclui os anelos da existência terrena. Precisamos tomar cuidado com aqueles que advogam a vida errada, ensinando doutrinas pervertidas, os quais encorajam os homens a entrar pela porta larga podendo assim caminhar pelo caminho espaçoso. As interpretações em torno *dos falsos profetas* são: 1. As autoridades religiosas dos judeus, como os fariseus. 2. Os impostores, como Judas da Galiléia (ver Atos 5:37; Josefo, de Bell Jud. 2:13,47). 3. Os profetas falsos da época cristã (Mat. 24:11,24; ver também os vss. 21-23 deste capítulo). 4. O ensino de Deus é geral, e por isso inclui todas essas idéias: qualquer indivíduo que mostre e ensine coisas que façam outros entrarem no caminho espaçoso. Provavelmente essa é a idéia de Jesus, neste caso. Ver também Atos 20:29, 30 e II Ped. 2:1,2.

Disfarçados em ovelhas. Vestidos como ovelhas. Aqui há alusão à veste dos profetas, descrita em 3:4 e também em Heb. 11:37. Todavia, Jesus não fala literalmente de roupas, mas usa essa expressão a fim de indicar a natureza da ovelha, isto é, que ela é gentil e mansa. Apresentando-se como ovelha, o lobo consegue intrometer-se entre elas. Mas come a carne das ovelhas. O profeta *falso* pode até viver literalmente das ovelhas (dinheiro), comendo assim a sua carne e vestindo-se com a sua lã. O *Didache* (ensino dos apóstolos) refere-se a certas pessoas, intitulando-as comerciantes de Cristo, pois da religião de Cristo fazem um meio de vida, um meio de ganhar dinheiro, como se fora qualquer outro negócio. De outra feita o Senhor Jesus falou desse tipo de espertalhão: «Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores» (João 10:8). E mais adiante, no mesmo capítulo, fala acerca do «mercenário», que não é pastor verdadeiro e, por isso mesmo, não cuida das ovelhas.

Lobos roubadodores. Indivíduos que não cuidam das ovelhas, pelo contrário, destroem-nas e não as salvam. Para conseguir os seus objetivos, vinculados ao dinheiro ou ao sentimento de grandeza, etc., estão prontos a sacrificar as ovelhas. (Ver II Cor. 11:2,3,13,15, onde Paulo fala de tais pessoas).

Os lobos são mais perigosos do que os cães e os porcos selvagens (vs. 6). Os cães e os porcos se apresentam como inimigos hostis aos discípulos do reino. Os lobos, sendo animais selvagens mais perigosos, bravos e fortes, aparecem como profetas e se apresentam no meio das ovelhas. Na história da igreja lemos que apareceram no tempo oportuno como judaizantes (ver II Cor. 11:13), e em vários lugares apareciam no mundo dos gentios, onde fora estabelecida alguma igreja cristã, na forma de gnósticos (ver I João 4:1; II Tim. 4:1). Tais lobos sempre encontram as suas vítimas.

Mat. 24:11: *Igualmente hão de surgir muitos falsos profetas, e enganarão a muitos;*

Ver o vs. 5. A diferença entre aqueles descritos no vs. 5 e os que são mencionados aqui é que os primeiros são essencialmente uma espécie de falsos messias, ou pelo menos que se fazem líderes de movimentos tipo messiânicos, freqüentemente com ligações políticas. A maioria daqueles mencionados neste versículo, os *falsos profetas,* tem-se levantado no seio da própria igreja. Alguns deles têm sido *antinomianos,* isto é, são libertinos que exageram as declarações do apóstolo Paulo de que o crente está livre da lei de Moisés. Muitos dos *gnósticos* pertenciam a essa classe, dizendo que não tem importância o corpo, por ser ele o guardião do mal, e que a morte do corpo é a única coisa capaz de livrar a alma, para que ela, então, siga para a inocência completa. Os que se guiavam por tais idéias pouco se importavam como tratavam o corpo ou quantos pecados de natureza carnal eram praticados, sem qualquer escrúpulo de consciência. Alguns desses homens tornaram-se líderes nas igrejas. Foi desses tipos que Paulo falou quando escreveu «Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherzinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões» (II Tim. 3:6). O ponto principal em foco não é tanto a atitude libertina, mas o fato de que havia mestres, nas igrejas, que ensinavam que não há mal algum nessas coisas, porque envolvem apenas o corpo que não tem importância alguma para a natureza moral do homem. Acerca dos tais, disse também o apóstolo: «Tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, poder. Foge também destes» (II Tim. 3:5)

Além disso, e por outro lado, havia também os gnósticos e outros de ação contrária, que enfatizavam *o ascetismo,* isto é, que maltratavam os seus próprios corpos e que se deixavam orientar por uma interminável lista de proibições contra uma multidão de coisas, seguindo um tanto a atitude dos fariseus. Havia aqueles que diziam: «Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aqueloutro» (Col. 2:21). Tinham regras quanto ao uso dos alimentos, observavam dias especiais, mostravam-se contrários ao casamento e proibiam qualquer uso do sexo, mesmo legítimo. Paulo sentiu-se obrigado a advertir seus ouvintes e leitores que esses, igualmente, eram falsos profetas.

Outrossim, havia também os *judaizantes,* que eram legalistas que pervertiam as doutrinas da graça e que tentavam conservar a igreja sob a lei de Moisés. O evangelho segundo os Hebreus (um evangelho apócrifo) parece ter sido escrito com o propósito definido de fazer da igreja uma instituição judaica, ignorando as revelações recebidas por Paulo e negando-as, revelações essas que dão à igreja o seu caráter distintivo. As epístolas de Paulo aos Efésios e aos Colossenses foram escritas a fim de combater diversas formas de heresia, incluindo a forma de gnosticismo que ensinava que Cristo era apenas *um* ser pertencente à ordem dos *anjos,* mas não divino.

A Apostasia dos Últimos Dias

O anticristo enganara quase toda a igreja, e através dele, o próprio Satanás será adorado em todo o mundo. Então, se realizará a *grande apostasia.* Ver os artigos separados sobre *Apostasia* e *Anticristo.*

FAMÍLIA

Esboço:

I. Definição
II. As Principais Funções da Família
III. A Origem da Família
IV. Práticas de Casamento
V. Alguma Informação Veterotestamentária sobre a Família

VI. O Novo Testamento e a Família
VII. Metáforas Espirituais e a Família
VIII. A Família e os Símbolos nos Sonhos e nas Visões

I. Definição

A palavra **família** usualmente refere-se a um grupo de pessoas relacionadas entre si por laços de parentesco ou de matrimônio, como os pais e seus filhos, que vivem juntos em uma mesma residência. Um grupo assim usualmente pratica uma economia em comum, havendo um ou mais membros que contribuem para o sustento de todos. Por extensão, a palavra também indica algum grupo de pessoas com um mesmo antepassado, ou mesmo um grupo atualmente vivo, composto por muitas unidades familiares individuais. *Metaforicamente,* o vocábulo também é usado para indicar pessoas que não estão biologicamente relacionadas entre si, como sucede nas fraternidades, nos clubes sociais, compostos por pessoas que não têm qualquer conexão racial umas com as outras. O *clã,* por sua vez, é uma unidade familiar maior. Em certas culturas, os vínculos que formam um clã são bastante fortes. Embora não com exclusividade, os povos semitas são os que mais dão valor ao sistema.

II. As Principais Funções da Família

Cinco principais funções da família podem ser mencionadas, a saber:

1. *Relações sexuais.* O ideal da maioria das religiões (que também faz parte das leis civis de muitos países) é que as atividades sexuais limitem-se ao âmbito da família. As leis judaicas contra os desvios sexuais, como o adultério, visavam, principalmente, a proteger a unidade da família.

2. *Reprodução.* É mister um longo tempo para fazer a prole humana tornar-se madura e auto-suficiente. A família é a unidade de incubação e treinamento, com esse propósito. A reprodução fora dessa unidade representa um sério problema pessoal e social. A herança genética é um dos principais, se não mesmo o principal fator que determina o sucesso ou não de uma criança, neste mundo.

3. *Questões econômicas.* A luta pela sobrevivência econômica, com freqüência, depende da solidariedade da unidade da família. Uma pessoa que ganhe um bom salário pode sustentar o grupo inteiro; e mais de um sustentador pode prover à família conforto e prosperidade material. A necessidade de sustentar os membros da família é a motivação por detrás do trabalho e das profissões, que são elementos básicos em qualquer sociedade.

4. *Educação.* A maioria das sociedades alicerça-se sobre a educação básica que a família provê para os seus membros, começando pela aquisição e aperfeiçoamento do idioma. Uma criança entra no sistema escolar público com vantagens ou desvantagens, tudo dependendo da qualidade da educação doméstica com que chega ali. A educação religiosa também começa no seio da família. Ver o artigo separado sobre a *Educação Cristã.*

5. *Provisões* e *proteção.* Não é fácil uma criança ficar só e enfrentar o mundo, contando apenas com suas próprias forças e recursos. Na escola, uma criança encontra forças no fato de que a *mamãe* está em casa, disposta a ajudar, e que o *papai* pode resolver todos os problemas que a avassalem. Além disso, um irmão maior poderá protegê-la das ameaças de outras crianças. Acresça-se a isso que também há o orgulho de família. A posição de uma família, no seio da sociedade, pode inspirar uma criança a procurar fazer tudo o melhor possível. Essa questão, todavia, pode ser exagerada, quando os filhos de certos pais são favorecidos, em vista do prestígio e poder econômico de certas famílias.

6. *Afeto.* Ninguém vive bem sem o amor e o apoio de outras pessoas. As relações afetuosas começam no seio da família.

III. A Origem da Família

Os primeiros capítulos do livro de Gênesis mostram que a família foi a primeira das instituições divinas. Os evolucionistas e antropólogos têm dúvidas a esse respeito, supondo que a família humana emergiu da ascensão evolutiva do homem, provavelmente por razões econômicas ou de proteção mútua. A extrema dependência da prole humana, em seus tenros anos ensina-nos, pelo menos, que, desde o princípio, deve haver mães que cuidem de seus filhos, o que já constitui uma unidade básica da família. De outro modo, a raça humana não poderia sobreviver. As evidências arqueológicas demonstram o fato de que onde existiu o homem, também existiu a família. Portanto, qualquer coisa dita em contrário não passa de especulação. Mesmo que os primeiros relacionamentos entre os sexos tivessem sido promíscuos, de tal maneira que não fossem formadas famílias, as mães eram protetoras, e, podemos supor, pelo menos ocasionalmente deve ter havido pais protetores e provedores, que muito devem ter contribuído para a criação dos filhos. Isso deve ter acontecido mesmo quando os homens tivessem outras mulheres que, com seus filhos, fossem objeto das atenções deles.

IV. Práticas de Casamento

Fornecemos um artigo separado sobre esse assunto, intitulado Matrimônio. As formas básicas do casamento são a monogamia (um homem e uma mulher); a *poligamia (um* homem e mais de uma mulher); a *poliandria (uma* mulher e mais de um homem) e o *casamento em grupo* (não há casais fixos e as crianças são criadas pela comunidade inteira). Normas sociais econômicas, filosóficas e religiosas é que determinam a forma predominante de casamento, em qualquer sociedade. A poliandria é rara; mas, quando ocorre, usualmente irmãos, pais e filhos recebem os favores sexuais de uma mesma mulher. O casamento em grupo, sugerido por Platão para as classes de elite da sociedade, e praticado em algumas comunidades utópicas de nosso tempo, como nas comunidades hippies, também é uma forma muito rara de matrimônio.

V. Alguma Informação Veterotestamentária sobre a Família

1. O Antigo Testamento, no começo do livro de Gênesis, e os ensinos da Tora falam sobre a família como uma instituição divina para o desenvolvimento físico e espiritual da raça humana. O Antigo Testamento não tem uma palavra específica para indicar a idéia de «família», mas usualmente emprega a palavra «casa» quando alude à família (Rute 4:11; I Crô. 13:14; II Crô. 35:2,12; Sal. 68:6).

2. Na qualidade de *instituição divina,* a família está sujeita às ordenanças e às leis; e, em escala maior, a sociedade, composta de todas as famílias de uma comunidade, também está sujeita a essas normas. A monogamia, que vem desde o jardim do Éden (Mar. 10:6-9), tornou-se o grande ideal da família; mas quase nunca é praticada na sociedade.

3. O *Decálogo* (Exo. 20:14,17) e o grande número dos preceitos levíticos (ver Lev. 18:6-18; 20:14-21; 21:7-15) governavam a formação da família e a vida doméstica, entre os israelitas. Esses preceitos incluem questões como dotes, festividades, noivado, casamento, educação dos filhos, etc.

4. A família é a *unidade básica* da sociedade humana e de qualquer nação. Os pactos do Antigo Testamento foram estabelecidos com essas unidades maiores, existentes na humanidade. Ver o artigo separado sobre os *Pactos.* Todavia, apareceram dificuldades. Ló acabou se envolvendo com uma sociedade pagã (incluindo o homossexualismo e a total promiscuidade sexual prevalentes em Sodoma); Israel tornou-se um povo cativo no Egito. Apesar dessas coisas, o *êxodo* (vide) foi o acontecimento histórico que possibilitou a continuação da relação do pacto estabelecido com Deus.

5. A *poligamia e o casamento levirato.* O livro de Gênesis mostra que a poligamia começou bem cedo, no gênero humano: «...Lameque tomou para si duas esposas...» (Gên. 4:19). Todos os patriarcas das primeiras gerações eram polígamos. As concubinas, incluindo aquelas que vinham da classe social dos servos, eram um elemento importante nas sociedades antigas. As leis da Babilônia, de Nuzi e de Hati demonstram a base comum que havia quanto a essas questões, que as sociedades mesopotâmicas compartilhavam, de modo geral, com a cultura dos hebreus. Destarte, a família tornou-se uma grande *salada,* com inúmeros meio-irmãos, com unidades e subunidades. Os intérpretes consideram isso uma erosão da ordem própria da família. Deveríamos considerar um fator que é freqüentemente es-

quecido. As grandes matanças e intermináveis guerras e conflitos armados, naturalmente, deixam como saldo um grande número de mulheres solteiras. Ora, onde houver uma maioria de mulheres, a poligamia torna-se uma prática viável, e, talvez, até necessária, para a sobrevivência da sociedade e para seu bem, se não para a sua boa ordem. O papa João Paulo II tem-se mostrado especialmente preocupado acerca desse problema, e, por ocasião do sínodo de 1986, reagiu com consternação diante da declaração de um bispo católico romano da África, de que é impossível eliminar a poligamia na sociedade africana. No entanto, a experiência tem demonstrado que quando os missionários cristãos impõem a monogamia sobre católicos romanos que até então tinham vivido polígamos, as esposas que são descartadas tornam-se prostitutas, por faltar-lhes a educação e os meios para participarem da sociedade como mulheres responsáveis e independentes. Assim, quando lemos o Antigo Testamento e vemos a dilapidação constante da população masculina, devido a intermináveis conflitos, até que chegamos a simpatizar com a poligamia, como um meio de proporcionar às mulheres algum tipo de vida em família, ainda que não seja a situação *ideal.* Em qualquer sociedade, onde haja um número bem maior de mulheres do que de homens, a poligamia não oficial não demora a tornar-se a prática comum. A despeito de tudo isso, o ideal do casamento monógamo é louvável (Pro. 5:15-19), mesmo que quase nunca tenha sido posto em prática na sociedade hebréia.

O casamento levirato, segundo o qual um irmão ficava com a esposa viúva de um seu irmão falecido, se aquele casal não tivera filhos, tinha o intuito de preservar o nome, a posteridade e a herança da família. Ver Deu. 25:5-10 e o artigo separado sobre a *Lei do Levirato.*

6. Por quase todas as páginas da Bíblia evidencia-se a *responsabilidade da família* em treinar a criança no caminho da espiritualidade. Que essa é a substância do ensino do Antigo Testamento, ver Provérbios 22:6. Paralelamente, a família também era uma escola profissional, de tal maneira que os filhos tivessem um meio de vida. Ver o artigo separado sobre as *Escolas.*

7. *A condição da mulher.* A antiga cultura judaica não provia para as mulheres uma posição muito elevada, com algumas notáveis exceções, naturalmente. Alguns rabinos chegaram ao extremo de debater se as mulheres tinham alma ou não. Um famoso ditado entre os rabinos dizia: «É preferível queimar a lei do que ensiná-la a uma mulher». Nas cidades, as mulheres eram praticamente mantidas reclusas. Seus companheiros mais constantes eram os escravos e as crianças. Nas áreas rurais, onde a ajuda das mulheres era necessária no trabalho do campo, a liberdade delas era bem maior.

Já vimos como a poligamia era a norma, e não a exceção. Os reis de Israel, de Salomão em diante, contavam com haréns elaborados e muitos filhos. Ver o artigo sobre *Davi,* onde há um quadro que mostra que, por onde ele ia, recolhia mais algumas mulheres como esposas ou concubinas, de tal modo que o autor sagrado nem tenta dar os nomes de todas elas. Quanto a informações mais detalhadas sobre esse assunto em geral, ver o artigo intitulado *Mulher, Posição da.*

8. A *autoridade do homem.* Não há que duvidar que, nas sociedades antigas, o pai era o cabeça da família. Essa norma estava à raiz da sociedade patriarcal (Gên. 3:16; I Cor. 11:3-10). Um pai de família tinha direitos de vida e morte sobre os membros de sua família (Deu. 21:18-21). O mais idoso pai sobrevivente, dentro da estrutura da família (bisavô, avô) retinha seu poder e autoridade dentro da sociedade patriarcal (Gên. 9:25,27; 27:27-40; 48:15,20; 49). O pai era o responsável pela instrução religiosa e secular dos membros de sua família (Exo. 12:26; Deu. 6:20). A desobediência poderia resultar em punição capital (Deu. 21:18).

VI. O Novo Testamento e a Família

1. A família de Jesus é a única família que é especificamente descrita no Novo Testamento, mas mesmo assim, há muitas especulações acerca da natureza exata da família de Jesus. Aqueles membros da família que são mencionados como seus irmãos e irmãs seriam filhos somente de José (não de Maria), de um casamento anterior? Seriam primos? Ou seriam filhos de José e de Maria, e portanto meio irmãos de Jesus (visto que ele era filho somente de Maria)? Ver o artigo separado sobre a *Família de Jesus,* quanto a informações sobre esse assunto.

Podemos supor que a típica família judaica, dos dias de Jesus, não diferia muito das famílias antigas de outras nações, excetuando a questão da educação. Através da sinagoga, foi desenvolvido um sistema bastante elaborado de educação para os *meninos,* mas não havia idêntica instrução para as meninas. Nos tempos helenistas, havia escolas que promoviam os estudos das ciências e da filosofia, embora isso nunca tivesse sido uma característica importante da cultura judaica. Ver o artigo separado sobre a *Educação,* que fornece descrições detalhadas sobre essa questão, no que tange a uma comparação à cultura judaica e a outras culturas.

2. *Jesus e a Família.* Jesus apelou para os ditames originais da criação como diretriz quanto à organização da família, incluindo a idéia da monogamia (Mat. 5:27-32; 18:19,20). Jesus utilizou-se da família a fim de ilustrar as principais qualidades éticas, como o amor, o perdão, a longanimidade de Deus e a paternidade de Deus. Também utilizou-se das crianças para ilustrar as qualidades da simplicidade e da inocência, a par com uma confiança profunda e implícita, com o intuito de ilustrar como devem ser os membros do reino de Deus (Mat. 19:13-15). Vários dos milagres de Jesus estiveram ligados às famílias, às provações que elas sofrem, às cargas que elas precisam suportar. Ver Mat. 8:1-15; 9:18-26; 15:21-28; João 2:1-11; 4:46-54; 7:11-17; 11:1-46; 21:6-11.

3. *Instruções Apostólicas.* Trechos neotestamentários relativos à família são: I Cor. 7:1-28; 11:3; II Cor. 6:14 *ss;* Efé. 5:22; Col. 3:18; I Tim. 5:8; I Ped. 3:1-7. No sétimo capítulo de I Coríntios, Paulo mostra que preferia o celibato à vida de casado, para aqueles que tenham o dom de Deus para tanto. Ele via o casamento como um meio para o crente ter uma vida sexual legítima, incluindo como um resguardo contra a fornicação e o adultério. O homem é o cabeça da mulher, tal como Cristo é o cabeça do homem. Os casamentos deveriam ser contraídos somente dentro dos limites da fé espiritual comum e nunca com incrédulos. Se falarmos em termos de conceitos principais, temos os seguintes: o homem deve amar sua esposa, cuidando dela; a mulher precisa reverenciar seu marido e ser-lhe submissa; os filhos devem obedecer a seus pais.

No casamento há elementos místicos que fazem os cônjuges tornarem-se uma só carne, combinados de uma maneira misteriosa, que envolve suas energias vitais e espirituais. A união entre Cristo e a sua Igreja também é chamada de um *mistério,* em Efésios 5:32. A sujeição da mulher ao marido, no casamento, talvez seja o grande tema isolado mais enfatizado, e isso dentro de um contexto espiritual. No dizer de Paulo, isso é «como convém no Senhor» (Col. 3:18). O chefe da família tem o dever de prover o necessário para a sua família (I Tim. 5:8). O trecho de II Cor. 12:14 proíbe a exploração das crianças (em sentido financeiro, e, podemos supor, em outros sentidos, igualmente) por parte dos pais, que poderiam ser tentados a viver explorando-as. Antes, os pais devem prover o necessário para os filhos. Todavia, isso não elimina o dever dos filhos de cuidarem de seus pais, quando eles ficarem idosos (Mar. 7:11 *ss),* mas regulamenta a conduta geral dos membros de uma família no tocante ao dinheiro. A família, como um todo, é objeto da instrução cristã (Atos 5:24 e 20:20). Tal como nas famílias judaicas, a instrução espiritual reveste-se de capital importância nas famílias cristãs. Passagens como as de Colossenses 3:18 *ss* e o quinto capítulo da epístola aos Efésios indicam que as famílias eram alvos de uma instrução especial; e podemos estar certos de que cada família cristã era uma escola, em si mesma. As igrejas locais, naturalmente, a princípio usavam as residências de certas famílias como lugares de adoração e de ensino. Ver Rom. 16:5,23; I Cor. 16:19; Col. 4:15; File. 2. Somente em séculos posteriores os cristãos começaram a construir edifícios separados com esse propósito, seguindo a idéia que já vinha sendo exemplificada pelas sinagogas (vide).

VII. Metáforas Espirituais e a Família

1. A Igreja é a casa espiritual de Deus (Efé. 2:19; Heb. 3:1-6).

2. A Igreja é a casa da fé (Gál. 6:10).

3. A salvação consiste na *filiação* e os filhos de Deus chegam a participar da própria natureza de seu Pai celeste (Rom. 8:29; Col. 2:10; II Ped. 1:4).

4. Como membros da família espiritual de Deus, somos *herdeiros* das riquezas celestiais e espirituais (Rom. 8:15-17).

5. Ter Deus como pai significa que devemos buscar as suas perfeições (Mat. 5:48), como membros da família divina, e isso implica em muitas e grandes responsabilidades morais e espirituais.

6. Ter Deus como pai também significa que contamos com os seus cuidados. Aquele que nota até a queda dos pardais, cuida de cada um de seus filhos (Mat. 10:31). Ver também Mat. 6:8. O Pai sempre tem consciência de nossas necessidades. Esse é o pensamento introdutório da oração do Pai Nosso, no sexto capítulo de Mateus. Ver o artigo separado sobre a *Paternidade de Deus.*

7. Cristo é o Filho e o herdeiro da casa de Deus, e através dele, também somos filhos e ele é o Filho mais velho da casa de Deus (Gál. 3:23; 4:7; Rom. 8:15-17).

8. Os crentes também são servos e mordomos na casa de Deus (I Cor. 9:17; I Ped. 4:10).

9. Os laços matrimoniais envolvem elementos místicos, com a comunicação de energias vitais, conforme presumimos. Assim, de algum modo misterioso, os cônjuges tornam-se uma só carne. Isso ilustra o mistério ainda maior da comunhão que há entre Cristo e a sua Igreja, que é chamada de sua noiva. Ver Efé. 5:30 *ss.*

10. O trecho de Apo. 21:2,9 mostra-nos que a futura glória da Igreja pode ser comparada a uma *noiva* que se prepara para seu noivo. Portanto, o casamento pode ilustrar a união que vincula Cristo (o noivo) à Igreja (a sua noiva).

11. *Disciplina.* Todos os filhos cometem erros, e os pais, em determinadas ocasiões, precisam discipliná-los. Outro tanto ocorre na família celestial. Os filhos legítimos estão sempre sujeitos à disciplina do Senhor. Todavia, essa disciplina existe com a finalidade de beneficiar os filhos, e não meramente de castigá-los. Esse princípio é apresentado em Heb. 12:5 *ss.* Creio que esse princípio aplica-se a qualquer juízo divino. Pois, apesar dos juízos de Deus parecerem severos (serão tão severos quanto for necessário), seu propósito é beneficiar os julgados, mesmo no caso dos incrédulos. Certamente isso fica entendido em I Pedro 4:6, onde vemos que o juízo produzirá certa medida de vida espiritual; e o contexto (I Ped. 3:18; 4:6, a descida de Cristo ao *hades*; vide) ensina-nos que estão em foco os *desobedientes* e não crentes. Ver o artigo separado sobre o *julgamento.* Deus é o Pai de todos os seres vivos, e não apenas dos seus eleitos. Logo, é natural esperarmos que o seu amor, expresso por meio de julgamento, venha a aplicar-se a todos.

12. A família dos remidos não é a única família que pertence a Deus. Ver Efé. 3:15. O versículo anterior desse mesmo capítulo refere-se a Deus como Pai. Além disso, aprendemos que há famílias compostas de seres inteligentes (as quais, provavelmente, formam muitas ordens diversas), que não são seres humanos, que também têm Deus como Pai. A criação de Deus é muito vasta, a vida é imensa. Mas o amor de Deus permeia todas as coisas.

VIII. A Família e os Símbolos nos Sonhos e nas Visões

Os membros de uma família mantêm entre si um relacionamento intenso, íntimo, mas, às vezes infelizmente, hostil. Isso provê material para todos os tipos de representação simbólica, na vida dos sonhos. Amar, a necessidade de ser amado, rivalidades, a necessidade de comunhão e de independência, etc., entram nos sonhos e são ilustrados por várias relações domésticas.

1. *O Triângulo.* Em primeiro lugar, temos o triângulo constituído por pai, mãe e filho. Apesar de que no seio das famílias haja grande comunhão e amor, a rivalidade, com freqüência, vem fazer parte do quadro. Um marido pode sentir-se desprezado por parte de sua mulher, se esta der demasiada atenção a um filho pequeno. Uma esposa pode sentir-se desprezada por seu esposo, se este trabalha demais e negligencia seus deveres domésticos. Os sonhos, pois, podem refletir tanto o afeto quanto a hostilidade inerente nesse triângulo doméstico normal. Mas há um triângulo pior, formado por marido, mulher e amante. Os sonhos que envolvem conflito e rivalidade podem refletir o mesmo. Algumas vezes, um sonho representa um amante como uma força destrutiva, advertindo sobre o iminente desmantelamento do casamento. Outras vezes, a coisa funciona ao contrário. A esposa (ou o esposo) é representada nos sonhos como um fator divisório, que impede ou ameaça destruir o amor conjugal.

2. *Os Complexos de Édipo e de Electra* (ver os artigos separados sobre ambos esses complexos) também são representados nos sonhos, usualmente por meio de símbolos ameaçadores, ou que provocam o senso de pejo. Quando uma pessoa se enamora de alguém que não é membro de sua família (se há oposição ao romance), então o novo amor pode ser simbolizado por um encontro *incestuoso,* em um sonho, simplesmente porque tal amor é proibido.

3. *Sonhos de Morte dos Pais.* Uma criança pode sentir-se sufocada pelo amor dominador do pai, da mãe ou de ambos, e então pode sonhar com a morte de um ou de ambos os pais, o que simboliza o seu intenso desejo de libertar-se das limitações impostas pela família. Um sonho desse tipo pode indicar, para a criança, a necessidade de separar-se de sua família. É como se o sonho dissesse: «É chegado o tempo de você levar a sua própria vida neste mundo».

4. *Sonhos que Lançam os Pais no Descrédito.* Um filho pode ser dependente demais de seus pais, ou por motivo de afeto ou por motivo de dinheiro e segurança. A criança pode sonhar que seu pai é um alcoólatra ou dotado de caráter desprezível, quando o pai não é nada disso. Tais sonhos tentam lançar os pais no descrédito, na esperança de romper com a exagerada dependência que o filho tem diante de seus pais.

5. *Sonhos de Parricídio ou Matricídio.* Um filho pode ter um sonho horrível assim quando precisa desesperadamente de independência. Naturalmente, tal sonho também pode ser um reflexo de seus sentimentos de hostilidade para com os seus genitores.

6. *Sonhos de Rivalidade Entre os Filhos.* Esse tipo de sonho pode refletir a competição pelo amor e pela atenção da parte dos pais, ou então pode refletir aquelas rivalidades naturais que surgem nas situações domésticas. O ato de matar um irmão ou irmã, em um sonho, pode subentender hostilidade em relação à pessoa morta no sonho, ou então o desejo de libertar-se de restrições representadas por tal pessoa. Consideremos a história de Caim e Abel.

7. *Arquétipos.* A mãe pode representar a força da vida; ou, negativamente, uma mãe terrível, superpossessiva e destruidora. O pai pode representar autoritarismo, opressão, ou então, positivamente, a autoridade na família e a proteção paternal.

8. *O Filho ou a Filha como se Fosse o Próprio Trabalho.* Um sonho comum é aquele que se utiliza da figura de um filho ou de uma filha como se fosse o próprio trabalho da pessoa, ou então o ideal que o sonhador está procurando trazer à realidade. É como uma espécie de nascimento. Ademais, trabalhar em um projeto assemelha-se a criar uma criança. Mesmo as pessoas sem filhos usam o símbolo da criança, em seus sonhos.

Bibliografia. Ver o artigo sobre o *Matrimônio,* e também AM CHE E H JUD ND.

FARAÓ

Esboço:
I. O Título e sua Origem
II. O Ofício de Faraó
III. Os Faraós Mencionados na Bíblia

I. O Título e sua Origem

Faraó era o título dos reis do Egito. Trata-se de uma transliteração, para o hebraico, de um vocábulo egípcio que significa «casa grande». A princípio foi usado para referir-se ao palácio

real da corte egípcia. Tal uso prevaleceu durante os reinos Antigo e Médio (ver o artigo sobre o *Egito*). As datas envolvidas foram o terceiro milênio e a primeira metade do segundo milênio A.C. Mas, pela metade da XVIII Dinastia (cerca de 1450 A.C.), o termo passou a ser aplicado ao próprio monarca, como uma espécie de sinônimo de «Sua Majestade». A arqueologia tem podido confirmar esse uso em relação aos reinados de Tutmés III Tutmés IV, Aménofis IV e Aquenaton. A partir da XIX Dinastia, encontramos muitas referências literárias ao nome. Isso tem paralelo nas referências bíblicas dos livros de Gênesis e Êxodo. A partir da XII Dinastia (945 A.C.), o título com freqüência aparecia vinculado a um outro, para efeito de distinção, como Faraó Sesonque, que foi encontrado em uma estela. No Antigo Testamento há paralelos a isso, como Faraó Neco e Faraó-Hoira.

Os reis egípcios eram chamados por uma elaborada lista de nomes, que incluía um nome pessoal freqüentemente relacionado ao nome de uma divindade ou poder divino. *Faraó* parece ter sido a maneira mais popular de designar o monarca egípcio, quando era inconveniente repetir toda a lista de nomes.

II. O Ofício de Faraó

O conceito do direito dos reis era vital para os egípcios. Faraó era tido como a personificação de algum deus em particular, ou dos deuses. Portanto, ele seria uma espécie de deus entre os homens, e de homem entre os deuses, possuidor de um ofício divino humano. Pelo menos em determinado período da história do Egito, sentia-se que o rei era um deus encarnado. Com o tempo porém, foi diminuindo essa elevada posição de Faraó. Como filho de Rá, Faraó era retratado como pessoa poderosíssima; mas, visto que Rá estava sujeito a outros deuses, por isso mesmo a posição de Faraó foi decrescendo cada vez mais. No tempo do Novo Reino, esperava-se que os reis do Egito cumprissem as ordens dos deuses ou do deus, especialmente Amom, mantendo de pé o *maut, ou* seja, a ordem justa e correta de coisas, garantindo uma sociedade eqüitativa e estável. Visto que o Faraó era representante da divindade, também era o único sumo sacerdote da religião egípcia. Muitas descobertas arqueológicas têm ilustrado as funções religiosas de Faraó. Algumas das mais importantes funções religiosas eram efetuadas pelo próprio Faraó, por ocasião da celebração da festa em honra ao deus Amom, em Tebas, no começo do reinado de cada monarca. Porém, a maioria das funções religiosas era deixada ao encargo dos sacerdotes comuns.

As fortes tradições nacionais e religiosas investidas nos Faraós, sem dúvida alguma, foram responsáveis pelo fato de que, nas monarquias egípcias, talvez tenhamos o mais estável governo jamais produzido na história da humanidade. Poucas das dinastias egípcias foram perturbadas por lutas internas pelo poder da organização geral da sociedade, a proteção do Estado, a preservação das tradições políticas, culturais e religiosas.

A elevada posição de Faraó e sua íntima ligação com os deuses ajudam-nos a entender melhor o problema que Israel enfrentou no Egito. Não foi questão pequena aquela massa de gente abandonar o país, contra a vontade expressa do Faraó e, presumivelmente, contra a vontade dos deuses do Egito. Também não foi coisa de somenos essas imaginárias divindades perderem a batalha para Yahweh. Foi apenas natural, pois, que mesmo depois de o Egito ter sofrido tanto no conflito, um exército ter sido enviado atrás dos israelitas, na tentativa de forçá-los a voltar. Porém, isso apenas armou o palco para a cena mais humilhante para os egípcios e seus deuses.

III. Os Faraós Mencionados na Bíblia

1. *No Tempo de Abraão.* Ver Gên. 12:12-20. Datar a época de Abraão tem sido uma tarefa difícil, visto que os estudos modernos têm mostrado que digna de confiança é a prática de datar por meio das genealogias. Se Abraão tiver de ser posto dentro do segundo milênio A.C. (2000—1800 A.C.), então isso o tornaria paralelo ao Reino Médio, talvez, mais especificamente, na XII Dinastia (1991 — 1786 A.C.). Nesse caso, os Faraós envolvidos seriam Amenemes (I—IV) ou Sesostris (I—III). Durante esse tempo, a capital do Egito ficava em Itete-Tawy, imediatamente ao sul de Mênfis. Os Faraós desse período também mantinham residência em Gósen.

2. *No Tempo de José.* Se situarmos José, filho de Jacó, em cerca de 1700 A.C., então teremos de dizer que ele viveu nos fins da XIII Dinastia, na época dos reis hicsos. Isso não combina com a cronologia massorética, e alguns estudiosos têm sugerido Amenemes (I—IV) ou Sesostris (I—III) como prováveis candidatos. Se estiveram envolvidos reis hicsos, então a mudança de uma dinastia para outra (em cerca de 1650 A.C.) poderia explicar a declaração bíblica de que o novo Faraó não conhecia José (Êxo. 1:8).

3. *No Tempo da Opressão de Israel.* Alguns estudiosos pensam que nos capítulos primeiro e segundo do livro de Êxodo estão em foco dois Faraós, ao passo que outros pensam apenas em um. Muitos supõem que o Faraó da opressão foi um, e que o Faraó do êxodo já foi outro. As identificações dependem das datas dessas ocorrências. Por isso, os eruditos continuam debatendo sobre a questão. Se aceitarmos a data anterior para o êxodo (cerca de 1441 A.C.), então o Faraó teria sido Tutmés III (cerca de 1482 — 1450 A.C.), ou algum dos Faraós opressores. Porém, aqueles que falam em uma data posterior para o êxodo, preferem pensar em Seti I (cerca de 1319—1301 A.C.), ou Enófis III, o que desconsidera a cronologia dos massoretas. Ver a discussão sobre a *Data do Êxodo,* no artigo sobre esse segundo livro da Bíblia.

4. *No Tempo do Êxodo de Israel.* Ver os capítulos quinto a décimo segundo do livro de Êxodo. Se favorecermos a data mais antiga para o êxodo, então deveremos pensar sobre Amenofis II, da XVIII Dinastia (cerca de 1440 A.C.). Ele era filho do famoso construtor do império, Tutmés III. É significativo,porém, que não existam registros egípcios sobre esse período que aludam aos desastres do Egito, como aqueles que são narrados na Bíblia, em torno do êxodo de Israel. Nem há ali qualquer alusão à saída de um grande número de gente. Se Amenhotepe II foi o Faraó desse período, então seu filho mais velho pereceu na décima praga, mencionada em Êxodo 12:29. Os registros provam que Tutmés IV (cerca de 1425-1412 A.C.) foi o filho mais velho de Amenhotepe II, pelo que ele não esteve envolvido no incidente. Os eruditos modernos, em sua maior parte, parecem preferir situar o acontecimento um tanto mais tarde, sugerindo que Ramisés II, predecessor de Mernepta, é o mais provável candidato. Se essa opinião está certa, então estamos às voltas com a primeira metade do século XIII A.C.

5. *O pai de Bitia,* que se tornou esposa de Merede (ver I Crô. 4:18). Visto que não é possível determinar a data de Bitia, também é impossível identificar esse Faraó.

6. *Nos Dias de Davi. O* Faraó dos dias de Davi recebeu o príncipe, ainda menino, Hadade, de Edom, como refugiado, quando Joabe estava devastando o território de Edom (I Reis 11:14-22; cerca de 1010 — 970 A.C.). Davi foi contemporâneo da XXI Dinastia egípcia. Essa dinastia terminou com Psusenes II (cerca de 959 — 945 A.C.). Os Faraós que governaram durante os dias de Davi foram Amenemope, Osorcom e Siamum. Muitos eruditos pensam que Siamum e Tier Amenemope foram um mesmo Faraó. A história não nos tem deixado muitos detalhes concernentes a eles, pelo que não há como verificar se essa opinião está ao lado da verdade.

7. *Um dos Sogros de Salomão.* O harém de Salomão chegou a contar com princesas da casa real do Egito. O Faraó envolvido era um firme aliado de Israel, nessa época (cerca de 960—922 A.C.). Ele pode ter sido Siamum ou Psusenes II, da XXI Dinastia. A arqueologia descobriu um relevo quebrado de Siamum, ferindo um homem asiático que, provavelmente, reflete uma ação político militar, para manter em ordem os seus domínios. Isso teve lugar na Filístia e, nesse mesmo tempo, ele pode ter capturado a cidade de Gezer. Portanto, ele pode ter tido contactos com Israel, o que levou ao casamento, afinal. Gezer foi dada como dote à filha do Faraó que se casou com Salomão (I Reis 9:16).

8. O *Faraó Referido em I Reis 14:25,26.* A alusão mais provável é a Sisaque I, que fundou a XXII Dinastia do Egito. Ele era de origem líbia.

9. *Zerá, Vencido por Asa* (II Crônicas 14:9-15). Provavelmente ele não foi um Faraó, pelo que os eruditos modernos não mais o identificam com Osorcom, conforme se chegou a pensar no passado.

10. *Um Contemporâneo de Oséias.* Oséias solicitou ajuda da parte do Faraó, a fim de escapar dos ameaçadores assírios (II Reis 17:4). Ele não é chamado Faraó em parte alguma da Bíblia, mas é possível que tenha sido o obscuro Osorcom, da XXII Dinastia.

11. *A XXV Dinastia Egípcia foi Débil.* Sebiteu enviou seu irmão, Tiraca, para a Palestina, na vã tentativa de fazer frente ao poder dos assírios, conforme é refletido em Isaías 30:1 ss. Ver também Isa. 36:6 e 37:9. Isso ocorreu por volta de 701 A.C.

12. *Tiraca* foi contemporâneo de Ezequias e Senaqueribe (Isa. 37:9), ajustando-se bem dentro da situação descrita no ponto anterior.

13. *Neco* foi o segundo rei da XXV Dinastia egípcia. Derrotou e matou Josias, rei de Judá, quando este último tentou impedir sua intervenção no conflito entre a Assíria e a Babilônia (II Reis 23:29). Porém, não foi capaz de consolidar suas conquistas na Palestina, visto que Nabucodonosor, da Babilônia, foi quem acabou dominando aquela região.

14. *Hofra* também pertencia à XXV Dinastia. Ele é mencionado diretamente na Bíblia somente em Jer.44:30; mas outras referências podem tê-lo em mente. Encorajou Zedequias, de Judá, a revoltar-se contra Nabucodonosor, mas não lhe deu o auxílio militar necessário, no momento da crise. Foi derrotado na Líbia e, posteriormente, foi destronado e morto, conforme Jeremias (44:30) havia predito.

15. Em Cantares 1:9 há uma *referência poética* à agilidade dos carros de combate do Egito. Faraó dirigia um cavalo escolhido dentre mil alasões. Ver o artigo geral sobre o *Egito*, quanto a informações completas e bibliografia.

FARAQUIM

Foi o cabeça de uma família de servos do templo, que retornaram do cativeiro babilônico juntamente com Zorobabel (I Esdras 5:31). Seu nome não é incluído nas listas paralelas de Esd. 5:12 e Nee. 7:53.

FARFAR

No hebraico, «rápido». Esse rio é mencionado na Bíblia somente em II Reis 5:12. Sua localização é desconhecida atualmente, embora possa ter sido um dos dois tributários do El-Barara, que atravessa a cidade de Damasco. Todavia, também pode ter sido um dos dois rios principais, o El-Barara ou o El- Awaj. Nesse caso, o termo «Damasco», que aparece naquele texto bíblico, refere-se à planície inteira onde ficava a cidade de Damasco. O termo hebraico é similar ao árabe, que também significa «rápido», «ligeiro». Se está em foco o El-Awaj, então estamos falando sobre um rio com cerca de sessenta e cinco quilômetros de extensão, que tem cerca de uma quarta parte do volume do El-Barara. Atravessa o wady el-Ajam, «o vale dos persas».

A Bíblia considera que a declaração de Naamã, de que os rios de Damasco eram melhores para alguém mergulhar neles do que nos lamacentos rios de Israel, referia-se especificamente ao rio Jordão (II Reis 5: l0). Porém, os milagres de Deus ocorrem das maneiras mais inesperadas, capazes de consternar-nos, até que os aceitamos como eles são.

FAVAS

No hebraico, **pol**, palavra que figura somente em II Sam. 17:28 e Eze. 4:9. Essa palavra pode apontar para o feijão ou para a ervilha. Muitos estudiosos opinam que a planta envolvida é a *Faba vulgaris*, que produz uma flor fragrante, semelhante a uma ervilha, seguida por longas e grossas vagens. Essa planta cresce até cerca de 90 cm. de altura. A leguminosa dentro da vagem é redonda, graúda, e quando madura, é negra ou marrom. Os campos plantados com essa espécie podem ser reconhecidos de longe devido à fragrância característica, a começar em janeiro até meados de março. A leguminosa pode ser moída até tornar-se uma farinha, mas também pode ser cozida como um legume. O produto vem desde a antigüidade, tendo sido encontrado em ataúdes do Egito. Também servia-se o produto aos animais. O trecho de II Samuel diz que entre os alimentos trazidos a Davi e seus homens estavam as favas. E o trecho de Ezequiel refere-se às favas como o material usado no fabrico de pães, quando faltava o trigo, em períodos de fome. (ND S UN Z)

FAUNA

Ver os artigos separados sobre *Animais, Adoração aos; Animais, Direitos e Moralidade dos; Animais no Antigo e no Novo Testamentos.* Cada animal mencionado nas Escrituras é comentado individualmente.

FEITIÇO, FEITICEIRO

No hebraico, **kashaph** e termos cognatos. Esse vocábulo aparece por seis vezes nas páginas do Antigo Testamento: Exo. 7:11; Dan. 2:2; Mal. 3:5; Êxo. 22:18; Deu. 18:10; II Crô. 33:6. No grego temos duas palavras a considerar: 1. *Pharmakeía*, «feitiçaria», palavra usada por três vezes: Gal. 5:20; Apo. 9:21 e 18:23. O substantivo *pharmakeús*, «feiticeiro», aparece por duas vezes: Apo. 9:21; 18:23. E o adjetivo *pharmakós*, «encantador com drogas» ocorre por apenas uma vez, em Apo. 22:15. 2. *Mageía*, «mágica». Termo que ocorre somente em Atos 8:11. O verbo *mageúo* ocorre somente em Atos 8:9. E o adjetivo *mágos*, por seis vezes: Mat. 2:1,7,16; Atos 13:6,8.

A palavra inglesa correspondente, *sorcery*, vem do latim, sors, «sorte», porquanto alude às adivinhações por meio do lançamento de sortes. Mas o termo inglês *sorcery* é aplicado a todas as formas de ocultismo e adivinhação, com todas as suas ramificações. O termo português *feitiço deriva-se de feito + iço* (iço, um sufixo que tem o sentido de ação, tendência, modo de ser). Esse vocábulo também pode significar falso, encantamento, fascínio, e também bruxaria, de modo geral ou como os malefícios feitos pelos feiticeiros. Ver o artigo geral e detalhado sobre *Bruxaria* e *Mágica*, e também sobre *Adivinhação.* Ver também sobre *Demônio, Demonologia.*

É simplista atribuir toda bruxaria à atividade dos demônios. Existem poderes humanos naturais que podem se manifestar e sempre haverá a fraude. Não obstante, não se pode duvidar que espíritos malignos existem, incluindo espíritos humanos desencarnados, que participam dessa atividade.

FENÍCIA

Esboço:

I. Nome, Raça e Caracterização Geral
II. Localização Geográfica
III. História
IV. Comercialismo
V. Arte e Literatura
VI. Religião

I. Nome, Raça e Caracterização Geral

Ver o artigo separado sobre *Canaã, Cananeus.*

A Fenícia não era chamada por esse nome por seus habitantes. Eles chamavam todo o seu território (que cobria uma boa parte do que hoje é a Síria, o Líbano e a Palestina) de Canaã, e a eles mesmos, de cananeus. Esses são os termos empregados na Bíblia. Os gregos é que chamavam aqueles que viviam próximo das costas do Mediterrâneo oriental, que comerciavam com eles, de *fenícios*, uma alusão ao *corante púrpura* ali produzido e ao tecido tingido com esse corante. Já desde os dias de Homero (Odisséia), em cerca de 750 A.C., encontramos o vocábulo grego *phoiníke*, de onde nos veio o termo «fenícios», na Ilíada. A palavra grega *phoinix* indica o corante púrpura. Essa palavra tem sido encontrada em tabletes escritos em miceniano linear B, de cerca de 1200 A.C. A palavra parece estar

baseada no termo semítico *kenaani*, que também significa «corante púrpura». O vocábulo hurriano *kenaan* significava «terra da púrpura», tendo sido aplicado, primeiramente, à terra e, em seguida, ao povo de Canaã. Outros estudiosos pensam que por detrás de tudo está o termo *phoinos*, que apontaria para a cor bronzeada dos habitantes da região. Ainda outros supõem que esteja em foco a *phoinix*, a «palmeira». Nesse último caso, os fenícios seriam os habitantes do «lugar de palmeiras». A maioria dos eruditos prefere a derivação do nome daquele corante, havendo também quem não veja qualquer vinculação entre os termos grego e semítico, embora ambos fossem usados para indicar os habitantes da região, de tal maneira que dizer «fenício» ou dizer «cananeu» é a mesma coisa.

Seja como for, esse povo pertencia a uma onda migratória que trouxe tribos beduínas do deserto, mais para o oriente, e as dispersou em várias áreas da Palestina. Essas migrações começaram em cerca de 3000 A.C. Em suas divisões geográficas, eles tornaram-se os amorreus do norte da Síria e os cananeus da mesma área geral, posto que mais ao sul. Os arameus penetraram na região em uma posterior onda migratória, que incluiu os futuros hebreus.

Quanto ao idioma os cananeus eram um povo semita, pois seu idioma fazia parte do ramo ocidental desse grupo de línguas. O aramaico era uma língua irmã, tal como também o hebraico. O fenício era um dialeto cananeu. O idioma fenício tem a distinção de ter sido o primeiro a empregar, exclusiva e eficazmente, um sistema alfabético de escrita. Isso faz com que se torne a língua genitora de todas as línguas que adotaram um sistema alfabético em sua escrita. Esse alfabeto foi adotado pelos hebreus, pelos arameus, pelos árabes, pelos gregos e pelos romanos. Na tabela das nações (ver Gên. 10:8-12), Canaã aparece como nome dos descendentes de Cão, e não de Sem. Com base nisso, alguns estudiosos têm pensado que eles não eram, originalmente, semitas e sim, camitas, mas que vieram a adotar, em algum período remoto de sua história, uma fala semítica. Acompanhar a história primitiva dos povos é uma tarefa quase impossível, e todas as evidências de que dispomos mostram que os cananeus eram um povo de origem semita.

II. Localização Geográfica

O território dos fenícios, quando o mesmo se consolidou, era uma estreita faixa de terras que se estendia desde o rio que atualmente é chamado de Nahr el-Kebir, no extremo norte, até o monte Carmelo, ao sul, cobrindo uma distância de cerca de cento e noventa quilômetros. Em seu ponto mais largo, essa estreita faixa media apenas cerca de oito quilômetros, que ia desde o mar Mediterrâneo, a oeste, até os sopés das montanhas do Líbano, a leste. As principais cidades dessa área eram Tiro, Sidom, Sarepta, Caná, Aczibe, Biblos, Aco, Bete-Anata e Acsafe. Não obstante, o país nunca teve fronteiras bem definidas, e os cananeus nunca estiveram restritos a essa estreita faixa territorial. O antigo território fenício envolvia o que agora é a República do Líbano com a porção sul das costas sírias. A orla marítima dessa região é interrompida por rios e por agudos promontórios, que avançam mar adentro. Uma estreita mas fértil planície é limitada pela cadeia ocidental do Líbano, que atinge a altura máxima de 3000 m. Os rios incluem o Eleutero atualmente denominado al-Mah al-Kabir, que forma a fronteira entre o Líbano e a Síria; o Qadisha, que desemboca no mar, perto de Trípoli; o Ibrahim al-Kalb e o Leonte (atualmente chamado Litani ou al-Litani), que desembocam perto de Sidon. Na antiguidade, muitas espécies vegetais cobriam aquela planície incluindo cedros, pinheiros, ciprestes e vários tipos de junípero, sem falarmos no sândalo, que era um importante item comercial. Na época, o Líbano era densamente coberto de florestas; porém, a contínua exploração da madeira de construção, sem qualquer plano de replantio, acabou com as reservas florestais. Atualmente, há apenas algumas centenas de árvores, confinadas a minúsculos bosques. A área geográfica em que viviam os fenícios encorajou-os a se atirarem às lides do mar. Por isso é que os fenícios tornaram-se os mais famosos marinheiros da antiguidade, o que é mencionado no vigésimo terceiro capítulo do livro de Isaías.

III. História

1. Supõe-se que as **primeiras migrações** que levaram esse povo à Palestina tiveram lugar em cerca de 3000 A.C. Heródoto *(Hist.* 1:1, 8:89) pensava que os fenícios haviam chegado por via terrestre, vindos do golfo Pérsico, então atravessaram o mar Vermelho e, tendo chegado, fundaram Sidon e outras cidades costeiras, ou próximas da orla marítima. Antes da chegada deles, recuando até 3500 A.C., a região era ocupada por uma raça mediterrânea, que vivia em cabanas circulares e sepultava os seus mortos em urnas de barro, conforme tem sido demonstrado por escavações em Gebal (Biblos). Esse povo foi sendo gradualmente substituído por semitas, chamados amorreus, embora esse nome não deva ser confundido com o dos amorreus mencionados no Antigo Testamento. Em cerca de 1800 A.C., havia um ativo comércio que se efetuava entre essa gente e os egípcios. Colônias foram então estabelecidas pelos fenícios em Ugarite, Acre, Dor e Jope. Além dessas, foram fundadas outras cidades, como Sidon, Tiro, Arvade, Beirute, Sumar e Uluza. Todas essas eram cidades-estados, que controlavam a área circundante, incluindo suas aldeias. Biblos (no latim *Byblus),* também chamada Gebal, manufaturava o papiro, que era transformado em papel, de cujo nome surgiu a designação que usamos para indicar as Escrituras Sagradas, Bíblia. Biblos é a única cidade fenícia que foi totalmente escavada pelos arqueólogos. Navios de Biblos são representados nos relevos egípcios datados do tempo de Saúre, da V Dinastia, cerca de 2500 A.C.

2. *Dominação Egípcia.* Durante alguns séculos, os fenícios estiveram sob a hegemonia egípcia. De fato houve um controle quase militar do território, durante as Dinastias egípcias XVIII e XIX (1570-1200). Cartas dirigidas por Rib-Adi, de Biblos, e de Abi-Milki, de Tiro, a Amenófis III, em Amarna, no Egito, mostram que, em cerca de 1400 A.C., Sumar e Beirute tinham obtido certo grau de independência e, juntamente com Sidon (que parece ter sido capaz de manter boa dose de independência o tempo todo), estavam fortificando as cidades cananéias contra os ataques de estrangeiros.

A soberania egípcia foi interrompida pelo advento dos hicsos, que, durante certo tempo, dominaram a Síria-Palestina e o Baixo Egito. Tutmés III, da XVIII Dinastia (1490—1436 A.C.), livrou-se dos hicsos e restaurou a supremacia egípcia. Seus relatórios acerca do que ele encontrou na Palestina permitem-nos saber como era a vida naquela época. Suas listas de despojos incluem vasos, panelas, facas de ouro, tabletes e cadeiras de marfim e objetos de luxo, feitos de ébano, entalhados a ouro.

3. *Começo do Século XIV A.C.* Os hititas e os amorreus invadiram as costas da Fenícia, tendo encontrado pouca resistência por parte dos egípcios. Os reis da região ficaram divididos em sua lealdade, pois alguns continuaram aliados dos egípcios, enquanto que outros bandearam-se para os invasores. Tiro queria ficar ao lado dos Faraós, mas Simira e Sidon juntaram-se aos invasores. Na época, o rei do Egito era o herético Amenhotepe IV (Icnaton, que reinou entre 1370 e 1353 A.C.). Seus arquivos foram descobertos em Tell el-Amarna, e a atividade literária ali representada confere-nos muitas informações quanto à natureza da época. Amenhotepe estava por demais ocupado com assuntos religiosos para preocupar-se com batalhas que estavam tendo lugar na Fenícia. Foi dessa maneira que ele e seus débeis sucessores da XVIII Dinastia perderam o controle sobre seus domínios fenícios. Ramsés II (1290 — 1233 A.C.) restaurou algum poder egípcio na região mas não perdurou por muito tempo.

4. *Independência.* A região obteve um estado de independência que perdurou por cerca de três séculos (1200—900 A.C.). Então passaram a existir várias cidades-estados com seus próprios monarcas. Estes governavam sob a idéia do direito divino dos reis, com a ajuda de uma classe aristocrática. Algumas vezes era obtida a união de forças, quando se levantava algum inimigo comum; mas, em sua maior parte, cada cidade-estado era independente, comerciando de forma competitiva umas com as outras. Gradualmente foi surgindo uma confederação, com Sidom e, mais tarde, Tiro, como cabeças da

mesma. Durante esse período, a área prosperou e o comércio, as artes e o artesanato atingiram a mais elevada expressão. Além disso, efetuava-se um intenso comércio marítimo, o que resultou em um quase exclusivo monopólio fenício. Os fenícios descobriram o Oceano Atlântico um de seus feitos marítimos mais notáveis. Posteriormente, conseguiram circunavegar a África. Tornaram-se pescadores, negociantes e agentes de ligação internacionais. Eles guiavam-se pela Estrela Polar. Os gregos aprenderam com os fenícios a arte da navegação e chamavam a Estrela Polar de *Estrela Fenícia.* O mar Mediterrâneo tornou-se assim um lago fenício. Os países às margens do Mediterrâneo ressentiam-se da falta de madeira de construção, trigo, azeite e vinho, e o comércio fenício supria aos mesmos desses produtos vitais. Porém, muitos outros produtos também estavam envolvidos nesse comércio, como o algodão, o vidro, os metais, os têxteis e o corante púrpura.

5. *A Fenícia como Senhora dos Mares.* Sidon e Tiro tornaram-se centros todo-importantes do comércio na área do mar Mediterrâneo. Homero e os autores do Antigo Testamento chamavam os fenícios de *sidônios.* Ver *Ilíada, liv.* 6, 1.290. Homero mencionou vários itens do comércio deles, como ricas vestimentas, bordados e outros itens de luxo. O vigésimo sétimo capítulo de Ezequiel dá-nos uma descrição gráfica de Tiro como um porto e centro comercial. O mais bem conhecido monarca de Tiro foi Hirão (séc. X A.C.). Foi ele quem ofereceu a Salomão os arquitetos e os operários especializados para a construção do templo de Jerusalém, bem como a madeira de cedro necessária para a obra (I Reis 5:5- 11; 7: 13-34, II Crô. 2:1-16). O templo de Israel foi decorado de acordo com motivos tipicamente cananeus, e seus sistemas rituais e sacrificiais eram similares aos dos cananeus. Salomão construiu uma flotilha com a ajuda dos tírios, tendo sido a primeira marinha mercante que os israelitas tiveram. Foram enviadas expedições em torno das costas da Arábia e da Africa Oriental (I Reis 9:26-28; 10:11; II Crô. 9:10). Uma princesa tiria (sidônia), de nome Jezabel, casou-se posteriormente com o rei Acabe (que reinou entre 875 e 853 A.C.), e introduziu no reino do norte as práticas idólatras dos cananeus. E uma filha de Jezabel, Atalia, casou-se com Jeorão, rei de Judá. A casa de marfim, de Acabe (ver I Reis 22:39) tinha painéis de marfim cinzelado, bem como outras decorações, executadas por artífices fenícios.

6. *Colônias.* Como já seria de esperar, a comercialização do mundo antigo, por parte dos fenícios, resultou no fato de que eles estabeleceram colônias em muitos lugares. Havia inúmeras colônias, desde a Cilícia até o Egito, passando pela Sicília e pela Espanha, com alguns pontos na Gália e na Numídia no norte da África. Várias ilhas do Mediterrâneo também receberam ocupantes fenícios. Foi dessa maneira que muitas palavras de origem semítica foram adotadas por outros idiomas, sobretudo nomes próprios locativos, como Malta (no semítico, «refúgio»), Cartago (no semítico, «cidade nova»), e Cadmo (no semítico, «recém-chegado»). A irmã de Cadmo era *Europa,* que se tornou o apelativo de todo o continente europeu, afinal de contas. A Cadmo se tem creditado a introdução do alfabeto em outros países, bem como a construção da cidade de Tebas.

7. *Cartago.* Essa foi a mais rica e saudável de todas as colônias fenícias. Foi fundada em cerca de 814 A.C., por colonos tírios. Chegou a ampliar sua esfera de influência por larga porção do norte da África e do sul da Espanha. Manteve o seu poder até o começo do século VII A.C., quando o poder assírio começou a dilapidá-la. Não obstante, Cartago assumiu o papel de protetor das outras colônias, tendo-se tornado um pequeno império (segundo os padrões modernos), que se estendia desde a Cirenaica até a península ibérica.

8. *O Avanço dos Assírios.* Entre 884 e 859 A.C., sob Assurbanipal, a Assíria começou a exercer pressão sobre as cidades da Fenícia. Assurbanipal foi capaz de extrair tributo de Tiro, Sidon, Gebal e Arvade, recolhendo produtos como tecidos, corantes, metais preciosos, marfim e madeiras nobres. Salmaneser III enviou tropas armadas para a região e chegou a subjugá-la militarmente, em 841 A.C. Os portões de bronze do templo assírio, em Balawate, mostram como Tiro e Sidon tiveram de oferecer muitos presentes e produtos. Adade-Nirari III reduziu Tiro e Sidon ao estado de vassalagem, em 803 A.C. Hiramu, de Tiro, e Sibiti-Biili, de Gubla (Biblos), tiveram de enviar tributos a Tiglate-Pileser III, durante o seu ataque contra Arpada, em cerca de 741 A.C. Ao mesmo tempo, também sujeitou Menaém, rei de Israel. Tiro e Sidon caíram sob a supervisão direta de um oficial assírio, e pesadas taxas foram impostas, sob a forma de produtos e de metais preciosos. Em 734 A.C., Tiglate-Pileser capturou a fortaleza de Caspuna, que guardava os caminhos que levavam a Tiro e a Sidon, e que se tinham tornado aliadas para efeito de defesa mútua. Sargão continuou suas invasões da costa fenícia e obteve vários triunfos militares. Há relevos no Museu Britânico, provenientes de Nínive, que ilustram essas aventuras assírias. Esar-Hadom saqueou Sidon e transportou os seus habitantes para outra área, na nova cidade de nome Esar-Hadom, ou para aldeias das proximidades. Tiro foi destruída e saqueada por Assurbanipal, em 664 A.C. e, em vista disso, sucumbiu toda a esperança de autogoverno, por parte dos fenícios. Porém, não muito tempo depois, o próprio império assírio entrou em colapso, após a queda de sua capital, Nínive, em 612 A.C. O grande feito foi conseguido mediante o ataque conjunto dos medos, vindos do norte, e dos neobabilônios, vindos do sul.

9. *Os Neobabilônios.* Os herdeiros do poder assírio, os neobabilônios, resolveram tomar conta das costas marítimas fenícias. O Egito, pensando ainda em termos imperialistas, quis opor-se a isso. Em uma batalha que houve às margens do rio Eufrates, o exército egípcio foi derrotado por Nabucodonosor (605 A.C.). Então foram enviadas tropas babilônias para o sul, contra Jerusalém, a qual foi ocupada em 597 A.C. Assim Nabucodonosor destruiu o reino de Judá, e então atirou-se contra a Fenícia. Foram necessários treze longos anos para ele conquistar a cidade de Tiro (585-573). Isso resultou, finalmente, na vitória de Nabucodonosor, que os arqueólogos têm encontrado celebrada em duas estelas, encontradas perto do rio Dogue. Não houve mais nenhuma oposição interna, mas, como é usual, acabou se levantando um outro poder, a Pérsia.

10. *A Pérsia.* Ciro, o Grande, e seu exército persa (em 538 A.C.) destruíram o estado neobabilônico e assim ele obteve domínio sobre toda a Palestina, de um golpe só. A Palestina, pois, tornou-se uma das satrapias de seu vasto império. Sidon foi feita capital dessa satrapia, bem como a residência de um governador persa. Durante o período persa, o idioma aramaico tornou-se uma espécie de língua franca, e negociantes arameus acabaram substituindo os fenícios. Os negociantes gregos também interromperam seus negócios com eles o que pôs fim a uma grande época comercial. Durante cerca de dois séculos, os persas foram todo-poderosos, mas então surgiu no horizonte Alexandre, o Grande, da Macedônia.

11. *Alexandre e Seus Sucessores.* Entre as muitas e abrangentes conquistas de Alexandre, destaca-se a captura da cidade de Tiro, por meio de um mole de terra especialmente construído com esse fim. Alexandre obteve a vitória. A destruição foi grande, mas a cidade, com o tempo, acabou se recuperando, e, à semelhança de Sidon, tornou-se próspera durante os períodos helênico e romano. O trecho de Mateus 15:21 fornece-nos alguns indícios nesse sentido. Suas conquistas ocorreram no século IV A.C., e o resultado das mesmas foi que a língua grega tornou-se o idioma internacional, o que continuou pelo império romano adentro, até que já no século II D.C., o latim, finalmente, sobrepujou, de todo, o grego. Após a morte prematura de Alexandre, a Fenícia tornou-se parte do reino sírio, governada pelos monarcas selêucidas. A porção sul era contestada pelos monarcas ptolomeus, do Egito.

12. *Os Romanos.* Em 66 A.C., o governo dos reis selêucidas foi substituído pelo governo dos romanos. Agora não havia mais cidades-estados fenícias, mas tão-somente uma grande província romana naquela região. Novas estradas foram construídas, o comércio internacional foi encorajado, impostos foram abrandados e uma relativa paz foi mantida pelas tropas romanas, posicionadas em Beirute e em Baalbeque. Alguns habitantes daquela região eram seguidores de

Jesus (ver Mar. 3:7 *ss,* 7:24 *ss).* A primitiva missão evangelizadora dos cristãos estendeu a Igreja até aquela área (ver Atos 11:19; 15:3 e 21:2).

IV. Comercialismo

Tão grande foi o poder comercial dos fenícios, que a palavra «comércio» quase chega a ser sinônimo de «fenício». A história do povo fenício, conforme damos na terceira seção, acima, ilustra isso.

Fatores que encorajaram essa atividade:

1. Os fenícios perderam muito terreno para Israel, tendo sido forçados a obter a maior parte de seus recursos ocupando-se no comércio. Temos um caso moderno análogo no Japão, que, embora pobre em recursos naturais, tem-se tornado uma das nações mais industrializadas e comerciais do mundo, a despeito do exíguo território de que dispõe.

2. As montanhas confinavam o território dos fenícios a uma estreita faixa de terra, forçando-os a voltarem toda a sua atenção para o mar. Foi dessa forma que eles desenvolveram as habilidades próprias da vida marítima, tendo podido lançar muitas colônias, próximas ou distantes.

3. Os fenícios dispunham de amplo suprimento de madeira, de todas as variedades, incluindo o pinheiro, o cipreste e o cedro, que eles empregavam na construção de navios (Eze. 27:9). Eram grandes conhecedores da indústria de extração de madeira (I Reis 5:6). No entanto, esqueceram-se de replantar os densos bosques que iam derrubando, de tal modo que lhes restou somente uma região estéril, onde antes havia grandes florestas. Eles fizeram da madeira um de seus produtos mais importantes. Seus dois grandes portos marítimos eram Tiro e Sidom, embora Biblos, Arvade, Arca, Sarepta e Ugarite também fossem portos importantes.

V. Arte e Literatura

As formas de arte dos fenícios combinavam elementos semitas, egípcios e hurrianos, porquanto sempre foram muito voltados para o sincretismo. Eles negociavam com muitos países e esse espírito também penetrou em suas atividades artísticas. Eles manufaturavam e trocavam jóias, vasos, peças de cerâmica de toda a espécie, com o Egito, com a ilha de Creta, com a Grécia, e até com lugares bem distantes. Tornaram-se excelentes fabricantes de objetos de cobre, de bronze, de marfim e de vidro. Entre seus contemporâneos, não havia quem se lhes igualasse no trabalho com metais. Ao que parece, eles foram o primeiro povo a decorar vasos de metal com flores artificiais. A arqueologia tem demonstrado que as obras gregas do século VIII A.C. sofriam a influência das formas de arte dos cananeus.

A *literatura dos fenícios,* ao que parece, foi bastante volumosa. No entanto, somente fragmentos dos relatos mitológicos de Sanchuniaton, da Babilônia, e da história de Menandro, de Tiro, foram preservados até nós. Supõe-se que a atividade literária dos gregos foi influenciada pela correspondente atividade fenícia. É uma ironia que o povo que inventou o alfabeto tenha deixado tão escassa literatura, mas isso deve-se à frágil natureza do material de escrita que eles usavam (principalmente o papiro) e não por falta dessa forma de atividade. Em Ugarite, foi feita uma grande descoberta de tabletes de argila, entre 1929 e 1933. Tais tabletes datam do século XIV A.C. Esse material é de natureza essencialmente religiosa e ritualista. Há notável paralelismo com as idéias dos hebreus e de sua literatura. Há elementos nos livros bíblicos de Jó, Salmos e Cantares de Salomão que muito se assemelham ao que dizem esses tabletes. O Baal de Ugarite «cavalga pelo céu», tal como Yahweh (ver Sal. 68:4). O trovão é a voz de Baal, tal como é dito a respeito de Yahweh (ver Sal. 29:3-5 e Jó 37:2-4). E o Salmo 29 é similar a certas outras expressões fenícias. O empréstimo de idéias e de formas literárias é uma constante entre as culturas, antigas e modernas; e, por essa razão, coisas desse jaez não nos deveriam surpreender.

VI. Religião

O pluralismo da religião fenícia era bem pronunciado, e suas práticas idólatras foram condenadas pelos profetas hebreus (ver I Reis 18-19; Isa. 65:11). Pertencentes ao período mais antigo, conforme temos descoberto evidências, os textos de Ras Shamra falam sobre um elaborado culto e mitologia, em torno de Baal, também chamado *Meleque* (que significa «rei»). Nessa literatura também achamos menção a Sapis, um deus-sol, e a Quesepe (Mical), uma divindade do mundo inferior. Os cultos de fertilidade de Anate (Astarte) eram sincretistas, envolvendo elementos egípcios e semitas. Essa mescla produziu o culto de Adônis e de Tamuz, o primeiro dos quais tem sido identificado com o Osíris dos egípcios. O deus da cura era chamado Esmun (equivalente ao grego Asclépio). Cada cidade denominava *Baal* ao chefe de seu panteão, uma palavra que significa «senhor» ou «proprietário». Pelo menos em nome, esse culto emprestava uma espécie de unidade à religião idólatra dos fenícios. O chefe do panteão de Ugarite era *El.* Esse nome, que significa «força» ou «poderoso», era um dos nomes para Deus, no hebraico. Ver o artigo acerca de *El.* Ele tinha uma esposa de nome Elate, um filho de nome Alian e uma filha de nome Astarte. As *esposas* de Baal eram chamadas *baalates.* Elas quase sempre apareciam em duplas. Istar (no grego, *Astarte),* era a *baalate* de Biblos. A adoração a ela incluía a prostituição sagrada. Esse tipo de atividade, a propósito, é condenado em Lev. 18; I Reis I e 19 e Jer. 3:2. Em seus elementos fundamentais, o relato de Osiris e Ísis é a história sobre Tamuz e Istar. Quanto às formas mais remotas de adoração cananéia, contamos com os textos em escrita cuneiforme, compostos em acádico e ugarítico, com data entre 1600 e 1200 A.C. Algumas alusões a isso aparecem no Antigo Testamento e nos escritos de Filo de Biblos e de Eusébio, o historiador eclesiástico, que citou o primeiro, além de um outro autor, para nós desconhecido, chamado *Sanchuniaton.* Uma divindade extremamente popular era *Hade,* o filho de Dagan, que também era chamado *Baal,* «senhor». Além disso, temos o deus-mar, Iam; o deus da morte, Mote, o deus-lua, Iari; e o deus dos marinheiros, Melcarte. (ALBR AM GY LAM ND UN Z)

FENO

No hebraico, **chatsir**, «ervas», que ocorre por vinte e uma vezes no Antigo Testamento. Visto que o feno nunca foi cultivado na Palestina, é errada a tradução «feno» para *chatsir.* Contudo, as traduções, aqui ou ali, traduzem esse termo por «feno». As ocorrências de chatsir são: Pro. 27:25; Isa. 15:6; I Reis 18:5; II Reis 19:26; Jó 40:15; Sal. 37:2- 90:5; 103:15; 104:14; 129:6, 147:8; Isa. 35:7; 37:27; 40:6-8; 44:4; 51:12; Jó 8:12; Núm. 11:5. Nossa versão portuguesa da Bíblia traduz por «feno», esse vocábulo hebraico, somente em Pro. 27:25. Interessante é que na última dessas referências, Núm. 11:5, a mesma palavra é traduzida por «alhos silvestres». Tanto no primeiro como no segundo desses dois casos que destacamos, temos uma interpretação, e não uma tradução.

A palavra grega correspondente a *chatsir* é *chórtos,* «erva» «relva» que figura por quinze vezes: Mat. 6.30, 13:26, 11:19; Mar. 4:28-6:39; Luc. 12:28; João 6:10; I Cor. 3:12; Tia. 1:10,11; I Ped. 1:24 (citando Isa. 40:6,7); Apo. 8:7 e 9:4.

O feno era secado e cortado, a fim de servir de ração para o gado. Por conseguinte, era um produto preparado. O trecho de I Coríntios 3:12 talvez indique o feno, embora o sentido primário da palavra grega *chórtos,* daquele texto, seja erva, fazendo contraste entre a vegetação silvestre e as plantas cultivadas.

FÉRETRO

No hebraico, **mittah,** «cama», e no grego, **sorós,** «esquife». A palavra hebraica é usada por vinte e nove vezes, e apenas por uma vez, em II Samuel 3:31; podemos pensar em um «ataúde», onde o corpo de Abner, recém-assassinado por Joabe, em um ato traiçoeiro, estava sendo conduzido. Porém, é mais provável que se tratasse mesmo de um leito leve, como havia na antiguidade. A tradução portuguesa «féretro» evita definir o que seria o objeto.

A palavra grega *sorós* aparece exclusivamente em Luc. 7:14. O corpo do filho único da viúva estava sendo transportado em uma

maca, tal como até hoje se vê nos funerais de islamitas pobres, onde os cadáveres são transportados sobre simples tábuas. Algumas vezes havia, para esse propósito, uma armação de vime. Naturalmente, os ricos tinham esquifes melhores do que os pobres. No grego clássico, a palavra em foco pode significar a *urna* onde eram guardados os ossos de um morto; mas seu uso, no evangelho de Lucas, deve apontar para a *mittah dos* judeus.

FERIDA

No hebraico, **nega**, palavra que ocorre por setenta e sete vezes nas páginas do Antigo Testamento. Em nossa versão portuguesa, tal como em muitas outras versões estrangeiras, a palavra tem sido traduzida, na maioria das vezes, por praga. Mas, como a palavra hebraica é um termo geral que se refere a qualquer lesão da pele ou das membranas mucosas, aproveitamos o trecho de II Crô. 6:29, onde aparece, em nossa versão portuguesa, a tradução «chaga». Outras passagens onde, por exemplo, essa palavra hebraica ocorre: Lev. 13:42,43; Sal. 38:11; Pro. 6:33; Gên. 12:17; I Reis 8:37,38. É nos capítulos treze e catorze de Levítico que a palavra hebraica aparece por nada menos de cinqüenta e quatro vezes.

No grego, *élkos,* «úlcera», «abcesso». Esse vocábulo aparece no Novo Testamento por apenas três vezes: Luc. 16:21; Apo. 16:2 e 11.

Provavelmente, a palavra hebraica era usada para indicar (embora não com exclusividade) um tipo específico de ferida que se tornara comum entre o povo de Israel. Chama-se modernamente «úlcera do deserto», uma úlcera tropical que ocorre, principalmente, nas áreas desérticas do norte da África e do Oriente Médio. Esse tipo de úlcera assemelha-se a uma veia varicosa, surgindo principalmente nas pernas, no dorso das mãos e no rosto.

Nos dias bíblicos as úlceras e chagas deviam ser extremamente comuns, razão pela qual essa aflição é tão freqüentemente mencionada nas Escrituras. O caso de Jó é um exemplo típico. Davi culpou a si mesmo por suas chagas. «Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas por causa da minha loucura» (Sal. 38:5).

Em Israel, de acordo com a legislação mosaica, havia regras muito rígidas no tocante ao diagnóstico de todas as feridas. Em muitos casos, os pacientes eram forçados a total isolamento. É verdade que algumas dessas regras pareciam duras demais, mas a verdade é que elas ajudavam a retardar a propagação de doenças contagiosas, em uma época quando ainda nem se sonhava com antibióticos e com os modernos recursos da medicina.

Não sabemos dizer muita coisa sobre os medicamentos usados na antiguidade na cura das feridas, exceto que o bálsamo de Gileade é mencionado por repetidas vezes. O bálsamo de Gileade era uma resina muito fragrante, com a consistência de mel de abelhas. Era obtida de árvores arbustivas na margem leste do rio Jordão. Aqueles que têm trabalhado com os índios **norte** e **sul-americanos,** dizem que eles também usam resinas similares, que aliviam as dores, estimulam o tecido são em torno da ferida e ajudam a destruir os organismos que causam a infecção.

FERIR, QUEBRAR, MOER

Por detrás desses verbos portugueses temos uma série de verbos hebraicos e gregos, a saber:

1. *Daka,* «ferir», palavra que ocorre por dezoito vezes (para exemplificar: Isa. 53:10; Sal. 89:10).

2. *Daqaq,* «triturar», palavra que ocorre por doze vezes (por exemplo: Isa. 28:28; Miq. 4:13).

3. *Rea,* «quebrar em pedaços», palavra que aparece por uma vez somente: Dan. 2:40.

4. *Shuph,* «ferir», palavra que ocorre por quatro vezes (para exemplificar: Gên. 3:15).

5. *Maak,* «esmagar», palavra que ocorre por três vezes, como em Lev. 22:24.

6. *Ratsats,* «esmigalhar», palavra que aparece por dezenove vezes (por exemplo: II Reis 18:21; Isa. 42:3; Deu. 28:33; Amós 4:1).

7. *Thraúo,* «quebrar em pedaços», palavra grega que aparece por apenas uma vez, em Luc. 4:18, citando Isa. 58:6.

8. *Suntríbo,* «esfregar com», palavra grega que ocorre por sete vezes: Mat. 12:20, citando Isa. 42:3; Mar. 5:4; 14:3; Luc. 9:39; João 19:36, citando Sal. 34:21; Rom. 16:20 e Apo. 2:27.

Há ainda muitas outras palavras hebraicas e gregas, que devem ser examinadas sob o verbete *Quebrar.* Mas as palavras dadas acima têm sido traduzidas com os sentidos de esmagar (Isa. 28:28) injuriar, oprimir (Lam. 4:18), afligir, punir (Isa. 53:5), etc. Estritamente falando, deve-se pensar em um ferimento do qual a vítima consegue recuperar-se, mediante liquefação gradual e absorção dos tecidos danificados, durante cujo processo a área afetada muda de cor, no desenvolvimento da cura. Mas as referências bíblicas não incluem somente esse tipo de ferimento superficial, porquanto envolvem até mesmo a pulverização, a trituração, o esmigalhamento, etc.

Usos Figurados: 1. A alma ferida indica dúvidas, temores, angústia e tribulações internas, por causa do pecado (Mat. 12:20). 2. A nação cheia de contusões aponta para as iniqüidades que a marcam (Isa. 1:6; Jer. 6:14). 3. Cristo foi moído por causa dos nossos pecados, indicando os Seus sofrimentos vicários (Isa. 53:5,10). 4. Cristo esmagou a cabeça de Satanás quando destruiu as conseqüências de seus ímpios desígnios e de seus atos malignos (Gên. 3:15; Rom. 6:20). 5. Os santos fracos são feridos quando ofendidos ou afligidos por Satanás ou falsos mestres, mas são divinamente protegidos (Isa. 52:3; Luc. 4:18). 6. O rei do Egito foi comparado a uma cana esmagada, em vista do estado debilitado de seu reino (II Reis 18:21). (HA S)

FERRAMENTAS

Ver sobre **Artes e Ofícios.**

Nas Escrituras, as ferramentas de trabalho são referidas de maneira apenas incidental, e usualmente, em conexão com as atividades próprias das artes e dos ofícios. Os hebreus não eram, usualmente, destros no emprego de ferramentas de trabalho. Antes de terem migrado para o Egito, eles formavam um clã pastoril. Chegando ali, não demorou muito para perderem sua liberdade, sendo reduzidos a uma condição de grande dependência, com nenhum vagar para se dedicarem às artes ou às profissões liberais. Por isso mesmo, quando da construção do tabernáculo, no deserto, o Espírito de Deus conferiu habilidades a certos homens, como Bezalel e Ooliabe (ver Exo. 31:1-11; 35:30; 36:1), a fim de que tal trabalho pudesse ser executado. Mas, mesmo depois que os israelitas conquistaram a Terra Prometida, eles nunca se tornaram os melhores artesãos. Na época de Salomão, cerca de seiscentos anos depois da época de Moisés, tiveram de ser contratados artífices e operários fenícios, na construção do templo de Jerusalém. Ver I Reis 7:13. Todo esse atraso nesse campo de atividades impedia que os israelitas desenvolvessem suas próprias ferramentas. Na maioria das vezes, eles imitavam as ferramentas egípcias. Como lhes faltou o ferro durante muito tempo, suas ferramentas perdiam em qualidade em relação às ferramentas, utensílios e armas de outros povos, como os fenícios e os filisteus, para exemplificar.

Os que trabalhavam em madeira usavam serras de metal, provavelmente, do tipo egípcio de puxar, com os dentes voltados na direção do cabo. Essas serras também eram usadas para cortar pedras (cf. I Reis 7:9, Isa. 10:15). Há uma tradição antiga que diz que Isaias, o profeta, foi executado ao ser serrado pelo meio (ver Heb. 11:37). O mais provável é que os hebreus usassem malhos, na carpintaria, e não martelos (ver Juí. 4:21; cf. 5:26). No entanto, nove palavras hebraicas diferentes são traduzidas como «machado», o que indica que havia diversos tipos desses úteis instrumentos de trabalho pesado. A lâmina desses machados corria paralela ao cabo, ou então formava um ângulo reto com o mesmo. E o próprio cabo podia ser mais longo ou mais curto. Lê-se na Bíblia que havia ferramentas de pedra, de bronze e de ferro; e os métodos de ajustar essas peças a

seus cabos variavam consideravelmente (cf. Deu. 20:19 e 19:5 com II Reis 6:5 e Jer. 10:3). Os machados também eram usados, com bastante freqüência, como armas de guerra (Juí. 9:48; Jer. 46:22). Aliás, isso não se dava somente entre os hebreus. Os gauleses, por exemplo, gostavam muito de usar machados de guerra, e é fato bem conhecido entre nós que muitas tribos indígenas norte-americanas faziam o mesmo. Os carpinteiros também usavam raspadoras, plainas e formões, para obter diversos efeitos (ver Isa. 44:13), além de empregarem sovelas e verrumas para o ato de perfurar (ver Êxo. 21:6 e Deu. 15:17).

A faca era de uso o mais generalizado possível, sendo empregada para toda espécie de trabalho. Usava-se a linha, com uma pedra ou um peso de chumbo em uma das extremidades, para servir de prumo, ou então sem esse peso, a fim de fazer medições. Sabe-se que os hebreus também usavam o compasso e algum tipo de esquadro, permitindo a obtenção de ângulos retos perfeitos. Também havia réguas, para o traçado de linhas retas. Há muitas referências bíblicas a esses itens e a esses atos.

Os pedreiros hebreus utilizavam-se de muitas das ferramentas que já mencionamos, embora também usassem uma certa variedade de martelos e marretas (ver I Reis 6:7 e Jer. 23:29). Formões, cunhas, pedras de abrasão, níveis, roletes e guindastes primitivos, também eram conhecidos entre eles. Poderíamos adicionar a essa lista moldes para tijolos, vários modelos de colher de pedreiro e picaretas (cf. o artigo sobre a *Inscrição de Siloé,* onde se vê que nessa inscrição há menção de umas poucas ferramentas não aludidas no Antigo Testamento).

Os ferreiros, em adição a algumas das ferramentas acima mencionadas, como o malho, também lançavam mão de um tipo especial dessa ferramenta, que figura em Isaías 41:7 (onde a nossa versão portuguesa a traduz por «martelo»). Sem dúvida, eles também contavam com a bigorna, com a fornalha, com os foles, com moldes diversos, com conchas para o metal derretido, com limas, com brocas, etc. Por igual modo, eles também deviam conhecer as tenazes e até mesmo a bancada para fixar as peças a serem trabalhadas.

Na agricultura, as ferramentas usadas pelos hebreus incluíam o arado, a foice, o ancinho, o gancho, o aguilhão, o enxadão, o forcado, a pá, a peça de trilhar e o machado (ver I Sam. 13:21; I Reis 7:40,45; Joel 3:13). As ferramentas de corte eram afiadas, quase sempre, mediante o uso de pedras próprias ou de limas (ver I Sam. 13:21). Os ferreiros conseguiam afiar os seus instrumentos também de outra maneira: aqueciam o metal, batendo então com um malho ou martelo, as beiradas da parte cortante de suas ferramentas.

Os oleiros hebreus dispunham de seu próprio conjunto de ferramentas, que incluía a roda do oleiro, o forno, as pás para mexer e retirar a massa, os raspadores, os buris, os cinzéis, etc. Também havia outros ofícios, como o dos tecelões, dos tintureiros, dos pintores, dos fabricantes de tendas, dos joalheiros, dos gravadores, dos escultores, dos bordadores, dos costureiros, etc., cada um dos quais com suas ferramentas e seus equipamentos especiais, condizentes com suas respectivas necessidades.

Essas ferramentas e utensílios, entre os antigos hebreus, como é óbvio, pouco tinham de sofisticação e precisão. Eles nunca tiveram coisa alguma parecida com o torno, com a fresa, com a serra elétrica, além de muitos outros equipamentos modernos comuns, pois o fabrico dessas ferramentas requer grande avanço tecnológico. Todavia, mesmo em comparação com outros povos da antiguidade, os hebreus deixavam muito a desejar. Eles foram muito mais um povo agrícola e pastoril, cuja grande produção sempre foi a literatura sagrada e as atividades religiosas, no que foram imbatíveis. As ciências, como a matemática, a engenharia, a medicina, a astronomia, e muitas outras, nunca ocuparam um lugar central nos interesses deles. Até mesmo a filosofia só entrou no horizonte deles quando começaram a helenizar-se e, portanto, da época de Alexandre, o Grande, em diante.

Usos Metafóricos

Ferramenta é qualquer coisa que o homem pode empregar para realização de alguma tarefa material ou para concretização de algum ideal. No sentido espiritual, a espiritualidade do indivíduo é essa ferramenta, porquanto, através dela, a pessoa pode cumprir sua missão na terra. Além disso, existem instrumentos como a preparação, a educação, a experiência profissional e o *conhecimento* ou *know how.*

FERREIRO

Ver sobre **Ofícios.** Há três palavras hebraicas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Charash,* «artífice», «gravador». Palavra hebraica que ocorre por vinte e nove vezes; como, por exemplo, em I Sam. 13:19 e Isa. 54:16.

2. *Charash barzel,* «trabalho em ferro», que aparece somente em Isa. 44:12.

3. *Masger, «ferreiro».* Esse termo aparece por quatro vezes com esse sentido, em II Reis 24:15,16;

O originador desse ofício foi Tubal-Caim (Gên. 4:22). O contexto de I Sam. 13:19 refere-se aos ferreiros filisteus, que foram os primeiros a trazer para a Palestina a arte de trabalhar com o ferro. O profeta Isaías fornece-nos uma boa descrição do trabalho de um ferreiro, em Isa. 44:12; mas a passagem encontra-se em meio a um trecho que descreve o fabrico de ídolos, mas nenhum ídolo de ferro foi encontrado até hoje. O trecho de Isaías 54:16 refere-se ao fabrico de certo artefato de ferro, embora esse artefato não seja especificado de modo definido, embora a versão portuguesa diga que o ferreiro fabricou uma *arma;* mas essa tradução tem por base o contexto, que possibilita tal tradução.

A palavra «ferreiro» (no hebraico, *masger*) é usada para descrever certa classe de artífices levada para a Babilônia por Nabucodonosor, por ocasião do exílio de Judá para aquele país; mas o sentido exato do termo hebreu é desconhecido hoje; entretanto, essa tradução, na verdade, não passa de uma conjectura (ver igualmente, II Reis 24:24,16 e Jer. 24:1 e 29:2).

FERRO

Há uma palavra hebraica, uma palavra aramaica e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Barzel,* «ferro», palavra hebraica que ocorre por setenta e cinco vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 4:22; Lev. 26:19; Núm. 31:22; Deu. 3:11; Jos. 6:19,24; Juí. 1:19; I Sam. 17:7; II Sam. 12:31; I Reis 6:7; II Reis 6:6; I Crô. 20:3; II Crô. 2:6; 14:6; 19:24; Sal. 2:9; Pro. 27:16; Ecl. 10:10; Isa. 10:14; Jer. 1:18; Eze. 4:3; Amós 1:3; Miq. 4:13.

2. *Parzel,* «ferro», palavra aramaica que só aparece no livro de Daniel, por dezenove vezes (2:33-35,40-43; 4:15,23; 5:4,23; 7:7,19).

3. *Síderos,* «ferro», palavra grega usada somente por uma vez, em Apo. 18:12. A variante *sidéros,* «feito de ferro», ocorre por mais quatro vezes: Atos 12:10; Apo. 2:27; 12:5; 19:15.

O ferro, em sua forma natural, como nos fragmentos de meteoritos, é conhecido pela raça humana há milênios. Porém, passou-se muito tempo antes de o homem desenvolver a tecnologia adequada para a produção de ferro, a partir do minério de ferro. A primeira alusão bíblica ao ferro aparece em Gen. 4:22, que antecede a Idade do Ferro. É provável que o ferro, como meteorito, esteja em foco. Essa referência no livro de Gênesis mostra que o ferro era utilizado em objetos feitos desse metal, para o fabrico de instrumentos; mas devemos presumir que tal metal não existia em quantidade muito abundante. Algum ferro podia ser extraído da lava dos vulcões, aumentando um pouco a sua quantidade disponível.

Ao que parece, os hititas foram os primeiros a solucionar o problema da redução do minério de ferro em ferro, que então podia ser usado para fabricar implementos agrícolas, instrumentos, armas de guerra, etc. Os filisteus levaram a arte do trabalho em ferro à Palestina, havendo evidências arqueológicas que demonstram que esse

tipo de trabalho foi extensamente desenvolvido e usado pelo povo. Os trechos de Juízes 1:19 e I Samuel 13:19-22 mostram que Israel, por esse motivo, encontrava-se em grande desvantagem militar, porquanto os filisteus possuíam armas e carros de combate feitos de ferro. Porém, durante os reinados de Davi e Salomão, o povo de Israel alcançou os seus vizinhos, no progresso do uso do ferro (I Crô. 29:7). Naturalmente, antes do ferro, houve o uso extensivo do bronze, o que assinalou uma era arqueológica (2700 A.C.). O ferro marcou uma outra era. A era do ferro é datada entre 1200 e 300 A.C. Homero tem muitas referências ao ferro, em seus escritos, o que indica que, desde tempos bem remotos, os gregos sabiam explorar e usar o ferro. A arqueologia e as referências literárias antigas também mostram que os etruscos, os egípcios e os assírios sabiam trabalhar o ferro. Têm sido encontrados na região da antiga Assíria instrumentos de bronze recobertos de ferro. Quando o ferro começou a ser empregado, o cobre e o bronze continuaram sendo usados em armas de defesa, como os escudos, mas as armas ofensivas, como espadas, facas e lanças, eram feitas de ferro, porquanto esse metal é mais duro e pode receber um fio ou uma ponta mais permanente do que o bronze.

Nos dias de Davi, o ferro passou a ser usado em Israel em maior abundância do que o bronze. As conquistas militares dos filisteus serviram para dar aos israelitas o conhecimento do uso do ferro (ver I Sam. 13:19-22). Os filisteus tinham instalações de mineração e de fundição de ferro, em Gerar. Os trechos de Isaías 44:22 e Eclesiastes 38:28 nos dão alguma idéia sobre o trabalho de forja, em Israel. Alguns eruditos têm falado em termos do progresso do ferro, em Israel, nos dias de Davi e Salomão. O ferro era abundante, juntamente com o cobre, na Arabá, a região entre o mar Morto e o golfo de Acaba, e as minas dali produziam minério de ferro durante o reinado de Salomão. Outros depósitos de ferro incluíam áreas próximas do monte Carmelo, do monte Hermom, a sudoeste de Midiã, em vários lugares da Síria, na ilha de Chipre, na costa do Ponto da Ásia Menor, e nas ilhas do mar Egeu.

Usos do Ferro, Segundo Referências do Antigo Testamento: entre os despojos de guerra (Núm. 31:22; II Sam. 8:8); na fabricação de carros de guerra; provavelmente veículos recobertos com placas de ferro com rodas recobertas de ferro (Jos. 17:16,18; Juí. 1:19; 4:3,13); o leito do rei Ogue (Deu. 3:11); a ponta da lança de Golias (I Sam. 17:7); os ferros de machados e machados de guerra (Deu. 19:5; II Reis 6:5,6; Isa. 10:34); instrumentos feitos para cortar pedras (Deu. 27:5), serras, arados, etc. (II Sam. 12:31), um estilete para gravar (Jó 19:24; Jer. 17:1) algemas e correntes (Sal. 105:18; 107:10).

O ferro é um dos mais abundantes metais da crosta terrestre, um pouco mais de cinco por cento do material que forma essa crosta. O ferro natural ou nativo é raro como material da crosta terrestre e quando é encontrado como tal, resulta da lava despejada pelos vulcões em erupção. A maioria dos meteoritos consiste em uma liga de ferro e níquel: 91% ferro e 8,5% níquel. Os cientistas também acreditam que o núcleo do globo terrestre também é uma combinação desses dois metais. Jóias encontradas no Egito prédinástico (antes de 3400 A.C.) exibem o uso de ferro e do níquel provavelmente derivados de fragmentos de meteoritos. Quando o ferro é misturado ao níquel, torna-se infenso à ferrugem, o que explica sua longa duração, com pouca desintegração. A ferrugem, sem qualquer níquel, associado ao cobre, em instrumentos encontrados no Egito, é de cerca de 2700 A.C. Isso pode sugerir que ali havia fundições de minério de ferro desde épocas bem remotas. Isso é confirmado por remanescentes de antiqüíssimas manufaturas de ferro, em locais da Síria e do Iraque. Uma data tão antiga quanto 7000 — 6000 A.C. tem sido sugerida para a descoberta inicial do ferro, visto que, no Egito, contas de ferro oxidadas têm sido encontradas, quase com essa antiguidade. Algumas contas encontradas em El Gerzeh, datam de cerca de 1000 A.C., e instrumentos de ferro começaram a ser feitos na IV Dinastia egípcia (cerca de 3100 A.C.). Alguns desses instrumentos têm sido encontrados no interior da grande pirâmide de Cufu, em Gizé. Supõe-se que instrumentos de ferro eram necessários para serem gravados os hieroglifos em pedras duras. Seja como for, a manufatura *comum* de armas, instrumentos e ornamentos feitos de ferro, só começou já na Idade do Ferro (cerca de 1200 A.C.).

Usos Figurados. A força e a resistência físicas assemelham-se ao ferro (Deu. 33:25; Miq. 4:13; Jó 40:18; Dan. 7:7,19). A quarta besta da visão de Daniel tinha dentes de ferro, e aparece como um animal de ferro, no segundo capítulo do livro de Daniel. O seu reino é visto como tendo artelhos compostos de ferro e barro, ou seja, com um ponto de fortaleza e um ponto de fraqueza. O império romano, em seu futuro reavivamento final, é assim retratado. Qualidades morais, como a inflexibilidade, de boa ou de má qualidade, também são assim retratadas (Jer. 1:18; Isa. 48:4). Isso pode ser comparado com a metáfora de pessoas de dura cerviz, teimosos em seus caminhos malignos (Êxo. 32:9; 33:3,5; I Crô. 30:8). A seca prolongada produz um solo duro como o ferro (Lev. 26:19). A escravidão é simbolizada por algemas de ferro (Deu. 28:48). A aflição é simbolizada por uma fundição (Deu. 4:20). O castigo divino é simbolizado da mesma maneira (Eze. 22:18,20). Assim como o ferro pode ser usado para afiar o ferro, assim também um amigo melhora a fisionomia de um seu amigo. Em outras palavras, um amigo torna seu companheiro melhor em muitos sentidos. Os crentes aguçam-se mutuamente em suas graças e dons espirituais. Os mestres aguçam as mentes de seus alunos. A panela de ferro, de Ezequiel 4:3, parece indicar defesas contra o inimigo, como trincheiras, parapeitos, fortificações, etc. Para Israel, isso servia de sinal de que o cativeiro babilônico avizinhava-se cada vez mais, e que os judeus precisavam preparar a sua defesa, o que, entretanto, seria inútil. Também falamos sobre uma vontade de ferro, indicando uma resolução firme, inflexível.

FERROLHO

No hebraico, **naal,** «fechar». A palavra aparece por seis vezes. Indicava a tranca das portas de madeira ou de ferro que os hebreus usavam para fechar portas de casas (II Sam. 13:17,18; Can. 5:5), portas de cidades (Nee. 3:3,6; 13-15), portas de prisões (Isa. 45:2) etc. A raíz dessa palavra era idêntica ao vocábulo que se referia ao couro ou às sandálias. Talvez por isso a semelhança com a palavra para «ferrolho», pois tinham a forma de lingüeta. É verdade que também havia portas dotadas de trancas de madeira ou de metal, mas também eram conhecidos os ferrolhos tipo lingüeta. Ver Nee. 3:3,6,13-15. Portanto, havia dois sistemas: um deles precisava ser posto no lugar pelo lado de dentro (trancas) e o outro, por meio de uma chave, podia ser destravado pelo lado de fora (Juí. 3:23 *ss).* Ver também *trancas e fechaduras.*

FERRUGEM

No hebraico, **chelah,** «zinabre»; no grego, **brosis** «desgaste» ou «alimento», pois é palavra com duplo sentido, e *ióS,* «ferrugem» ou «veneno». A oxidação de certos metais produz um depósito à superfície dos mesmos que, dependendo de sua natureza, chamamos de *zinabre ou* «ferrugem». A palavra hebraica aparece por cinco vezes, em Eze. 24:6,11,12; *brosis,* com o sentido de «desgaste», aparece em Mat. 6:19,20; e *ióS* aparece por três vezes, Rom. 3:13; Tiago 3:8 e 5:3.

Nas referências bíblicas, a idéia tem conotações simbólicas. O zinabre que se forma em um tacho de bronze, onde a comida é preparada, torna-se símbolo da iniqüidade não expurgada dos habitantes de Jerusalém, dentro da parábola de Ezequiel (24:6-13). Nos trechos do Novo Testamento, uma acusação similar é feita contra os acumuladores de riquezas mal adquiridas, sob o simbolismo do «desgaste» ou da «ferrugem» que ataca as moedas. Quanto a *ióS,* nossa versão portuguesa a traduz por «veneno», em Rom. 3:13 e Tia. 3:8; e *por ferrugem,* em Tia. 5:3. Em qualquer um dos casos, a questão é se a ferrugem testifica sobre a duração passageira das riquezas materiais, ou se está em foco o

testemunho de que os ricos preferem acumular riquezas, permitindo que as mesmas se estraguem, do que beneficiar seus semelhantes. Talvez esta última idéia ajuste-se melhor ao contexto pois, no simbolismo apocaliptico, a ferrugem sempre é uma força viva vingativa (ver TDNT, III, pág. 335).

No hebraico *yeraqon*, «palidez», «esverdeado». As referências bíblicas a certo fungo comum, que atacava as plantações, na Palestina, devido à umidade atmosférica. Se uma plantação sofreu tal ataque, isto constituiu uma calamidade, pelo que a ferrugem era considerada um castigo divino. Essa palavra hebréia aparece por cinco vezes, em Deu. 28:22; I Reis 8:37; II Crô. 6:28; Amós 4:9; Ageu 2:17. O trecho de I Reis 8:37 registra uma oração feita por Salomão, no sentido de que Israel fosse livrado dessa praga. A condição oposta era o sopro dos ventos quentes em tempos de seca. Ver Deu. 28:22-24; I Reis 8:37; II Crô. 6:28. Ambos os extremos eram indesejáveis e todos os extremos usualmente são indesejáveis.

FERTILIDADE, CULTOS DE

Era natural que os homens celebrassem a fertilidade dos campos, dos animais e dos seres humanos em meio a observâncias especiais, sacrifícios e culto religioso, porquanto a sua própria existência depende dessas coisas. Nas religiões primitivas, deuses e deusas representavam ciclos de vida e de fertilidade. Assim, no caso de divindades concebidas como do sexo masculino, a sua vida, as suas forças, o seu casamento e os seus ciclos de vida eram vinculados às estações do ano: a primavera, ao nascimento ou à ressurreição do deus; o verão, ao seu florescimento máximo; o outono, ao seu declínio, e o inverno, à sua morte e perda da fertilidade. Um importante mito antigo consistia na busca, feita pela deusa terra, por seu filho ou amante perdido (de acordo com diferentes representações). As lendas de Istar e Tamuz, na Babilônia, de Ísis e de Osíris, no Egito, e de Deméter e Perséfone, na Grécia, representam todas elas o ciclo anual de decadência e reavivamento da natureza, ou de nascimento (ou ressurreição) e morte, com uma interminável repetição desse mesmo processo, ano após ano. Um importante livro sobre esse assunto foi publicado em 1906. Seu autor, James G. Frazer, procurou provar que certo número de cultos promoviam a fertilidade das plantações, dos animais e dos homens, celebrando a morte e a subseqüente ressurreição do mesmo deus. Também havia o casamento sagrado de um deus com uma deusa, com a subseqüente geração da vida, o que também era um tema muito comum nas religiões antigas.

1. *No Egito.* Osíris teria sido morto por seu irmão, Sete; mas, teria sido reanimado por sua esposa, Ísis. Por isso, Osíris passou a ser associado à idéia da ressurreição.

2. *Na Mesopotâmia.* O deus sumério *Dumuzi* (no acádico, *Tamuz*), que originalmente foi apenas um rei de Ereque, mas depois deificado e feito consorte da deusa Inana, faleceu. Então Inana (ou Istar) teria descido ao *hades*, a fim de ali ressuscitar seu amante. Essas duas divindades, pois, também estavam envolvidas em uma lenda de matrimônio sagrado. É verdade que histórias sobre descidas ao *hades* são comuns em muitas culturas antigas; e isso deve ser ligado à percepção humana de que a morte não é o fim de toda a oportunidade, e que há possibilidade de avanço espiritual e de renovação, mesmo após a morte física. Assim também, nos livros apócrifos do Antigo e do Novo Testamentos, encontramos relatos de descidas ao *hades*, e esse conceito reaparece em I Pedro 3:18-4-6 e em Efésios 4:8 *ss*. Ver o artigo separado sobre a *Descida de Cristo ao Hades.*

3. *Na Grécia.* Ali, a deusa Perséfone (Core), representava o debilitamento da vegetação. Lemos que ela teria sido seqüestrada e conduzida ao *hades*. Sua mãe, Deméter, ficou a lamentar por ela. Uma religião misteriosa desenvolveu-se em torno da história, os *Mistérios de Core*, celebrados em Elêusis.

Zeus teria enviado Hermes, a fim de trazê-la de volta à terra. Porém, visto que ela comera parte de uma romã que lhe fora dada por Hades, seu marido, ela só podia passar dois terços do ano, no mundo visível, em companhia de sua mãe. A outra terça parte do ano ela tinha de passar no *hades*, como deusa da morte. Naturalmente, isso corresponde, de certo modo, às estações do ano, e o tempo em que Perséfone ficaria no *hades* corresponderia ao inverno. Isso posto, essa história de uma descida ao *hades* expõe um sucesso apenas parcial; mas, pelo menos, ali é embalada a esperança de que, por esse meio, a vida pode ser restaurada. Na mente grega, a imortalidade aparece ligada a essa história, o que se tornou uma parte dos mistérios eleusianos.

A história de Adônis é outro exemplo grego que ilustra o motivo da **morte-hade-ressurreição.** Adônis, intensamente amado pela deusa Afrodite, teria sido morto na metade do verão por um javali. Ao chegar o inverno, ele seria muito lamentado, através das desolações resultantes, próprias dessa estação do ano. Afrodite ficaria inconsolável e faria formas de vida vegetal renascerem com base no sangue de Adônis. Ela simplesmente não queria desistir dele. E fez pressão sobre Zeus, para que o enviasse de volta do *hades* à terra. Entrementes, Perséfone se enamorara de Adônis. Em vista disso, Zeus resolveu o problema com uma meia-medida. Decretou que Adônis deveria viver metade do ano na terra, com Afrodite; e a outra metade do ano no *hades*, com Perséfone. Uma vez mais, encontramos a situação da primavera-inverno, ou seja, da morte e da ressurreição. A morte de Adônis era lamentada intensamente no culto dos gregos; e a sua ressurreição era celebrada em meio a grandes festividades e muita licenciosidade. Uma das caracteristicas dessas festividades eram os *jardins de Adônis.* Eram expostos vasos com plantas; mas essa vida dissipava-se rapidamente, outra vez, mostrando como Adônis ficaria transitando entre a terra e o *hades.* Alguns eruditos supõem que o trecho de Isaias 17:10 refere-se aos jardins de Adônis, quando ali lemos sobre «plantações formosas».

O homem anela por livrar-se definitivamente da morte e do *hades.* Essas são aspirações humanas comuns, ocultas no mais secreto recesso de seu espírito. Suas próprias religiões e mitos tentam resolver esses problemas, mediante uma esperança profética.

4. Yahweh e o Casamento Sagrado. Alguns estudiosos têm pensado que uma parcela dos ensinos sobre Yahweh, de Israel, envolve idéias tomadas por empréstimo dos cultos de fertilidade dos cananeus. Nesse caso, Yahweh teria tido um casamento sagrado, conforme se via, por exemplo, na adoração a Baal. Eles acreditam que o simbolismo usado no Antigo Testamento, de Yahweh como um noivo, e de Israel como uma noiva, seria um reflexo desse antigo culto pagão. E outros também supõem que os conceitos fundamentais da imortalidade, do servo sofredor e da paternidade de Deus derivam-se desses antigos motivos e das idéias dos cultos de fertilidade.

5. O Novo Testamento e Esses Motivos Antigos. Alguns estudiosos, naturalmente, não crêem na ressurreição literal de Jesus Cristo. Alguns supõem que o relato do Novo Testamento é a mera continuação do tipo de coisas que descrevemos acima. Cristo seria apenas uma outra figura, parecida com Adônis e Osíris. É inútil tentar negar o motivo da ressurreição, nas religiões antigas, segundo têm negado alguns eruditos conservadores. Mas, aqueles que estudam os escritos clássicos têm plena confiança nesse fator, no pensamento grego. Na realidade, porém, a nossa atitude deveria ser diametralmente oposta a isso. Se os povos antigos anelavam por não ser deixados no *hades*, mediante a descida de algum poder divino, até aquele lugar subterrâneo, quão profundamente nos deveríamos regozijar de que, em Cristo, ambos esses anelos do espírito humano tiveram cumprimento! Karl Jung demonstrou que a psique humana abriga diversos motivos fundamentais. Esses motivos transparecem através da arte, da literatura, da religião e dos mitos. As estórias que os homens contam são apenas lendárias, mas a realidade que provoca esses mitos é algo perfeitamente real. Anelamos por receber a vida e o livramento. Por essa razão é que a literatura envolve noções de ressurreição e histórias de descidas ao *hades.* Há algo de grandemen-

te significativo no fato de que o Novo Testamento promove ambos esses conceitos, assegurando-nos que essas coisas, realmente, eram anunciadas pelos primitivos ministros cristãos. Ver o artigo separado sobre *Baal (Baalismo)*. Talvez ali tenhamos uma antiga narrativa sobre morte e ressurreição vinculada às estações do ano, com a morte do inverno e a ressurreição da primavera. Nesse artigo há uma descrição sobre a idéia de como esse culto a Baal pode ter influenciado certas crenças do povo de Israel. Não há sentido em tentar negar as aspirações dos povos antigos, que incluíam os motivos da *morte-hades-ressurreição*. Devemos perceber como essas aspirações foram perfeitamente cumpridas na experiência de Jesus Cristo. (AM E OS Z)

FESTA DAS SEMANAS

Ver sobre *Festas (Festividades) Judaicas*, II. 4. b.

FESTA DAS TROMBETAS

Ver sobre **Festa (Festividades) Judaicas, II. 4. f.**

FESTAS E COLHEITAS

Ver sobre **Festas (Festividades) Judaicas.**

FESTAS E FESTIDADES DA IGREJA

Ver o artigo separado sobre o *Calendário Eclesiástico*.

FESTAS (FESTIVIDADES) JUDAICAS

Esboço:
I. Caracterização Geral
II. Festividades do Antigo Testamento
III. Festividades Após o Exílio Babilônico
IV. Gráfico do Ano Sagrado dos Judeus
V. Festas e Festividades do Novo Testamento
VI. Festas e Festividades do Judaísmo Moderno

I. Caracterização Geral

As festas assinalam importantes momentos de transição ou acontecimentos de vulto na vida do indivíduo, de uma comunidade ou de uma nação. Datas importantes, como aniversários, aquelas que comemoram acontecimentos significativos, as estações do ano que envolvem a fertilidade, a colheita, ciclos anuais importantes, casamentos, nascimentos, falecimentos, circuncisão, a maioridade, supostos eventos na vida dos deuses, salvadores, heróis, santos etc., geralmente os homens transformam em motivo para algum tipo de festa ou festividade. Visto que Israel era, essencialmente, uma nação que promovia o culto religioso e não as ciências e as artes, aquela nação desenvolveu muitas festividades importantes que refletiam aspectos de sua adoração religiosa. Além de ocasiões como as que sugerimos acima, o povo de Israel também comemorava coisas como o desmame de um filho ou de um herdeiro, a tosquia das ovelhas, além de ocasiões especiais para esta ou aquela família.

II. Festividades do Antigo Testamento

1. *Festividades Particulares.* Muitas das modalidades de festas alistadas no primeiro ponto deste artigo, acima, podem ser encontradas nas páginas do Antigo Testamento. Exemplos disso, são: casamentos (Gên. 29:22); o desmame de uma criança (Gên. 21:8); aniversários natalícios (Gên. 40:20); a chegada ou a partida de hóspedes (Gên. 19:3; 27:30); a tosquia das ovelhas (Deu. 18:4; I Sam. 25:2,8,36), os negócios de estado (II Sam. 3:20; Est. 1:3; Dan. 5:1); entretenimentos diversos (Est.5:4,14; 7:2,7); qualquer ocasião especial (Jó 1:4,5; Isa. 5:12).

Festas Comunais. As festas que envolviam a nação inteira eram festividades comunais ou nacionais e são descritas abaixo:

2. *Festividades Semanais: o Sábado.* O dia de Sábado foi santificado pelo Senhor, a fim de comemorar o ato da criação (Gên. 2:1-3). Sua instituição formal teve lugar após o êxodo (Êxo. 16:23). Também relembrava o descanso que o Senhor conferiu a Israel, libertando esse povo da servidão aos egípcios (Deu. 5:12-15). Assim sendo, o sábado tornou-se sinal do pacto que Deus estabeleceu com Israel. O sábado era observado desde o pôr-do-sol (de nossa sexta-feira) até o pôr-do-sol (de nosso sábado) (Exo. 20:12,13). Nenhum trabalho podia ser executado nesse dia, sob pena de morte (Exo. 31:14). Essa provisão, todavia, foi exagerada pelas tradições judaicas até um ponto ridículo. Assim, alguns judeus, do período dos Macabeus, permitiram-se ser massacrados no dia de sábado, em vez de se defenderem para que não o profanassem (I Macabeus 2:38-41). Ver o artigo separado sobre o *Sábado*. Ver também os artigos intitulados *Domingo, Dia do Senhor* e *Domingo, Identificação com o Sábado,* no tocante às atitudes cristãs a respeito desse dia de guarda.

3. *Festividades Mensais: a Lua Nova.* No início de cada novo mês lunar, ofertas especiais eram feitas, a fim de cumprir os requisitos da lei mosaica (Núm. 28:11-15; Esd. 3:5). Eram tocadas as trombetas (Núm. 10:10), as atividades normais cessavam e eram conferidas instruções religiosas (Isa. 1:13,14). Paulo, naturalmente, via todas essas festas como sombras das realidades espirituais vindouras e não recomendava essa observância para os cristãos e nem se opunha a ela (Col. 2:16). As fases sucessivas da lua nos fazem lembrar a contínua provisão de Deus e o seu dom do tempo.

4. *Festividades Anuais.* Os detalhes sobre essas festividades aparecem nos artigos separados, sobre os pontos abaixo discriminados:

a. *A Páscoa.* Ver o artigo separado com esse título. Essa festa comemorava a última praga do Egito, do que resultou o livramento de Israel da servidão (Êxo. 21:11,21,27,43,48). A páscoa (ou festa dos pães asmos) era uma das três festividades anuais importantes, sendo observada no décimo quarto dia do primeiro mês do ano judaico. Por sete dias, só se podia comer pães sem fermento e nenhum trabalho podia ser realizado. O primeiro e o último dias eram dias de convocação solene e eram oferecidos holocaustos (Núm. 28:16-25; Deu. 16:1-8). Paulo alegorizava essa festa, vendo Jesus Cristo como nosso Cordeiro Pascal, que foi sacrificado por nós. Conforme ele mostra, em I Coríntios 5:7, o ato de evitar o fermento tipificava o abandono de toda insinceridade.

b. *Festa das Semanas ou Pentecostes.* Essa festa também era chamada *festa da colheita* e *festa das primícias* (Êxo. 23:16; 34:16,22; Núm. 28:26). Originalmente, era uma celebração da colheita. Posteriormente, tornou-se conhecida como *festa de Pentecostes* (vide), porquanto era celebrada no qüinquagésimo dia a partir do sábado com que começava a páscoa. Fazia-se uma convocação do povo, e eram oferecidas as ofertas e os holocaustos determinados. O trecho de Tobias 2:1 diz que a festa de Pentecostes é a festa sagrada das sete semanas, o que explica a derivação desse seu último nome. No século II D.C., e daí por diante, essa festa tornou-se um memorial da outorga da lei, no monte Sinai, talvez cinqüenta dias após a páscoa (T.B. Pesahaim 68b). A outorga do Espírito Santo, de acordo com o registro do segundo capítulo do livro de Atos, ocorreu nesse dia festivo. Portanto, temos ali o Pentecostes cristão, que assinala o Espírito Santo como aquele que nos veio guiar na vida cristã, em substituição à lei mosaica. Ver o artigo separado sobre o *Pentecostes*.

c. *Festa das Tendas ou Tabernáculos.* Essa festa tinha lugar no sétimo mês do calendário judaico, cinco dias após o dia da Expiação e prosseguia por sete dias (Êxo. 23: 16,17; 34:22). O primeiro e o oitavo dias desse período eram dias de descanso. Eram feitas tendas toscas, com ramos de palmeiras, folhas e raminhos; e, durante aquela semana, o povo habitava nessas tendas. Essa experiência comemorava como Israel fora forçado a viver, quando Deus os tirou do Egito (Lev. 23:33-43). Todas as famílias de Israel e a comunidade inteira tinham um período de intenso regozijo, porquanto estavam celebrando a sua libertação (Deu. 16:13-15). Eram oferecidos sacrifícios especiais. Eram recolhidos frutos próprios da estação, em memória à provisão divina, que sempre fora adequada, mesmo nos momentos mais cruciais.

d. *Dia da Expiação.* Ver o artigo separado com esse título e também sobre *Expiação*. Essa observância ocorria no décimo dia do mês

sétimo, *Tisri* (Núm. 29:7-11). Havia todo um cerimonial de expiação simbólica, do qual participavam os sacerdotes e o povo. Era enviado ao deserto o bode Azazel (vide), que simbolizava o ato de dissipar os pecados do povo. Ver Lev. 16:8,10,26, no tocante a esse particular. Era um dia de ritual, de descanso e de jejum. Havia uma santa convocação e muito se lamentava pelos pecados, paralelamente à atitude de arrependimento.

e. *Dia do Ano Novo.* Os eruditos debatem se, no antigo Israel, havia mesmo ou não essa celebração. Em caso positivo, provavelmente seguia o modelo da festa babilônica *Akitu,* que ocorria na primavera de cada ano. Essa festa celebrava a renovação do reinado do deus *Marduque* sobre os seus seguidores. Alguns estudiosos acreditam que o reinado de *Yahweh,* sobre Israel, era similarmente observado. Esses vêem evidências para essa opinião em Salmos 47,93,96-99, os chamados «salmos de entronização». Se isso é verdade, então é possível que uma festa similar tenha sido realizada por Jeroboão, no oitavo mês do calendário judaico. Isso servia como festa alternativa, no reino do norte, para a festa que se celebrava em Jerusalém, no reino do sul, após a divisão do reino em dois, Israel e Judá (ver I Reis 12:32).

Contra essa teoria, temos o argumento de que não há qualquer menção clara, na Bíblia, a uma festa assim no primeiro mês do ano judaico. A festa das trombetas tinha lugar no sétimo mês e não no primeiro mês, ou *Nisã.* O trecho de Êxo. 12:2 mostra que Nisã era o primeiro mês judaico. Os livros apócrifos, bem como os escritos de Josefo e de Filo não mencionam qualquer festa do Ano Novo, embora faça parte dos informes dados em um tratado intitulado *Rosh Ha-Shanah* (no hebraico, «dia do ano novo»). Exatamente qual a antiguidade dessa observância e qual a sua natureza exata, permanecem pontos debatidos. Alguns intérpretes supõem que a festa das trombetas era, originalmente, a festa do Ano Novo, mas que foi transferida para o outono.

f. *Dia das Trombetas.* É possível que, no começo essa fosse uma festividade celebrada no Ano Novo, embora o ponto seja motivo de debates. Ver Núm. 29:1 e Lev. 23:24. Esse dia sempre caía em um sábado. Eram oferecidos sacrifícios e o labor cessava. Era também tempo de arrependimento e de exercícios religiosos. Era efetuada no primeiro dia do sétimo mês judaico. Alguns pensam que as trombetas referem-se à convocação do povo e que poderia ser um ato profético acerca do recolhimento e restauração do povo de Israel. A tradição não se mostra clara sobre o que o toque das trombetas indicava.

III. Festividades Após o Exílio Babilônico

1. Purim. Essa festa (ver o artigo separado a respeito) tinha lugar nos dias 14/15 do mês de *Adar* (mais ou menos, nosso mês de março). Comemorava o livramento de Israel por intermédio da rainha Ester. Ver Ester 9. Foi estabelecida por Mordecai, no tempo do rei, Assuero, da Pérsia. Era dia de festas e alegria, que comemorava a derrota de Hamã. E isso fornece a eterna esperança de que o povo de Deus sempre será livre dos esquemas diabólicos. A observância dessa festa é confirmada em II Macabeus 15:36. Ali, essa festa chama-se *Dia de Mordecai.* Em tempos posteriores, passou a ser observada com a inclusão da leitura do livro de Ester, nas sinagogas. As pessoas comiam, bebiam, alegravam-se e trocavam presentes.

2. *Hanukkah ou Dedicação.* Essa era uma festa que não é mencionada no Antigo Testamento. Celebrava a recuperação e purificação do templo de Jerusalém, por Judas Macabeu, em 164 A.C., depois que fora contaminado por Antíoco IV Epifânio. Também é chamada de *Festa das Luzes,* porque começava com o acender de uma vela, no primeiro dia, com duas, no segundo, e assim sucessivamente, até haver oito velas, no último dia. Ver *T.B. Sabbath,* 21b. Começava no dia 25 de dezembro (mês de *Quideu,* do calendário judaico). O trecho de João 10:22 chama-a de «festa da dedicação».

3. *Dia de Nicanor.* Depois de 160 A.C., no décimo terceiro dia do mês de *Adar,* havia uma comemoração da vitória sobre Nicanor, general sírio. Ver I Macabeus 13:51,52. Ver o artigo separado sobre *Nicanor.*

IV. Gráfico do Ano Sagrado dos Judeus

FESTAS (FESTIVIDADES)

ANO SAGRADO JUDAICO

Mês	*Festas e Observação*
Nisã (abril)	14 - Páscoa 15 - Pães asmos 21 - Encerramento da Páscoa
Sivã (junho)	6 - Pentecostes, sete semanas após a páscoa: outorga da lei mosaica
Tisri (outubro)	1- Festa das Trombetas (*Rosh Hashanah*). 2 - Começo do ano civil 10 - Dia da Expiação 15 - Festa dos Tabernáculos 21 - Grande Hosana
Quisleu (dezembro)	25 - Festa das Luzes (*Hanukkah*)
Adar (março)	13 - Festa de Nicanor 14 - Festa de Purim

V. Festas e Festividades do Novo Testamento

1. *Festas Judaicas Ali Mencionadas.* Sábado, páscoa, pães asmos (Mat. 26:17; Mar. 14:1; Luc 22:1; João 7:2); tabernáculos, dedicação (João 10:22), pentecostes (Atos 2). São aludidas nada menos de quatro festas da páscoa, durante os dias do ministério de Jesus: João 4:45; 5:1; 6:4; 12:1 ss. Nessa ocasião era costumeiro soltar algum prisioneiro (Mat. 27:15; Mar. 15:6).

2. *Interpretações Alegóricas.* a. Cristo é o nosso Cordeiro Pascal (I Cor. 5:7 *ss*). b. Sábados, luas novas e dias festivos eram apenas sombras das realidades superiores que nos são dadas em Cristo (Col. 2:16,17). c. O sábado simboliza o nosso eterno descanso e redenção em Cristo (Heb. 4:1 *ss*). d. A expiação refere-se ao sacrifício perfeito e final de Cristo, na qualidade de nosso Sumo Sacerdote (Heb. 8:1 ss).

3. *Fim da Observância de Festas Simbólicas.* Em Jesus Cristo não é mais necessário observar dias especiais; mas se alguém quiser observá-los, tem a liberdade para fazê-lo. Se o crente quiser observar ou não, deve fazer tudo para agradar o Senhor (Rom. 14:4 *ss*).

4. *Festividades Gerais.* — Jesus repreendeu os fariseus porque tanto se preocupavam em ocupar os melhores lugares nas festas religiosas e nos banquetes, por quererem ostentar-se (Mat. 23:6). Havia festividades que comemoravam eventos especiais, à parte das festas nacionais mencionadas no Antigo Testamento, o que fica subentendido em Lucas 14:13. Jesus fez-se presente a uma festa de casamento, no decorrer da qual realizou o seu primeiro milagre (João 2:8 *ss).*

5. *Festas Pagãs.* As comunidades religiosas pagãs e as guildas comerciais tinham seus dias de comemoração, quando ofereciam carnes aos ídolos. Essas carnes eram expostas, durante algum tempo, no interior dos templos; e, em seguida, eram trazidas para os banquetes. Um cristão, que se fizesse presente a um desses banquetes, enfrentava uma questão de consciência, de difícil solução. O apóstolo Paulo permitia liberdade quanto a essa questão, mas eliminou totalmente o consumo de tais carnes e a participação em tais banquetes, se isso fosse ofensivo para algum irmão na fé (I Cor. 10:27). O trecho de Apocalipse 2:14,20 demonstra que, em alguns lugares, onde havia cristãos, essa prática era simplesmente proibida, uma posição mais radical que aquela expressa por Paulo.

6. *A Festa de Amor.* A Ceia do Senhor ou Eucaristia era celebrada, nos dias do cristianismo primitivo, juntamente com uma refeição e não consistia somente na ingestão de pequena quantidade de pão e de vinho.

De fato, a palavra «ceia» indica uma refeição. Esse banquete era chamado *agapé,* no original grego. Ver o artigo sobre *Eucaristia.* Ver também sobre essa palavra grega, no NTI, nas notas expositivas sobre Judas, 12.

7. *Festa de Casamento Espiritual.* Jesus lançou mão do símbolo de uma festa de casamento a fim de ilustrar a concretização futura do reino de Deus, entre os homens. Isso ele fez na parábola das dez virgens (Mat. 25:1 ss), do casamento do filho do rei (Mat. 22:2 *ss)* e do grande banquete (Luc. 14:15 *ss).* Jesus comparou o seu relacionamento com os seus discípulos com aquele vínculo de amizade que une um noivo e os seus convidados (Mat. 9:15). E João Batista aparece como o amigo ou padrinho do noivo, por ter sido o precursor desse relacionamento amistoso (João 3:29). No último livro da Bíblia também temos menção à festa de casamento do Cordeiro (Apo. 19) quando a Igreja, a Noiva de Cristo, entrará em sua glória, por ocasião da *parousia* (vide). A universalidade da mensagem do evangelho é referida sob o simbolismo de um banquete que atrai seres humanos provenientes de todos os lugares, do Oriente e do Ocidente, para virem banquetear-se juntamente com Abraão, Isaque e Jacó (Mat. 8:11).

8. *A vida cristã inteira,* por causa de suas alegrias e múltiplas bênçãos, é apresentada sob a figura de uma festa (I Cor. 5:8).

9. *O Banquete do Juízo Final.* O julgamento divino é retratado como um banquete com sacrifícios (Isa. 34:5 *ss,* Eze. 39:17). Esse simbolismo também é empregado em Apo. 19:17 *ss,* referindo-se ao julgamento que ocorrerá por ocasião da *parousia,* quando então os ímpios serão julgados e suas carnes serão consumidas pelas aves. Está em pauta o *Armagedom* (vide).

VI. Festas e Festividades do Judaísmo Moderno

-Sábado (cada sétimo dia, do pôr-do-sol ao pôr-do-sol).

-Páscoa *(pesach),* mês de *Nisã,* dias 15-22. Quatro dias intermediários são observados por alguns judeus. Os judeus reformados observam somente o primeiro e o sétimo dias.

-Semanas *(shabuot),* mês de *Sivã,* dias 6 e 7. Os judeus reformados observam somente o primeiro dia. O nono dia do mês de *Ab (Tishab' Ab),* não é observado pelos judeus reformados.

-Expiação *(yom ha Kippurim),* mês de *Tisri,* décimo dia.

-Tabernáculos *(sukkot),* mês de Tisri, dias 15 a 20. Os dias intermediários são observados de vários modos, por diferentes grupos judeus, como dias semifestivos. O primeiro e o oitavo dias são observados pelos judeus reformados, em vez de observarem o primeiro, o segundo, o oitavo e o nono dias, conforme fazem outros judeus. Celebrações adicionais seguem-se ao vigésimo primeiro dia de *Tisri:* o Grande Hosana, não observado pelos judeus reformados, no dia 21. Há uma solene assembléia, no dia 22. Há regozijo por causa da lei mosaica, não observada pelos judeus reformados, no dia 23.

- Dedicação, uma festa religiosa de oito dias, que envolve semiferiados.

-Purim *(Ta'anit Esther),* no mês de *Adar,* dias 14 e 15, que não é observado pelos judeus reformados. Essa festa é combinada com a festa do lançamento de sortes.

Várias Festas Religiosas Secundárias. Lua Nova, Dia Menor da Expiação (um dia de jejum antes da lua nova); *K Lag-Bo-omer,* no dia 15 dos meses de *Shebat* e de *Ab* (no meio do inverno e no meio do verão, um tanto paralelo ao nosso Dia da Árvore). Há várias celebrações locais entre diferentes comunidades judaicas. Nenhuma dessas festas secundárias, contudo, é observada pelos judeus reformados. (AM E MOR ND Z)

FIAÇÃO

Trata-se da antiga arte de torcer fibras naturais para formar um fio contínuo, mais tarde usado no fabrico de tecidos. Essa habilidade é mencionada tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Suas origens perdem-se na mais remota antiguidade. Os restos pertencentes à era paleolítica dão sinais de que os homens sabiam costurar e cerzir, sendo perfeitamente possível que a fiação já fosse também conhecida por eles. Desse período têm sido encontradas excelentes agulhas de ossos, com buracos bem feitos. Portanto, é possível que eles usassem fibras afiadas e não tendões ou tiras de couro bem finas. Desde a mais remota antiguidade havia fibras vegetais, sobretudo o algodão e o linho. É mesmo possível que a arte da fiação tenha surgido nas culturas à beira dos vales de rios onde essas plantas eram cultivadas. Os primeiros instrumentos, de uma era ainda não mecânica, foram o gancho, usado como um fuso, e a vareta curta, usada como roca, onde o fio ficava enrolado. Visto que esses instrumentos eram feitos usualmente de madeira, não sobreviveram até nós e só aparecem ilustrados nas pinturas e gravuras dos túmulos antigos. Em certos lugares da Palestina também têm sido encontrados carretéis de pedra onde o fio ficava enrolado. É possível que o raro vocábulo hebraico *kishor* seja uma alusão a um desses carretéis de pedra. Ver Pro. 31:19, onde a nossa versão portuguesa diz «fuso».

O verbo hebraico que significa «fiar» *(tavah)* aparece somente em Êxo. 35:25,26, dentro do contexto das ofertas feitas pelos israelitas para a ereção do tabernáculo, no deserto. Em Israel, a fiação era um trabalho tipicamente feminino. Por isso, as tradições rabínicas registram a admiração dos judeus quando encontraram homens babilônios que fiavam. E a literatura judaica profana refere-se aos vários tipos de fios, bem como o uso que tiveram na construção do tabernáculo e do templo de Jerusalém.

No Novo Testamento, o verbo grego *nétho,* «fiar», aparece somente por duas vezes, em Mat. 6:28 e em Luc. 12:27, sempre como ilustração acerca dos lírios do campo, que «não trabalham nem fiam». E esse verbo grego também é usado pela Septuaginta para traduzir as passagens do livro de Êxodo que falam em fiar, embora seja usada uma forma variante do termo grego, *néo,* «fiar».

Os gregos sabiam fiar, o que é ilustrado em um bom número de pinturas feitas em vasos antigos, além de ser uma arte aludida por grande número de autores clássicos, em verso e em prosa, entre os quais podemos citar Eurípedes e Aristófanes. Como já dissemos, entre os judeus, era um trabalho deixado ao encargo das mulheres. Jesus, em um de seus sermões, vincula a idéia de trabalho árduo. De fato, a fiação era um trabalho necessário e constante, na antiga cultura do Oriente Próximo e Médio.

FIANÇA, FIADOR

No hebraico temos a considerar duas palavras e, no grego, uma, a saber:

1. *Arubbah,* «fiança», «garantia». Esse vocábulo ocorre apenas uma vez, em Pro. 17:18.

2. *Arab,* «garantia». Palavra empregada por vinte e uma vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 43:9; 44:32; Jó 17:3; Sal. 119:122; Pro. 6:1; 11:15 e 20:16.

3. *Égguos,* «garantia», «fiança». Termo grego usado somente por uma vez, em Heb. 7:22.

No Antigo Testamento, em todas as ocorrências das duas palavras hebraicas envolvidas, há alusão a alguma pessoa que se torna fiadora ou responsável por outra. De acordo com a legislaçao mosaica, um fiador era a pessoa que «intervinha» (no hebraico *arab)* em favor do devedor insolvente e que assumia a responsabilidade pelo pagamento da dívida. Isso o fiador fazia conseguindo o pagamento por parte do devedor, ou desembolsando do próprio bolso a quantia devida.

O ato de intervenção era simbolizado pelo ato de «dar as mãos», conforme se vê, por exemplo, em Jó 17:3; Pro. 6:1, etc., embora a expressão nunca apareça em nossa versão portuguesa, talvez porque não seria entendida pelo leitor comum. De acordo com as passagens envolvidas, ninguém deveria tornar-se fiador de outrem, precipitadamente, isto é, sem antes considerar cuidadosamente se poderia ou não assumir a responsabilidade pela dívida da outra pessoa. O livro de Provérbios por várias vezes mostra a insensatez de quem se responsabilizava pela dívida de outrem.

No Novo Testamento (Heb. 8:22), Jesus intervém como o «garantidor» ou «fiador» das promessas de Deus que nos foram feitas como parte integrante do novo pacto. Em virtude de sua vida, morte expiatória, ressurreição e ascensão à glória celeste, Jesus Cristo tornou-se a garantia divina de que a salvação que foi iniciada em nossas almas, mediante a morte expiatória de Cristo, será necessariamente completada, até a salvação plena, ou seja, até a redenção do corpo. Ver Rom. 8:11: «Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que em vós habita». Ver também o artigo intitulado *Dívida, Devedor.*

FIDELIDADE

1. *Definição Geral.* A *fidelidade* é caracterizada pela firmeza e pela certeza de propósitos, por uma atitude e uma conduta justas, pela devoção de alguém a uma pessoa ou a uma causa, pela incorruptibilidade, pela sinceridade, pela confiabilidade, pelo cumprimento das promessas e votos feitos e pela lealdade sincera.

As idéias contrárias à fidelidade são a infidelidade, a falsidade, a volubilidade, a duplicidade, a indignidade, etc.

2. A *Fidelidade de Deus.* As idéias básicas da fidelidade de Deus são que o Senhor não é arbitrário e nem displicente, mas antes, é sempre confiável quanto a tudo que diz e prometeu, pois suas palavras são verazes e seguras. Deus aplica essas suas qualidades para benefício dos homens. É um ponto fundamental da fidelidade de Deus que ele é *benévolo.* O amor de Deus é que governa a sua Fidelidade. Ele comprometeu-se em fazer o bem para os homens; e o evangelho mostra de que maneira. A fidelidade de Deus é grande (Lam. 3:23), é extensa (Sal. 36:5) e é permanente (Sal. 100:5). A fidelidade de Deus é demonstrada por sua lealdade aos *pactos* (vide). Deus é leal aos seus pactos (Deu. 7:9). Contudo, Deus esconde o rosto daqueles que não têm fidelidade, ou seja, que não correspondem à sua própria fidelidade (Deu. 32:20).

Um atributo divino. A fidelidade, como um atributo divino, denota a certeza de que tudo quanto Deus declarou ser sua intenção fazer, terá pleno cumprimento. Isso diz respeito às bênçãos temporais (I Tim. 4:8; Sal. 84:11). Também diz respeito às bênçãos espirituais (I Cor. 1:9). Ajuda os homens a enfrentarem as aflições e as perseguições (I Ped. 4:12,13). A fidelidade de Deus está envolvida em aflições que purificam os homens (Heb. 12:4-12), capacitando-os a perseverar (Jer. 31:40). Finalmente, a fidelidade de Deus contribui para a glória eterna dos remidos (I João 2:25).

3. A *Fidelidade dos Homens.* Existem pessoas que cumprem as suas obrigações (Pro. 13:17), cuja palavra é veraz e digna de confiança (Pro. 14:5). Essa fidelidade deriva-se do próprio Deus (Hab. 2:4). Os homens participam da fidelidade de Deus, de modo a entrarem na glória eterna (I Cor. 1:9; I Tes. 5:24). Essa fidelidade capacita-os a triunfar sobre os sofrimentos (I Ped. 4:19). Esses participam da imutável felicidade de Deus (II Tim. 2:13), contanto que exerçam fé e sigam os padrões da emergente fidelidade divina. Os homens fiéis desincumbem-se de seus deveres com exatidão e entusiasmo (Mat. 25:21,23), como mordomos (Luc. 12:42; I Cor. 4:2), e como testemunhas (Apo. 2:13).

A fidelidade humana reflete-se no serviço prestado ao Senhor (Mat. 24-25), na declaração da Palavra de Deus (Jer. 23-28; II Cor. 2:17), na ajuda ao próximo (III João 5) sendo exercitada em todas as coisas (I Tim. 3:11). A fidelidade humana é uma qualidade rara (Pro. 20:69) é abençoada por Deus (I Sam. 26:23; Pro. 28:20). É demonstrada em situações que requerem a atitude de confiança (II Reis 12:15; Nee. 13:13).

4. *Homens Fiéis da Bíblia.* José (Gên. 39:22,23); Moisés (Núm. 12:7; Heb. 4:2); Davi (I Sam. 22:14); Hananias (Nee. 7:2); Abraão (Nee. 9:8); Daniel (Dan. 6:4); Paulo (Atos 20:20,27); Timóteo (I Cor. 4:17); Tíquico (Efé. 6:21), Epafras (Col. 1:17) Onésimo (Col. 4:9); Silvano (I Ped. 5:12); Antipas (Apo. 2:13).

5. *Declarações Fiéis.* As epístolas pastorais contêm cinco declarações que são chamadas *de fiéis,* a saber: I Tim. 1:15; 3:1; 4:9; II Tim. 3:11; Tito 3:8. Além disso, as palavras de Cristo são denominadas de fiéis e verdadeiras, em Apocalipse 21:5 e 22:6.

FÍGADO Ver **Orgãos Vitais**, Ponto **4**.

FIGUEIRA

No hebraico, há duas palavras envolvidas e, no grego, três palavras, a saber:

1. *Teenah,* «figo», «figueira». Palavra hebraica usada por trinta e oito vezes no Antigo Testamento, como, por exemplo, em Gên. 3:7; Deu. 8:8; Núm. 13:23; Juí. 9:10,11; II Reis 20:7; Sal. 105:33; Pro. 27:18; Isa. 34:4; 38:21; Jer. 5:17; 8:13; 24:1-3,5,8; Joel 1:7,12; Amós 4:9; Zac. 3:10.

2. *Pag,* «figo verde», termo hebraico usado somente em Can. 2:13.

3. *Sukon,* «figo», termo grego que aparece por quatro vezes: Mat. 7:16; Mar. 11:13; Luc. 6:44 e Tia. 3:12.

4. *Suke,* «figueira». Vocábulo grego usado por dezesseis vezes: Mat. 21:19-21, 24:32; Mar. 11:13-21; 13:28; Luc. 13:6,7; 21:29; João 1:49,51; Tia. 3:12 e Apo. 6:13.

5. *Ólunthos,* «figo verde». Palavra grega usada somente em Apo. 6:13.

Descrição. A Ficus carica, que é seu nome científico, é um receptáculo oco, expandido, que contém flores no seu interior e é uma fruta muito suculenta. As flores permanecem ocultas à vista, a menos que o fruto seja cortado ao meio. Há figos de várias espécies, que foram e continuam sendo um dos artigos favoritos na alimentação dos países do Oriente Próximo e Médio. É usado em estado natural ou como passa, numa forma seca. Até hoje, na Palestina, há figos cultivados e figos naturais. Se for bem cultivada, uma figueira pode atingir nove metros de altura, e o seu crescimento é muito rápido. Se for deixada sem cultivo, em um lugar seco e rochoso, a árvore permanece anã, espalhando-se por cima das rochas, sempre muito baixa. O figo tem um formato um tanto similar à pera. Suas dimensões dependem da espécie plantada. Na extremidade do pedúnculo, há uma pequena abertura por meio da qual certo inseto polinizador, chamado vespa do figo, pode entrar. Quando o figo maduro é ingerido, sementes granulosas são esmagadas pelos dentes. E essas sementes são o verdadeiro fruto da figueira. A parte comestível é apenas o receptáculo protetor que contém os frutos, as *sementes.* No Oriente, ha duas colheitas anuais distintas, a cada ano. Os figos de inverno amadurecem em maio ou junho, e os figos de

verão amadurecem em fins de agosto ou em setembro. Visto que há duas colheitas anuais, é possível ficar recolhendo figos durante nove a dez meses, na Palestina. Ali, quando uma dessas colheitas falha, isso representa uma catástrofe agrícola.

Uma figueira, se não for atacada por insetos ou por certas enfermidades, pode sobreviver por quatrocentos anos. Plínio mencionou seis variedades, conhecidas em seus dias. Além dos figos, a figueira produz boa sombra, devido à massa compacta de suas grandes folhas verdes. A árvore geralmente é plantada à beira de poços, para manter fresca a água dos mesmos.

Usos Figurados:

1. *Independência financeira e posse de propriedades.* Um dos ideais dos israelitas consistia em que cada indivíduo tivesse sua própria vinha e sua própria figueira, dando a entender seu próprio lugar, com as necessidades básicas da vida à mão, em suas próprias terras, ou produzidas por seu próprio labor. Lemos em I Reis 4:25: «Judá e Israel habitavam confiadamente, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, desde Dã até Berseba, todos os dias de Salomão». Naturalmente, textos assim aludem à *segurança* pessoal.

2. A figueira, portanto, é um sinal simbólico de *prosperidade* material.

3. Se a figueira não produz, então o resultado é a miséria e a aflição, segundo se vê em Salmos 105:33.

4. A *esterilidade espiritual* é representada pela figueira estéril (ver Luc. 13:6-9).

5. A esterilidade espiritual, oculta pela *ostentação,* é simbolizada pela figueira que tem muitas folhas, mas nenhum fruto (Mat. 21:19).

6. A figueira *amaldiçoada por Jesus* (Mar. 11:13,21) simbolizou a sua consternação diante de uma evidente esterilidade. Apesar de que esse incidente teve lugar em uma época do ano em que não era esperado que houvesse figos maduros (começo do mês de abril), é possível que houvesse figueiras que produzissem figos antes da época, quando localizadas em lugares favoráveis. Seja como for, a lição é clara: algumas pessoas produzem muitas folhas, como se fossem espiritualmente muito produtivas, embora isso não corresponda à sua realidade.

7. As figueiras, quando ainda jovens, para que frutifiquem como é mister, precisam ser adubadas com estrume (Luc. 13:8). Isso simboliza a *necessidade de cultivo* dos frutos do Espírito (Gál. 5:22,23).

8. Quando fracassa a safra dos figos, isso simboliza *o julgamento divino* (Isa. 34:4; Jer. 5:17; Joel 1:7; Osé. 2:12).

9. Ezequias utilizou-se de uma pasta de figos, a fim de curar uma úlcera que lhe apareceu no corpo (II Reis 20:7; Isa. 38:21). O símbolo disso é a *cura* da alma mediante os frutos espirituais.

10. Quando falhava a colheita dos figos isso envolvia uma verdadeira calamidade nacional, para Israel (Jer. 5:17; Hab. 3:17). Por igual modo, é uma calamidade pessoal o indivíduo não produzir frutos espirituais em sua vida.

11. Adão e Eva tentaram encobrir a sua nudez, com aventais feitos de folhas de figueira, costuradas umas às outras, depois de caírem no pecado (Gên. 3:7). Ali, o simbolismo é *negativo.* Eles tinham estado revestidos de luz, como seres imortais. Mas agora, foram forçados a ocultar sua nudez, produzida pelo pecado e pela consciência do mesmo, com uma cobertura muito humilde e malfeita, uma provisão inadequada. O homem, em sua queda e degradação, é reduzido a meios ridículos para tentar ocultar a sua má condição. Ele precisa de redenção, o que foi simbolizado pelo fato de que o próprio Deus revestiu-os com peles de animais (Gên. 3:21), sem dúvida representando a iniciativa divina na obra da redenção, como também o sangue de Cristo, vertido por nós, no Calvário.

FILHOS DE DEUS

Esboço

I. No Antigo Testamento

II. No Novo Testamento

III. Sumário de Usos

IV. Filiação, Sinônimo de Salvação

No hebraico temos três expressões diferentes, a saber: a. *bene ha-elohim,* «filhos de Deus» (Gên. 6:2-4; Jó 1:6; 2:1); b. *bene elohim,* «filhos de Deus» (Jó 38:7); e c. *bene elim,* «filhos do poderoso» (Sal. 29:1). No grego, *uioi theou ou uioi tou theou,* ambas as formas com o sentido de «filhos de Deus».

I. No Antigo Testamento

O sentido da expressão em Gênesis 6:1-4 é o centro de um dos mais complicados problemas exegéticos do Antigo Testamento. A questão pode ser enfeixada através da seguinte indagação: A quem se refere esse título: a divindades pagãs, a governantes pagãos, aos anjos ou aos descendentes da linhagem de Sete, filho de Adão? Embora divindades pagãs e governantes pagãos, na antiguidade, fossem intitulados «filhos de Deus», não há como provar ou não que tal sentido esteja vinculado a essa expressão do livro de Gênesis. Mas em algumas passagens como Jó 1:6 e 2:1, bem como Daniel 3:25, a expressão parece denotar anjos ou «seres angelicais». A idéia é que os anjos caídos tiveram relações sexuais com mulheres humanas e geraram filhos. No entanto, essa interpretação esbarra com uma formidável objeção: em parte alguma das Escrituras os anjos aparecem como corruptores da humanidade. Mais ainda, Jesus disse que os anjos são seres assexuados, segundo se depreende de Mateus 22:30.

Aqueles estudiosos que preferem pensar nos «filhos de Deus», em Gênesis 6:1-4, como descendentes de Sete, salientam que a expressão *ha-elohim,* em todas as outras passagens em que ela aparece no Novo Testamento, regularmente aponta para o único e verdadeiro Deus, o que elimina da expressão qualquer sentido pagão. Eles também argumentam que o Antigo Testamento não desconhece a idéia da relação entre Deus e seus adoradores, como a de um Pai e seus filhos. Isso pode ser visto em Deu. 32:5; Sal. 73:15 e Osé. 11:1, onde a palavra «filhos» ou «filho» relaciona seres humanos a Deus. Em Oséias 1:10, a frase «Vós sois filhos do Deus vivo» tem a mesma significação. Por todos esses motivos, a maioria dos eruditos modernos rejeita esse ponto de vista que interpreta a expressão «filhos de Deus» como seres sobrenaturais, comparando-a com outros trechos veterotestamentários onde aparece a mesma expressão, e que só apontam para seres humanos. Portanto, a fim de explicar a expressão, em Gênesis 6:1-4, alguns eruditos pensam que ela foi ali introduzida por um compilador, como uma introdução à narrativa sobre o dilúvio (vs. 5-8). No entanto, a intenção do escritor original era explicar o surgimento de uma raça de gigantes, na antiguidade. Por conseguinte, alguns especialistas evocam o testemunho de Judas 6 e 7, com paralelo em II Ped. 2:4 *ss.,* onde é destacado o pecado desnatural dos homens de Sodoma, que seguiram «após outra carne». Ver sobre *Antediluvianos; Cigantes; Nefilim; e Refaim.*

II. No Novo Testamento

Há duas palavras gregas que têm sido traduzidas como «filho» e cujo sentido deve ser aqui distinguido. Uma delas é *téknon,* e a outra *uiós.* A primeira indica um filho por descendência natural, enquanto que a segunda olha a filiação mais do ponto de vista de uma mera relação legal. Referindo-se aos regenerados, João, que enfatiza a idéia de filiação por nascimento, usa *téknon,* mas Paulo, muito mais interessado em frisar a idéia de filiação pelo seu aspecto legal, ou seja, como uma adoção, uma prática bastante conhecida entre os romanos, mas inteiramente desconhecida entre os judeus, usa a palavra *uiós,* para indicar a mesma relação filial. Ver João 1:12; Rom. 8:14,16,19; Gál. 4:6,7 e I João 2:1,2.

Espiritualmente falando, os homens, por natureza, não são «filhos de Deus». Antes, aqueles que não estão em Cristo são «filhos da ira» (Efé 2:3), ou «filhos da desobediência (Efé. 2:2). Os tais não são controlados pelo Espírito de Deus (Rom. 8:14), mas por uma atitude de desobediência e rebeldia (Efé. 2:2-4). Para que os homens se tornem «filhos de Deus», no sentido neotestamentário, é mister que se tornem tais, mediante a regeneração e a adoção, através da sua aceitação de Jesus Cristo como Salvador e Senhor (João 1:12,13; Gál. 3:26).

2. *Arab,* «garantia». Palavra empregada por vinte e uma vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 43:9; 44:32; Jó 17:3; Sal. 119:122; Pro. 6:1; 11:15 e 20:16.

3. *Égguos,* «garantia», «fiança». Termo grego usado somente por uma vez, em Heb. 7:22.

No Antigo Testamento, em todas as ocorrências das duas palavras hebraicas envolvidas, há alusão a alguma pessoa que se torna fiadora ou responsável por outra. De acordo com a legislaçao mosaica, um fiador era a pessoa que «intervinha» (no hebraico *arab)* em favor do devedor insolvente e que assumia a responsabilidade pelo pagamento da dívida. Isso o fiador fazia conseguindo o pagamento por parte do devedor, ou desembolsando do próprio bolso a quantia devida.

O ato de intervenção era simbolizado pelo ato de «dar as mãos», conforme se vê, por exemplo, em Jó 17:3; Pro. 6:1, etc., embora a expressão nunca apareça em nossa versão portuguesa, talvez porque não seria entendida pelo leitor comum. De acordo com as passagens envolvidas, ninguém deveria tornar-se fiador de outrem, precipitadamente, isto é, sem antes considerar cuidadosamente se poderia ou não assumir a responsabilidade pela dívida da outra pessoa. O livro de Provérbios por várias vezes mostra a insensatez de quem se responsabilizava pela dívida de outrem.

No Novo Testamento (Heb. 8:22), Jesus intervém como o «garantidor» ou «fiador» das promessas de Deus que nos foram feitas como parte integrante do novo pacto. Em virtude de sua vida, morte expiatória, ressurreição e ascensão à glória celeste, Jesus Cristo tornou-se a garantia divina de que a salvação que foi iniciada em nossas almas, mediante a morte expiatória de Cristo, será necessariamente completada, até a salvação plena, ou seja, até a redenção do corpo. Ver Rom. 8:11: «Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que em vós habita». Ver também o artigo intitulado *Dívida, Devedor.*

FIDELIDADE

1. *Definição Geral.* A *fidelidade* é caracterizada pela firmeza e pela certeza de propósitos, por uma atitude e uma conduta justas, pela devoção de alguém a uma pessoa ou a uma causa, pela incorruptibilidade, pela sinceridade, pela confiabilidade, pelo cumprimento das promessas e votos feitos e pela lealdade sincera.

As idéias contrárias à fidelidade são a infidelidade, a falsidade, a volubilidade, a duplicidade, a indignidade, etc.

2. A *Fidelidade de Deus.* As idéias básicas da fidelidade de Deus são que o Senhor não é arbitrário e nem displicente, mas antes, é sempre confiável quanto a tudo que diz e prometeu, pois suas palavras são verazes e seguras. Deus aplica essas suas qualidades para benefício dos homens. É um ponto fundamental da fidelidade de Deus que ele é *benévolo.* O amor de Deus é que governa a sua Fidelidade. Ele comprometeu-se em fazer o bem para os homens; e o evangelho mostra de que maneira. A fidelidade de Deus é grande (Lam. 3:23), é extensa (Sal. 36:5) e é permanente (Sal. 100:5). A fidelidade de Deus é demonstrada por sua lealdade aos *pactos* (vide). Deus é leal aos seus pactos (Deu. 7:9). Contudo, Deus esconde o rosto daqueles que não têm fidelidade, ou seja, que não correspondem à sua própria fidelidade (Deu. 32:20).

Um atributo divino. A fidelidade, como um atributo divino, denota a certeza de que tudo quanto Deus declarou ser sua intenção fazer, terá pleno cumprimento. Isso diz respeito às bênçãos temporais (I Tim. 4:8; Sal. 84:11). Também diz respeito às bênçãos espirituais (I Cor. 1:9). Ajuda os homens a enfrentarem as aflições e as perseguições (I Ped. 4:12,13). A fidelidade de Deus está envolvida em aflições que purificam os homens (Heb. 12:4-12), capacitando-os a perseverar (Jer. 31:40). Finalmente, a fidelidade de Deus contribui para a glória eterna dos remidos (I João 2:25).

3. A *Fidelidade dos Homens.* Existem pessoas que cumprem as suas obrigações (Pro. 13:17), cuja palavra é veraz e digna de confiança (Pro. 14:5). Essa fidelidade deriva-se do próprio Deus (Hab. 2:4). Os homens participam da fidelidade de Deus, de modo a entrarem na glória eterna (I Cor. 1:9; I Tes. 5:24). Essa fidelidade capacita-os a triunfar sobre os sofrimentos (I Ped. 4:19). Esses participam da imutável felicidade de Deus (II Tim. 2:13), contanto que exerçam fé e sigam os padrões da emergente fidelidade divina. Os homens fiéis desincumbem-se de seus deveres com exatidão e entusiasmo (Mat. 25:21,23), como mordomos (Luc. 12:42; I Cor. 4:2), e como testemunhas (Apo. 2:13).

A fidelidade humana reflete-se no serviço prestado ao Senhor (Mat. 24-25), na declaração da Palavra de Deus (Jer. 23-28; II Cor. 2:17), na ajuda ao próximo (III João 5) sendo exercitada em todas as coisas (I Tim. 3:11). A fidelidade humana é uma qualidade rara (Pro. 20:69) é abençoada por Deus (I Sam. 26:23; Pro. 28:20). É demonstrada em situações que requerem a atitude de confiança (II Reis 12:15; Nee. 13:13).

4. *Homens Fiéis da Bíblia.* José (Gên. 39:22,23); Moisés (Núm. 12:7; Heb. 4:2); Davi (I Sam. 22:14); Hananias (Nee. 7:2); Abraão (Nee. 9:8); Daniel (Dan. 6:4); Paulo (Atos 20:20,27); Timóteo (I Cor. 4:17); Tiquico (Efé. 6:21), Epafras (Col. 1:17) Onésimo (Col. 4:9); Silvano (I Ped. 5:12); Antipas (Apo. 2:13).

5. *Declarações Fiéis.* As epístolas pastorais contêm cinco declarações que são chamadas *de fiéis,* a saber: I Tim. 1:15; 3:1; 4:9; II Tim. 3:11; Tito 3:8. Além disso, as palavras de Cristo são denominadas de fiéis e verdadeiras, em Apocalipse 21:5 e 22:6.

FÍGADO Ver **Orgãos Vitais**, Ponto **4**.

FIGUEIRA

No hebraico, há duas palavras envolvidas e, no grego, três palavras, a saber:

1. *Teenah,* «figo», «figueira». Palavra hebraica usada por trinta e oito vezes no Antigo Testamento, como, por exemplo, em Gên. 3:7; Deu. 8:8; Núm. 13:23; Juí. 9:10,11; II Reis 20:7; Sal. 105:33; Pro. 27:18; Isa. 34:4; 38:21; Jer. 5:17; 8:13; 24:1-3,5,8; Joel 1:7,12; Amós 4:9; Zac. 3:10.

2. *Pag,* «figo verde», termo hebraico usado somente em Can. 2:13.

3. *Sukon,* «figo», termo grego que aparece por quatro vezes: Mat. 7:16; Mar. 11:13; Luc. 6:44 e Tia. 3:12.

4. *Suke,* «figueira». Vocábulo grego usado por dezesseis vezes: Mat. 21:19-21, 24:32; Mar. 11:13-21; 13:28; Luc. 13:6,7; 21:29; João 1:49,51; Tia. 3:12 e Apo. 6:13.

5. *Ólunthos,* «figo verde». Palavra grega usada somente em Apo. 6:13.

Descrição. A Ficus carica, que é seu nome científico, é um receptáculo oco, expandido, que contém flores no seu interior e é uma fruta muito suculenta. As flores permanecem ocultas à vista, a menos que o fruto seja cortado ao meio. Há figos de várias espécies, que foram e continuam sendo um dos artigos favoritos na alimentação dos países do Oriente Próximo e Médio. É usado em estado natural ou como passa, numa forma seca. Até hoje, na Palestina, há figos cultivados e figos naturais. Se for bem cultivada, uma figueira pode atingir nove metros de altura, e o seu crescimento é muito rápido. Se for deixada sem cultivo, em um lugar seco e rochoso, a árvore permanece anã, espalhando-se por cima das rochas, sempre muito baixa. O figo tem um formato um tanto similar à pera. Suas dimensões dependem da espécie plantada. Na extremidade do pedúnculo, há uma pequena abertura por meio da qual certo inseto polinizador, chamado vespa do figo, pode entrar. Quando o figo maduro é ingerido, sementes granulosas são esmagadas pelos dentes. E essas sementes são o verdadeiro fruto da figueira. A parte comestível é apenas o receptáculo protetor que contém os frutos, as *sementes.* No Oriente, ha duas colheitas anuais distintas, a cada ano. Os figos de inverno amadurecem em maio ou junho, e os figos de

verão amadurecem em fins de agosto ou em setembro. Visto que há duas colheitas anuais, é possível ficar recolhendo figos durante nove a dez meses, na Palestina. Ali, quando uma dessas colheitas falha, isso representa uma catástrofe agrícola.

Uma figueira, se não for atacada por insetos ou por certas enfermidades, pode sobreviver por quatrocentos anos. Plínio mencionou seis variedades, conhecidas em seus dias. Além dos figos, a figueira produz boa sombra, devido à massa compacta de suas grandes folhas verdes. A árvore geralmente é plantada à beira de poços, para manter fresca a água dos mesmos.

Usos Figurados:

1. *Independência financeira e posse de propriedades.* Um dos ideais dos israelitas consistia em que cada indivíduo tivesse sua própria vinha e sua própria figueira, dando a entender seu próprio lugar, com as necessidades básicas da vida à mão, em suas próprias terras, ou produzidas por seu próprio labor. Lemos em I Reis 4:25: «Judá e Israel habitavam confiadamente, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, desde Dã até Berseba, todos os dias de Salomão». Naturalmente, textos assim aludem à *segurança* pessoal.

2. A figueira, portanto, é um sinal simbólico de *prosperidade* material.

3. Se a figueira não produz, então o resultado é a miséria e a aflição, segundo se vê em Salmos 105:33.

4. A *esterilidade espiritual* é representada pela figueira estéril (ver Luc. 13:6-9).

5. A esterilidade espiritual, oculta pela *ostentação,* é simbolizada pela figueira que tem muitas folhas, mas nenhum fruto (Mat. 21:19).

6. A figueira *amaldiçoada por Jesus* (Mar. 11:13,21) simbolizou a sua consternação diante de uma evidente esterilidade. Apesar de que esse incidente teve lugar em uma época do ano em que não era esperado que houvesse figos maduros (começo do mês de abril), é possível que houvesse figueiras que produzissem figos antes da época, quando localizadas em lugares favoráveis. Seja como for, a lição é clara: algumas pessoas produzem muitas folhas, como se fossem espiritualmente muito produtivas, embora isso não corresponda à sua realidade.

7. As figueiras, quando ainda jovens, para que frutifiquem como é mister, precisam ser adubadas com estrume (Luc. 13:8). Isso simboliza a *necessidade de cultivo* dos frutos do Espírito (Gál. 5:22,23).

8. Quando fracassa a safra dos figos, isso simboliza *o julgamento divino* (Isa. 34:4; Jer. 5:17; Joel 1:7; Osé. 2:12).

9. Ezequias utilizou-se de uma pasta de figos, a fim de curar uma úlcera que lhe apareceu no corpo (II Reis 20:7; Isa. 38:21). O símbolo disso é a *cura* da alma mediante os frutos espirituais.

10. Quando falhava a colheita dos figos isso, envolvia uma verdadeira calamidade nacional, para Israel (Jer. 5:17; Hab. 3:17). Por igual modo, é uma calamidade pessoal o indivíduo não produzir frutos espirituais em sua vida.

11. Adão e Eva tentaram encobrir a sua nudez, com aventais feitos de folhas de figueira, costuradas umas às outras, depois de caírem no pecado (Gên. 3:7). Ali, o simbolismo é *negativo.* Eles tinham estado revestidos de luz, como seres imortais. Mas agora, foram forçados a ocultar sua nudez, produzida pelo pecado e pela consciência do mesmo, com uma cobertura muito humilde e malfeita, uma provisão inadequada. O homem, em sua queda e degradação, é reduzido a meios ridículos para tentar ocultar a sua má condição. Ele precisa de redenção, o que foi simbolizado pelo fato de que o próprio Deus revestiu-os com peles de animais (Gên. 3:21), sem dúvida representando a iniciativa divina na obra da redenção, como também o sangue de Cristo, vertido por nós, no Calvário.

FILHOS DE DEUS

Esboço

I. No Antigo Testamento

II. No Novo Testamento

III. Sumário de Usos

IV. Filiação, Sinônimo de Salvação

No hebraico temos três expressões diferentes, a saber: a. *bene ha-elohim,* «filhos de Deus» (Gên. 6:2-4; Jó 1:6; 2:1); b. *bene elohim,* «filhos de Deus» (Jó 38:7); e c. *bene elim,* «filhos do poderoso» (Sal. 29:1). No grego, *uioi theou ou uioi tou theou,* ambas as formas com o sentido de «filhos de Deus».

I. No Antigo Testamento

O sentido da expressão em Gênesis 6:1-4 é o centro de um dos mais complicados problemas exegéticos do Antigo Testamento. A questão pode ser enfeixada através da seguinte indagação: A quem se refere esse título: a divindades pagãs, a governantes pagãos, aos anjos ou aos descendentes da linhagem de Sete, filho de Adão? Embora divindades pagãs e governantes pagãos, na antiguidade, fossem intitulados «filhos de Deus», não há como provar ou não que tal sentido esteja vinculado a essa expressão do livro de Gênesis. Mas em algumas passagens como Jó 1:6 e 2:1, bem como Daniel 3:25, a expressão parece denotar anjos ou «seres angelicais». A idéia é que os anjos caídos tiveram relações sexuais com mulheres humanas e geraram filhos. No entanto, essa interpretação esbarra com uma formidável objeção: em parte alguma das Escrituras os anjos aparecem como corruptores da humanidade. Mais ainda, Jesus disse que os anjos são seres assexuados, segundo se depreende de Mateus 22:30.

Aqueles estudiosos que preferem pensar nos «filhos de Deus», em Gênesis 6:1-4, como descendentes de Sete, salientam que a expressão *ha-elohim,* em todas as outras passagens em que ela aparece no Novo Testamento, regularmente aponta para o único e verdadeiro Deus, o que elimina da expressão qualquer sentido pagão. Eles também argumentam que o Antigo Testamento não desconhece a idéia da relação entre Deus e seus adoradores, como a de um Pai e seus filhos. Isso pode ser visto em Deu. 32:5; Sal. 73:15 e Osé. 11:1, onde a palavra «filhos» ou «filho» relaciona seres humanos a Deus. Em Oséias 1:10, a frase «Vós sois filhos do Deus vivo» tem a mesma significação. Por todos esses motivos, a maioria dos eruditos modernos rejeita esse ponto de vista que interpreta a expressão «filhos de Deus» como seres sobrenaturais, comparando-a com outros trechos veterotestamentários onde aparece a mesma expressão, e que só apontam para seres humanos. Portanto, a fim de explicar a expressão, em Gênesis 6:1-4, alguns eruditos pensam que ela foi ali introduzida por um compilador, como uma introdução à narrativa sobre o dilúvio (vs. 5-8). No entanto, a intenção do escritor original era explicar o surgimento de uma raça de gigantes, na antiguidade. Por conseguinte, alguns especialistas evocam o testemunho de Judas 6 e 7, com paralelo em II Ped. 2:4 *ss.*, onde é destacado o pecado desnatural dos homens de Sodoma, que seguiram «após outra carne». Ver sobre *Antediluvianos; Cigantes; Nefilim; e Refaim.*

II. No Novo Testamento

Há duas palavras gregas que têm sido traduzidas como «filho» e cujo sentido deve ser aqui distinguido. Uma delas é *téknon,* e a outra *uiós.* A primeira indica um filho por descendência natural, enquanto que a segunda olha a filiação mais do ponto de vista de uma mera relação legal. Referindo-se aos regenerados, João, que enfatiza a idéia de filiação por nascimento, usa *téknon,* mas Paulo, muito mais interessado em frisar a idéia de filiação pelo seu aspecto legal, ou seja, como uma adoção, uma prática bastante conhecida entre os romanos, mas inteiramente desconhecida entre os judeus, usa a palavra *uiós*, para indicar a mesma relação filial. Ver João 1:12; Rom. 8:14,16,19; Gál. 4:6,7 e I João 2:1,2.

Espiritualmente falando, os homens, por natureza, não são «filhos de Deus». Antes, aqueles que não estão em Cristo são «filhos da ira» (Efé 2:3), ou «filhos da desobediência (Efé. 2:2). Os tais não são controlados pelo Espírito de Deus (Rom. 8:14), mas por uma atitude de desobediência e rebeldia (Efé. 2:2-4). Para que os homens se tornem «filhos de Deus», no sentido neotestamentário, é mister que se tornem tais, mediante a regeneração e a adoção, através da sua aceitação de Jesus Cristo como Salvador e Senhor (João 1:12,13; Gál. 3:26).

A fraternidade universal ensinada pelo Novo Testamento não se deriva do fato de que todos os homens descendem de Adão, embora esse aspecto também seja destacado (ver Rom. 5:12), mas está diretamente vinculada à fé no Senhor Jesus Cristo, como o único divino Salvador do mundo. Outro tanto se dá no caso da paternidade de Deus. Pois, se é verdade que todos dele «somos geração» (Atos 17:28), por força da criação, também é verdade que, espiritualmente, Deus só se torna o Pai dos regenerados pelo Espírito Santo.

A filiação espiritual já é uma posse presente dos crentes em Cristo (I João 3:2). No entanto, ela só se completará quando da segunda vinda de Cristo (Rom. 8:23), quando então o homem interior do crente por assim dizer virá para fora, pois, até então, passa incógnito neste mundo, não sendo jamais reconhecido pelos seus semelhantes quanto à sua verdadeira identidade espiritual. Somente então serão revelados aos olhos de todos os filhos de Deus (II Cor. 5:10). E João deixou escrito: «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é» (I João 3:2). Esse e os trechos que lhe são paralelos ensinam o mais elevado conceito bíblico sobre o que significa alguém ser um «filho de Deus».

As bênçãos próprias de quem é «filho de Deus» são por demais numerosas para serem todas descritas aqui, a menos que falemos em sentido bem abreviado. Os filhos de Deus são peculiarmente amados pelo Pai (João 17:23), e ele cuida deles com desvelo paternal (Luc. 12:27-33). Eles receberam o nome da família divina (Efé. 3:14,15 e I João 3:1), como também a aparência dos membros da família divina (Rom. 8:29). Foi derramado em seus corações o amor da família divina (João 13:35; I João 3:14). Todos os filhos de Deus recebem o espírito filial (Rom. 8:15; Gál. 4:6). E eles são preparados para prestar um serviço filial (João 14:23, 24 e 15:8). São castigados pelo Pai, quando erram (Heb. 12:5-11). São consolados pelo Pai (II Cor. 1:4) e a sua herança está à espera deles (Rom. 8:17 e I Ped. 1:3-5).

Entre as evidências de que alguém é um autêntico «filho de Deus», poderíamos citar: ser dirigido pelo Espírito de Deus (Rom. 8:14 e Gál. 5:18). Ser dotado de confiança infantil em Deus (Gál. 4:5). Desfrutar da liberdade do acesso a Deus (Efé. 3:12). Amar os irmãos na fé (I João 2:9-11 e 5:1) e ser obediente ao Pai (I João 5:1-3).

III. Sumário de Usos

1. Seres criados, em sentido geral, são chamados «filhos de Deus». Os seres angelicais são assim denominados (Jó 1:6; 2:1; 38:7 e, talvez, Gên. 6:1-4).

2. Os *homens,* criados segundo a imagem de Deus, incluindo a raça humana inteira. Isso fica subentendido desde o relato da criação (Gên. 1:26-28), que ensina que o homem foi criado à imagem de Deus. Assim, Adão aparece como «filho de Deus» (Luc. 3:38). Os homens podem ser filhos de Deus obedientes ou filhos de Deus rebeldes (Eze. 20:21). O trecho de Atos 17:28 diz que todos os homens são «geração» de Deus.

3. *Israel,* como nação (Osé. 1:10; Jer. 3:14; 4:22; Joel 2:23; Gál. 4:28). O povo de Israel foi escolhido em Abraão, para anunciar uma mensagem espiritual a todos os homens, a fim de que, mediante a salvação, os homens pudessem tornar-se filhos espirituais de Deus. Em um certo sentido espiritual, os israelitas eram filhos de Deus, e outros povos, não (Mar. 7:27). No entanto, o Filho do homem (Jesus Cristo) veio buscar os filhos perdidos (Luc. 19:9 *ss).* O amor paternal de Deus levou-o a amar todos os homens, e a buscar todos como filhos (II Ped. 3:9; Luc. 15:3-7). A verdadeira filiação encontra-se no relacionamento espiritual do homem diante de Deus, e não por motivo de criação (Mat. 3:9).

4. *Filhos de Deus mediante a fé* (João 8:44). No sentido espiritual, alguns são filhos do diabo (João 8:44). A filiação ocorre por meio da nossa transformação segundo a imagem do Filho (Rom. 8:29). Ver a quarta seção, onde esse pensamento é devidamente desenvolvido.

5. O *singular Filho de Deus* é o *Logos,* que, em sua encarnação, veio a chamar-se Jesus Cristo (Heb. 1:2). Ver também João 1:3,14; 3:16; 10:36; Mat. 17:5. Apresentamos um artigo separado sobre esse tema, intitulado *Filho* de *Deus.*

IV. Filiação, Sinônimo de Salvação

Ser filho de Deus, no sentido espiritual, não é meramente um título poético. Mas significa estar sendo transformado segundo a imagem do Filho de Deus, ou seja, ir adquirindo sua natureza moral e metafísica (Rom. 8:29). Trata-se da mesma coisa que participar da natureza divina, de maneira real, posto que finita (II Ped. 14), por meio do poder transformador do Espírito Santo, que nos vai transformando de um estágio de glória para outro (II Cor. 3:18). Isso quer dizer que a alma humana acaba assumindo toda a plenitude da divindade, tal como sucedeu ao Filho (Col. 2:9,10). Mas, visto que há uma infinitude com que seremos enchidos, deve tambem haver um enchimento infinito. Ao dizermos essas coisas, estamos falando sobre o que está implicado na própria *salvação* (vide). Trata-se de um processo eterno, visto que a sua mais elevada expressão, a *glorificação (vide)* é uma interminável transformação, segundo a qual o que é finito vai absorvendo o que é infinito. Ver os artigos separados: *Filhos (Crianças) de Deus; Filhos Espirituais de Deus; Filiação* e *Divindade, Participação na, pelos Homens.*

FILHOS DO ORIENTE

Essa expressão é usada para descrever povos que viviam a leste da Palestina (Gên. 29:1), indicando especificamente os habitantes de Harã na Mesopotâmia. É dito sobre Jó que ele era um deies (Jó 1:3). O trecho de I Reis 4:20 dá a entender que eles eram renomados por sua sabedoria. Os *magos,* referidos em Mateus 2:1, talvez fizessem parte dos filhos do Oriente.

FILHOS DOS PROFETAS

No hebraico, **bene ba-nabiim.** Essa expressão hebraica figura por onze vezes nas páginas do Antigo Testamento, indicando os membros de alguma ordem ou guilda de profetas, dentro da comunidade antiga de Israel. Todavia, a expressão ocorre somente nos livros de I e II Reis, correspondendo à época dos profetas Elias e Eliseu. Não há qualquer idéia de descendência física, porquanto está em foco uma classe ou guilda.

Na verdade, haveria várias guildas ou ramos diferentes de uma mesma guilda, em várias localidades, a saber: a. em Betel (II Reis 2:3), b. em Jericó (2:5); c. em Gilgal (4:38); d. na região montanhosa de Efraim (5:22). No entanto, todas elas eram «dirigidas» pelo mesmo profeta, ao qual chamavam de «senhor» (II Reis 2:3 ss; no hebraico, *adon*). O primeiro «senhor» foi Elias. Quando este foi arrebatado para o Senhor, foi substituído por Eliseu que era membro de uma daquelas guildas. A promoção precisava ser reconhecida pelos demais membros da guilda, e a comprovação era se o novo «senhor» havia recebido ou não os poderes do antigo «senhor» (II Reis 2:8,14).

Muitos estudiosos das antiguidades judaicas acreditam que os «filhos dos profetas» tinham um tipo de vida monástica que se aproxima do monasticismo cristão. Assim, eles construíam edifícios para serem usados pela comunidade (II Reis 6:1 *ss)* e compartilhavam de uma mesa comum (II Reis 4:38-44). No entanto, sabe-se que alguns deles eram casados, o que significa que não havia entre eles um celibato obrigatório (II Reis 4:1 *ss).* Os filhos dos profetas trabalhavam sob as ordens do líder ou «senhor»; e, geralmente, buscavam a sua aprovação quanto àquilo que realizavam (II Reis 2:16-18; 6:1 *ss).* No entanto, também podiam agir por conta própria (I Reis 20:35).

Embora a expressão hebraica correspondente a «filhos dos profetas», que era uma expressão técnica, não ocorra fora dos livros de Reis, há outras indicações da existência de comunidades de profetas. Provavelmente, esse é o caso do «grupo de profetas», sobre o qual lemos nos dias de Saul e de Samuel (I Sam. 10:5 *ss,* 19:20). Por semelhante modo, nos casos em que algum numeroso grupo de profetas é mencionado (I Reis 18:4,19;22:6) ,parece haver nisso alguma

indicação de que se tratava de uma comunidade profética. Os grupos que agiam juntos, designados apenas como «profetas», no plural, provavelmente também eram comunidades de profetas (II Reis 23:2; Jer. 26:7,8,11). Portanto, embora chamados «filhos dos profetas» somente nos dois livros de Reis, essas comunidades proféticas continuaram existindo durante todo o período da monarquia. Finalmente, a expressão «discípulo de profeta» (Amós 7:14; no hebraico, *ben nabi),* embora no singular, deveria ser entendida como alusão ao fato de que Amós negava ser membro de alguma comunidade de profetas.

FILIGRANA

Essa palavra portuguesa refere-se a trabalho ornamental feito com fios ou arames. Alguns estudiosos têm pensado que certos engastes de ouro referidos em passagens como Êxo. 28:13,14,26, 39:6,16-18, envolvessem jóias e trajes especiais que empregavam filigranas. O trecho de Salmos 45:13, de acordo com alguns eruditos, deveria ser traduzido por «...a sua vestidura é adornada com filigrana dourada», em vez de «...a sua vestidura é recamada de ouro». A arqueologia tem ilustrado essa arte com exemplos encontrados no antigo Oriente, e também com exemplares descobertos no Egito, entre jóias funerárias. Símbolos divinos figuram em pedras semipreciosas, em intrincadas filigranas. Os próprios fios de metal são de ouro ou de prata. O termo latino *filum* significa «fio», «cordão», sendo essa a raiz da palavra portuguesa «filigrana».

FILISTEUS, FILÍSTIA

Esboço:

I. Nome e Caracterização Geral
II. Origem e Raça
III. Território
IV. História
V. Elementos de sua Cultura
VI. Arqueologia

I. Nome e Caracterização Geral

As palavras hebraicas usadas para designar os filisteus e seu território aparecem no singular, *pelisti* (usualmente com o artigo), no plural, *pelistim* e, com menor freqüência, *pelistiyyim,* sem o artigo. O território deles era chamado *'eres pelistim*, ou Filístia. E dessas palavras, naturalmente, é que temos a palavra moderna «Palestina». Alguns estudiosos têm sugerido que esse nome deveria ser identificado com o vocábulo egípcio *prst* (na escrita hieroglífica, o «r» substitui o «e»), bem como a palavra assíria, em escrita cuneiforme, *plastu.* Há referências egípcias que procedem desde Ramsés III (cerca de 1188 A.C.). Alguns eruditos não têm podido encontrar uma provável etimologia semítica, pelo que há quem os considere arianos ou, talvez, originalmente indoeuropeus. Todavia, há eruditos que pensam que eles teriam tido origem semita. As evidências arqueológicas apontam para uma origem micena (grega).

Entre 1200 e 1000 A.C., eles foram os principais inimigos do povo de Israel; e, com base nessa circunstância, sabemos bastante coisa sobre a história dos filisteus, o que, de outro modo, teria permanecido na obscuridade.

Os filisteus eram um povo aguerrido, que ocupava uma faixa de território na porção sudoeste da Palestina, chamada Filístia. Eles dominavam o mar daquelas costas e estabeleceram-se ao longo das costas marítimas do sudoeste da Palestina, desde Jope, mais ao norte, até Gaza, mais ao sul. Seus freqüentes ataques contra Israel tornaram-se a principal razão pela qual o povo judeu desejou tornar-se uma monarquia. Eles sentiam que essa modalidade de governo poderia organizar melhor a nação para enfrentar aquele povo tão hostil.

II. Origem e Raça

Os trechos de Gênesis 10:14 e I Crônicas 1:12 permitem-nos entender que os filisteus vieram de Casluim, filho de Mizraim (Egito), filho de Cão. Posteriormente, eles vieram de Caftor (Amós 9:7; Jer. 47:4). Há monumentos que mostram que os filisteus invadiram a Palestina, juntamente com outros povos do mar, na época de Ramsés III (1195—1164 A.C.). Ramsés foi capaz de oferecer-lhes resistência, mas os invasores sobreviveram na Síria e, finalmente, chegaram à porção sudeste da Palestina. Tendo-se estabelecido ali, deram seu nome à *Filistia,* atual Palestina (Joel 3:4). Sabe-se que a área em redor de Gerar e de Berseba era ocupada pelos filisteus pelo menos desde a época dos patriarcas. Ver Gên. 21:32 e 26:1.

Há muitas controvérsias sobre a origem e a raça dos filisteus. Alguns eruditos pensam que Caftor é a mesma coisa que a ilha de Creta. O termo *queretitas* significaria *cretenses,* e o termo *queretitas* parece haver sido aplicado pelo menos a alguns deles. Ver I Sam. 30:14. Então em Eze. 25:16, os termos filisteus e queretitas são usados paralelamente. Os queretitas faziam parte da guarda pessoal de Davi, e isso poderia indicar que ele recrutou alguns filisteus que, sem dúvida alguma, tinham-se convertido à fé judaica. Se os filisteus vieram, originalmente, das costas do mar Egeu, então, como é evidente, eles não eram semitas. Confirmando isso, os arqueólogos salientam que a cerâmica e outros artefatos dos filisteus eram do tipo principalmente miceno (não minoano), embora haja evidências de outras influências também. A palavra *miceneano* significa pertencente a Micenas, ou seja, a civilização que havia em certas partes da Grécia, na Ásia Menor, na Sicília e em outros lugares próximos, antes do avanço dos helenos. Segundo se pensa, eles teriam atingido o zênite de seu poder em cerca de 1400 A.C. Micenas ficava cerca de trinta e dois quilômetros a sudeste do local de Corinto.

Outros eruditos procuram defender a idéia de uma origem semita para os filisteus. Esses alicerçam-se sobre bases essencialmente lingüísticas. Os nomes de suas cidades eram tipicamente semíticos. O estudo dos monumentos assírios tem demonstrado que muitos nomes próprios de pessoas e lugares, relacionados aos filisteus, são de origem semita. Além disso, suas crenças religiosas tendem por classificá-los entre os povos semitas. Portanto, parece seguro que, pelo menos quanto ao idioma, mesmo que não quanto à origem racial, eles eram semitas. O peso das evidências arqueológicas, entretanto, põe-se em favor de uma origem não semítica para os filisteus. Ver a sexta seção, a seguir.

III. Território

Acompanhando o que foi dito acima, chegamos a uma localização às margens do mar Egeu, talvez incluindo a ilha de Creta como o território originalmente ocupado pelos filisteus. Porém, alguns estudiosos associam-nos a Gerar, nas fronteiras do Egito (Gên. 21:32), como o lugar central de onde eles se propagaram. Seja como for, eles chegaram a ocupar cinco cidades principais, na faixa costeira da Palestina ou das proximidades, a saber: Azoto (Asdode), Gaza, Ascalom (Asquelom) (na costa marítima), Gate e Ecrom, estas duas últimas alguns quilômetros interior adentro. Essas cidades constituíam a *pentápolis* dos filisteus. A região por eles ocupada era chamada *Filistia.* Esse território tinha apenas cerca de cem quilômetros de extensão, de norte a sul, e muito menos do que isso de largura, de leste a oeste.

IV. História

A história remota dos filisteus é obscura, tal como é obscura a origem deles. Portanto, é possível que eles fizessem parte da antiga história dos gregos, incluindo a do mar Egeu e a da ilha de Creta. As migrações, pois, conduziram-nos até as fronteiras do Egito, em Gerar. Uma alternativa é que fossem um povo que já se encontrasse naquela região desde muito tempo, cuja história anterior perdeu-se completamente. Seja como for, foi naquela região que eles viviam, durante o período dos patriarcas hebreus. Tanto Abraão quanto Isaque negociaram com um rei filisteu chamado Abimeleque, em Gerar. Alguns estudiosos pensam que essa referência é anacrônica, por pensarem que os filisteus só começaram a migrar para a Palestina em 1200 A.C. Até o momento não há qualquer prova extrabíblica para confirmar a presença dos filisteus, na região onde também viveu Abraão, na Palestina. Ver Gên. 21:32; 26:1. Por outra parte, não há qualquer evidência em contrário.

Ramsés III, Faraó do Egito, defendeu-se com sucesso das invasões dos chamados *povos do mar,* incluindo os filisteus (cerca de 1188 A.C.). Mas também sabemos que, nos séculos XII e XI A.C., existiam colônias de filisteus no delta do rio Nilo e na fronteira sul entre o Egito e a Núbia. No entanto, a maior parte dos filisteus estabeleceu-se na porção sudoeste da terra de Canaã, o que comentamos na terceira seção, chamada *Território.* Presume-se que eles absorveram quase todos os outros povos, que estavam no lugar, antes de sua invasão. Com base em sua *pentápolis* (ver acima), eles assediaram seus vizinhos, e durante o período dos juízes de Israel tornaram-se os mais ferrenhos adversários de Israel. Isso tomou forma principalmente em associação ao juiz Sansão (Juízes 13-16), o que ocorreu no começo do século XI A.C. Eles então controlavam certas áreas pertencentes às tribos de Dã e Judá (Juí. 14:4 e 15:11), e muitos da tribo de Dã mudaram-se mais para o norte, na tentativa de obter alguma tranqüilidade (ver Juí. 18:11,29).

Foi o conflito contínuo com os filisteus que historicamente forçou a formação da monarquia de Israel, o que ocorreu por motivos de proteção. Davi declarou guerra aos filisteus, tal como se deu com Salomão, seu filho, o que sujeitou totalmente os filisteus à nação de Israel. Davi conquistou Gate e os territórios circunvizinhos (I Crô. 18:1) e, segundo presumimos, debilitou tremendamente os filisteus. Salomão sujeitou Gezer (I Reis 9:16). Salomão controlava um território que ia desde as margens do rio Eufrates até a terra dos filisteus, e até as fronteiras com o Egito (I Reis 4:21). Ao que parece, eles continuaram controlando suas três cidades costeiras, mas então deixaram de ser uma ameaça militar para Israel.

Após a divisão da nação de Israel em duas partes, os reinos do norte e do sul (respectivamente, Israel e Judá), Judá não mais foi ameaçada pelos filisteus, embora Israel tivesse sofrido algumas pressões. Durante o reinado de Acaz (o décimo primeiro rei de Judá) os filisteus, entretanto, conseguiram reconquistar algumas de suas antigas possessões (II Crô. 28:18 e Isa. 14:28-32). Todavia, um ano mais tarde, Tiglate-Pileser III subjugou os filisteus, por causa de sua deslealdade. Naquela altura dos acontecimentos, os assírios tornaram-se o poder dominante na Palestina. Samaria teve de vergar-se diante dos assírios, e Judá, sob o reinado de Acaz, tornou-se um reino vassalo retendo uma precária e incompleta independência. O rei Ezequias revoltou-se contra tal situação. Em sua rebelião, ele também atacou os filisteus, em Gaza (II Reis 18:8). Ezequias é o último rei, mencionado nas Escrituras, a ter qualquer ligação com os filisteus. O rei da Babilônia, Nabucodonosor, conquistou as cidades da Filístia e deportou para outros lugares os habitantes da região. Isso assinalou o fim permanente dos filisteus. Durante o tempo dos Macabeus, o território que antes pertencera aos filisteus ficou novamente sob o controle do povo de Israel. Entretanto, Pompeu, o romano, anexou a região, transformando-a em uma parte da província da Síria.

V. Elementos de sua Cultura

1. Religião. Juntamente com tantos povos antigos, os filisteus eram um povo intensamente religioso. Suas vitórias militares eram celebradas na *casa dos deuses* (I Sam. 31:9) para mostrar que eles dependiam de suas divindades, para delas receber ajuda. Eles levavam ídolos de seus deuses, às suas batalhas (II Sam. 5:21). Sabemos que os filisteus tinham três deuses principais, pelo que formavam uma sociedade politeísta. Esses três deuses eram Dagom, Astarote e Baalzebube, todos os três dotados de nomes de origem semítica. Essa circunstância tem encorajado alguns eruditos a pensar que os filisteus eram semitas, conforme se salientou na segunda seção, acima. Eles tinham templos em Gaza (Juí. 16:21; 23:30) e em Asdode (I Samuel) e, mui provavelmente, em Bete-Seã (I Crô. 10:10), onde Dagom era venerado. A fim de honrar Astarote, templos foram construídos em Asquelom (Heródoto, *Hist.* 1.105). Mui provavelmente, essa adoração é enfocada em I Sam. 31:10. Um templo em honra a Beelzebube foi construído em Ecrom (II Reis 1:1-16). Dagom (nome derivado de *dag,* «peixe») era para eles um poderoso deus. Ele era representado dotado de rosto e mãos humanos, mas com a cauda de um peixe (I Sam. 5:4). Foi para o interior desse templo que a arca da aliança, tomada dos israelitas, foi levada (I Sam. 5:2). Foi a essa divindade que os filisteus agradeceram, quando Sansão foi, finalmente, dominado (Juí. 16:23,24). Os guerreiros filisteus usavam pequenas imagens desse deus, quando se dirigiam à batalha (II Sam. 5:21). De mistura com sua religião havia a mágica e a adivinhação (Isa. 2:6).

2. Governo. Um governo unificado predominava na **pentápolis** dos filisteus. Cinco senhores (no hebraico, *seranim*) eram as principais autoridades deles. Como chefes de cidades, eles controlavam poderes menores na Filístia. A autoridade de um desses senhores (príncipes) podia ser anulada pela autoridade dos demais, visando ao bem de todos (I Sam. 29:1-7). Eles atuavam como governantes e conselheiros (I Sam. 5:8). Eles possuíam autoridade em sentido geral (Juí. 16:5-8), bem como um poder civil, executivo (I Sam. 5:11). Em tempos de guerra eles tornavam-se chefes militares (I Sam. 7:7, 29:1-7). Cada uma das cinco cidades filistéias controlava a região circunvizinha porquanto eram cidades-estados. Todavia, não sabemos dizer como os principais chefes filisteus obtinham o poder, como eram selecionados.

3. Linguagem. É óbvio que uma vez na Palestina, os filisteus ou perderam o seu antigo idioma e adotaram uma língua semita, ou então seu idioma absorveu muitas palavras de origem semítica, especialmente nomes próprios. Certamente, todos os nomes da Bíblia associados aos filisteus são de origem semita. Alguns pensam que a palavra que significa «senhores» ou «príncipes» (*seranim*) pode ser associada à idéia de «tiranos», uma palavra de origem asiática ou pré-grega. Alguns selos (sobre tabletes de argila) descobertos em Asdode assemelham-se à escrita cipriominoana, o que nos fala de uma origem cretense. Porém, não temos certeza se esses selos devem ser associados ou não aos filisteus. A linguagem desses selos permanece incerta até mesmo quanto à sua origem.

4. As descobertas arqueológicas (ver a seção VI, abaixo) ilustram alguns elementos da cultura dos filisteus. As descrições sobre a armadura de Golias mostram-nos que eles estavam já dentro do primeiro estágio da Idade do Ferro, sendo claro que eles controlavam as fundições de ferro e mantinham Israel destituído de ferreiros (I Sam. 13:19-22). Fundições de ferro têm sido encontradas apenas em lugares que, antigamente, eram ocupados por filisteus, a saber: em Asdode, Tel Qasile, Tel Jemmeh e Tel Mor. Os filisteus também eram ourives competentes (I Sam. 6:4,5). De modo geral, eram competentes em várias artes e ofícios e a arqueologia tem demonstrado que, do ponto de vista material, a cultura deles era superior à cultura dos israelitas.

VI. Arqueologia

1. Mineração e Fundição. Descrevi isso sob a quinta seção, ponto quatro.

2. Inscrições. Sob o nome **prst**, os anais de Ramsés III (1185 A.C.) referem-se a esse povo. Essas inscrições aludem a aventuras militares. Já desde o século XIV A.C., nas cartas de Tel el-Amarna, há menção aos povos do mar, que talvez incluíssem os filisteus. Relevos feitos no templo de Medinet Habu mostram que esses povos chegaram com seus familiares e seus pertences em vagões e embarcações, e podemos supor que os *prst* faziam parte do grupo. Um outro grupo humano, os *tkr,* também faziam parte dos recém-chegados; são retratados como quem usava turbantes feitos de penas de aves, que se elevavam verticalmente de uma faixa horizontal. Um turbante similar foi encontrado em um disco de argila, encontrado em Faistos, na ilha de Creta. Esse turbante foi atribuído ao século XVII A.C., embora alguns estudiosos pensem no século XV A.C. As inscrições assírias mencionam a Filístia como um de seus inimigos. Uma inscrição de Adade-Nirari III (810-782 A.C.) é a primeira dessas inscrições. As inscrições de Tiglate-Pileser III, Sargão e Senaqueribe também mencionam esse povo. Documentos em escrita cuneiforme, do tempo do exílio de Judá na Babilônia, mencionam os filisteus entre os povos que foram deportados.

3. Cerâmica. Na Filístia têm sido encontrados objetos de cerâmica desde o século II A.C. A decoração dessas peças é similar à do material encontrado nas regiões do mar Egeu. De fato, alguns eruditos têm classificado vários itens como pertencentes à arte cerâmica micena, isto é, derivações de originais da área do mar Egeu. Porém, também há outras influências, como a cipriota, a egípcia e a palestina local. Os principais itens são canecas de cerveja coloridas de amarelo, com bicos (o que sugere que os filisteus eram bebedores de cerveja), xícaras, vários modelos de jarras, com coloridos em vermelho e preto, e muitos desenhos em espirais e círculos concêntricos e entrelaçados, imagens de aves e de animais.

4. Costumes de Sepultamento. Nenhum cemitério verdadeiro tem sido encontrado nas cinco principais cidades dos filisteus. Todavia, túmulos retangulares têm sido desenterrados em Tel Fara, parecidos com os túmulos da época micena. Esquifes de argila, com uma das extremidades dotada de relevo moldado, incluindo uma representação da cabeça e das mãos do falecido, também têm sido achados. Algumas vezes também foram incluídos braços moldados, em relevo, sobre a tampa dos esquifes. Alguns deles trazem aqueles turbantes com penas, que antes mencionamos. Esquifes similares têm sido encontrados no Egito, notadamente em Tell el-Yehudieh, no delta do Nilo.

5. Revelos em Medinet Habu. Desenhos feitos pelos filisteus, sob a forma de relevos, têm sido encontrados no templo de Ramsés III, em Medinet Habu, perto de Tebas, no Egito. As figuras humanas são retratadas como homens bem barbeados, usando capacetes decorados com canas ou penas, similares aos capacetes emplumados de Creta. As vestes deles incluíam o saiote curto da área do mar Egeu. Aparecem armados de lanças, espadins, escudos redondos e adagas triangulares. Essas armas contam-nos uma grande parte da história desses povos, no tocante aos israelitas. Essa história consistia principalmente em guerras, matanças e conflitos que, algumas vezes, favoreciam um lado, às vezes outro. Tudo isso serve de triste comentário sobre a natureza decaída do homem, exibindo o guerreiro tribal violento, com seus deuses, que o encorajavam a continuar a matança. Até hoje os homens continuam se mostrando violentos. (AM DOT KA KE (1970) ND UN Z)

FILOSOFIA JUDAICA

Esboço:

I. A Preocupação Final
II. Filosofia da História
III. A Filosofia do Livro
IV. O Problema do Mal
V. Os Tempos Helenistas
VI. Começo da Era Cristã
VII. A Cabala
VIII. Do Século X D.C. em Diante
IX. O Iluminismo
X. O Século XIX
XI. O Século XX
XII. Ética — a Grande Contribuição da Filosofia Judaica

I. A Preocupação Final

Talvez Israel tenha sido a única nação da história que tem sido essencialmente religiosa, acima de qualquer outra consideração, e cuja literatura legislação e formas de governo têm sido inspiradas por Deus. Seja como for, sempre foi uma característica dos hebreus preocupar-se com questões finais. Mesmo que o pensamento dos hebreus tenha começado no *henoteísmo* (há muitos deuses, mas nós reconhecemos somente um Deus), não demorou para que eles adotassem o *monoteísmo* (vide). A doutrina da imortalidade, porém, só entrou no judaísmo bem posteriormente. No Pentateuco não há referências ou ensinos claros sobre a alma. Embora as leis mosaicas fossem complexas e obrigatórias, não há ali qualquer promessa de recompensa ou de punição eternas, circunstância essa que seria quase impossível de imaginar se ali houvesse qualquer doutrina da alma.

II. Filosofia da História

O Antigo Testamento representa uma filosofia da história. Desde o começo aparece Deus, como o criador de todas as coisas. É criado o homem e, dentre a humanidade, é escolhida uma nação que passa a servir de veículo da mensagem espiritual. Toda a sua história é teisticamente controlada. Sua história é linear, tendo tido um começo no tempo, e passando de um evento para outro, até chegar a um clímax, na exaltação dessa nação acima de todas as demais, mediante o cumprimento do reino messiânico prometido nas Escrituras Sagradas. O ponto final dessa história será uma espécie de era áurea, onde o conhecimento do Senhor propagar-se-á por todo o orbe, e uma utopia geral é concretizada.

III. A Filosofia do Livro

Vários povos antigos tinham livros sagrados, pelo que, quanto a esse particular, Israel não foi um caso isolado. A posse de livros sagrados indica uma atitude filosófica. Isso significa que ali há fé no *teísmo* (vide), que há um Deus que revela a si mesmo e à sua vontade, e que ele está perto do profeta que é escolhido para guiar o povo. A própria Bíblia não apresenta nenhum sistema filosófico) embora contenha certo número de conceitos filosóficos básicos. Conforme acabamos de afirmar, temos na Bíblia reflexos claros do teísmo e de uma filosofia da história. Além disso, no livro de Jó, encontramos um tratamento sobre o problema do mal, além de uma sabedoria popular filosófica nos livros de Provérbios e Eclesiastes, este último tendo sofrido alguma influência da cultura grega.

IV. O Problema do Mal

Nesta enciclopédia apresentamos um longo e detalhado artigo sobre esse problema, visto que se trata de um dos mais espinhosos problemas da filosofia e da teologia. Ver sobre o *Problema do Mal*. A grande questão é como pode haver tanto sofrimento aparentemente sem sentido, em face do fato de que há um Deus todo-poderoso, todo-bondoso e que tudo sabe. O livro de Jó aborda diretamente esse problema. Trata-se de uma abordagem profunda e altamente artística, mas muitos teólogos sentem-se perturbados ante algumas de suas conclusões. Nesse caso, o sofrimento ocorreu por causa de uma espécie de aposta entre Deus e Satanás. Deus queria provar que a perseverança de Jó derivava-se de seu amor a ele e de motivos apropriados e não somente por causa de sua prosperidade material. Os supostos consoladores de Jó, que então se apresentaram a ele, na realidade eram seus adversários, e salientaram o *problema do pecado* como a causa de seus sofrimentos. Jó negou isso peremptoriamente e, mui provavelmente, não erramos quando dizemos que ele estava correto em sua avaliação, ainda que, no fim do livro, quando Deus lhe exibiu a sua glória, Jó reconheceu seu próprio estado pecaminoso e miserável. Ver Jó 42:1-6. Jó termina arrependendo-se disso (vs. 6), embora isso não signifique que os seus consoladores molestos tivessem vencido na argumentação. Ele era um miserável pecador, o que se tornou evidente quando a glória de Deus foi revelada; mas, não fora *por causa disso* que Jó fora testado tão severamente. Antes, o teste serviu para que ficasse demonstrada a genuinidade de sua espiritualidade. Talvez a história da intromissão de Satanás, com que o livro começa, tenha servido somente de introdução literária, não devendo ser levada por demais a sério no tocante ao problema do mal. Mas, talvez, também explique muita coisa que, de outra maneira não teria explicação.

No fim, Jó é grandemente abençoado, tendo recebido muito mais do que havia perdido. Ora, muitos teólogos sentem-se infelizes justamente com esse final feliz, porquanto isso dificilmente caracteriza o problema do mal. Para eles, parece que as tragédias gregas são muito mais realistas quanto a esse aspecto. Na vida real, um homem é esmagado diversas vezes, é triturado, e, então, é pulverizado, para nunca mais soerguer-se. E o resto da história fica por conta do destino da alma, porquanto é inútil esperar o triunfo deste lado da existência. Geralmente, precisamos ter uma fé que não espere por reversões neste lado da vida. No entanto, às vezes é aqui mesmo que Deus nos abençoa. Pelo que agradecemos ao Senhor por essas

bênçãos menores, mas muito apreciadas, que nos reivindicam a retidão que temos em Cristo. O livro de Jó, pois, termina com uma direta *intervenção divina,* para mostrar que Deus não esquece a causa de seus servos fiéis, e termina com uma reversão após as mais negras condições.

Há um estranho detalhe no livro de Jó, notado por todos os estudiosos, que é o fato de que o mesmo nunca apela para a lei. Seria isso motivado pelo fato de que foi escrito antes da outorga da lei, sendo assim o mais antigo dos livros do Antigo Testamento? Ou teria sido porque foi escrito já no período helenista, sendo uma espécie de estudo filosófico, embora refletindo uma posição judaica ortodoxa? Ver o artigo sobre *Jó.*

V. Os Tempos Helenistas

As conquistas militares de Alexandre, o Grande, levaram a cultura grega a entrar em contacto direto com o judaísmo. As primeiras referências dos gregos aos judeus julgam-nos uma raça de filósofos, provavelmente, porque preocupavam-se com as questões últimas da vida, tal como o faziam os gregos. Mas, quando as idéias do helenismo entravam em choque com as idéias judaicas, isso produzia duas reações opostas. A ortodoxia estreita rejeitava todas as influências pagãs, e muitos chegaram mesmo a lamentar que a Bíblia hebraica tivesse sido traduzida para o grego, na Septuaginta (vide). Porém, outros judeus tentavam acomodar-se adaptando a religião hebraica à filosofia grega. Havia muitos elementos comuns, de tal modo que se podia chegar até a uma espécie de harmonia. O principal filósofo judeu, que procurou obter tal harmonização, foi Filo, um filósofo neoplatônico voltado para o Antigo Testamento. Ver o artigo separado sobre Filo. Josefo também nos forneceu alguns comentários filosóficos, embora tivesse sido, principalmente, um historiador dos judeus. Alem disso, o livro canônico de Eclesiastes e certos livros apócrifos, como Sabedoria de Salomão e IV Macabeus demonstram interesses filosóficos nítidos.

VI. Começo da Era Cristã

Do século III D.C. em diante, houve centros do pensamento judaico que continuaram ensinando por vários séculos, nos países do Oriente de fala aramaica. A literatura do período, especialmente o *Talmude,* apresenta bem pouca filosofia sistemática, mas vários aspectos de sua teologia eram obviamente influenciados por idéias gregas e persas. Com o surgimento do *calão* islâmico (filosofia empregada para justificar as crenças religiosas), houve o ressurgimento da atividade filosófica. Entre os judeus, os *caraltas* (vide) revoltaram-se tanto contra a filosofia quanto contra as interpretações rabínicas. Eles datam dos séculos IX a XII D.C. e formavam uma espécie de movimento de retorno à Bíblia. Isso não fez cessar nem as interpretações rabínicas e nem as especulações filosóficas, mas levou os rabinos e os filósofos a buscarem melhores maneiras de defender seus pontos de vista e suas atividades.

VII. A Cabala

As datas para o desenvolvimento dessa tradição judaica são 500 a 1000 D.C. Ver sobre a *Cabala* . Isso consistia essencialmente no desenvolvimento das tradições místicas judaicas, com muita dose de especulação filosófica, que não fazia parte do judaísmo primitivo. Importantes cabalistas foram Moses Nahmanides, Ibn Gabirol e Yehudah Hallevi.

VIII. Do Século X D.C. em Diante

O calão dos islamitas, o neoplatonismo e o aristotelismo exerceram grande influência sobre os pensadores judaicos da Idade Média. As reivindicações e metodologias conflitantes da razão e da revelação foram discutidas, como também as provas da existência de Deus e os seus atributos, o determinismo divino em contraste com o livre-arbítrio humano, e as questões sobre a lei e a ética. O mais destacado filósofo judeu desse período foi Moses Maimônides, sobre quem damos um artigo separado. A Cabala foi uma atividade paralela a essa, onde florescia certa tradição mística. Hasdai Crescas e Isaac Abarbanel (1437-1508) pensavam que os filósofos judeus tinham ido longe demais na tentativa de identificarem Aristóteles com Moisés e expuseram o seu protesto. Quase toda essa atividade teve lugar em países islâmicos, ou então na Espanha. Nas terras cristãs, os judeus eram oprimidos, e não tinham liberdade para fazer funcionar suas escolas de investigação. Porém, na Itália da época da Renascença, houve alguma expressão nesse sentido, quando então surgiu Baruque Spinoza, na Holanda, no século XVII. Na Alemanha, o primeiro filósofo judeu de nota foi Mosés Mendelssohn (1629-1786). Após a sua época, filósofos judeus continuaram a participar, e mais livremente, da vida cultural européia.

IX. O Iluminismo

O judaísmo ortodoxo lutava para manter sua tradição e, por isso mesmo, com freqüência opôs-se aos desenvolvimentos do Iluminismo, sobretudo a sua tendência para enfatizar demasiadamente a ciência rejeitando reivindicações religiosas. Por outra parte alguns judeus abandonaram totalmente a sua fé tendo sido arrebatados pela febre provocada pelo Iluminismo. Entre esses dois extremos, havia aqueles que faziam tentativas para harmonizar os mesmos, com alguma fragmentação no tocante ao judaísmo tradicional. Essa grande diversidade impossibilita-nos agora identificar certos aspectos da filosofia judaica da época. Simplesmente houve vários filósofos judeus que promoviam sistemas diferentes.

X. O Século XIX

O idealismo alemão, dentro das teorias de Kant, de Schelling e de Hegbel influenciou os pensadores judeus. Nachman Krochmal (1785-1840), Salomão Formstecher (1808-1889), Samuel Hirsch (1815-1889) e Mortiz Lazarus (1824-1903) podem ser contados entre os tais. Krochmal foi pioneiro no estudo critico das fontes históricas, com vistas a definir a essência do judaísmo. Isso preparou o caminho para a ciência do judaísmo (*Wissenschaft des Judentums),* promovida por Leopoldo Zuns (1794-1886) e Abrazo Geiger (1810-1874). Como sempre, alguns se opuseram à invasão da filosofia, conclamando os judeus a voltarem ao judaismo, conforme o mesmo aparece na revelação do Antigo Testamento. S.L. Steinheim e S.D. Luzatto são contados entre esses homens.

O *sionismo,* uma nova filosofia política, surgiu no século XIX. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Filósofos judeus ativos nesse campo foram A.H. Ginsberg (1856-1927), A.D. Gordon (1856-1922). Por sua vez, A.I. Kook (1865-1935) e Martin Buber (1879-1965) misturaram o misticismo com essa filosofia.

XI. O Século XX

Hermann Cohen (1842-1918) desenvolveu um sistema de *idealismo* e exerceu profunda influência sobre o pensamento judaico. Leo Baeck (1873-1956), Bubere Franz Rosenzweig (1886-1929) desenvolveram alguns de seus pensamentos e o sionismo continuou sendo uma das principais forças entre os filósofos judeus. Buber e Rosenzweig também incorporaram em seu sistema certos elementos do existencialismo (vide) .

O nazismo de Hitler destruiu grande parte da vida cultural judaica na Europa, assinalando o fim de uma época, incluindo todos os esforços para harmonizar o judaísmo com o idealismo alemão. Depois disso, a linguagem filosófica do judaísmo tornou-se predominantemente inglesa, e os Estados Unidos da América do Norte, o lugar mais importante de expressão do judaísmo. Entrementes, os ideais preliminares do sionismo tiveram cumprimento, posto que parcial, no reavivamento da nação judaica, após a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1918. Um filósofo judeu de nomeada foi M.M. Kaplan, que combinou uma forma extremada de naturalismo com a manutenção das formas tradicionais da observância religiosa dos judeus. O existencialismo, porém, continuou exercendo alguma influência, como nos escritos de A.J. Heschel (1907-1972).

XII. Ética — A Grande Contribuição da Filosofia Judaica

Embora o Antigo Testamento não seja um manual de princípios éticos, em qualquer sentido formal, nenhuma outra obra escrita, excetuando talvez o Novo Testamento, tem exercido tão vasta influência sobre o pensamento ético do mundo. Essa influência tem envolvido tanto a ética individual quanto a ética social. O Antigo e o Novo

Testamentos, juntamente com os códigos legais romanos, têm sido os mais decisivos fatores na formação das leis civis dos países da Europa e da América. Ver o artigo separado sobre a Ética do *Antigo Testamento*.

FINÉIAS

No hebraico, ao que parece, **oráculo.** Há quem pense que a origem dessa palavra é egípcia. Tem sido confirmada por descobertas arqueológicas da época do Novo Reino egípcio (séculos XVI a XII A.C.). Outros estudiosos pensam que o sentido dessa palavra ainda não foi determinado, e ainda outros pensam que quer dizer «boca de bronze». Esse e o nome de três personagens da Bíblia, a saber:

1. Um filho de Eleazar, neto de Aarão, o sumo sacerdote. Ver Êxo. 6:25; I Crô. 6:4,50; Esd. 7:5. Era homem zeloso e de ânimo quente. Os israelitas estavam acampados nas planícies de Moabe e lamentavam os pecados a que haviam sido seduzidos pelos midianitas. Um dos príncipes de Judá, de nome Zinri, levou uma mulher midianita, chamada Cozbi, à sua tenda. Finéias, naturalmente, compreendeu o intuito e, indignado, seguiu o casal. Entrou na tenda e traspassou ambos com a sua lança (Núm. 25:7 *ss*). Esse ato de zelo espiritual chamou a atenção de Moisés, que outorgou a Finéias responsabilidades sacerdotais, na época em que Josué andou fazendo guerra contra os midianitas (Núm. 31:6 *ss*). Foi-lhe prometido que o sacerdócio permaneceria em sua família (Núm. 25:7-11), o que ocorreu em cerca de 1435 A.C.

Após a conquista do território de Canaã, quando os guerreiros das duas tribos e meia do além Jordão estabeleceram um altar não autorizado, Finéias esteve à testa da delegação ali enviada para denunciar aquelas tribos por tal ato. Porém, os representantes das tribos de Rúben, Gade e da meia-tribo de Manassés explicaram que o altar era apenas um memorial das vitórias de Israel e de sua dependência a Deus, e não um lugar onde seriam oferecidos sacrifícios. O esclarecimento foi aceito, e todos os envolvidos sentiram-se satisfeitos. Ver Jos. 22:5 *ss*. Quando da divisão da terra, ele recebeu uma porção de terras como sua propriedade particular, uma colina no monte Efraim que recebeu seu nome, Gibeá, pertencente a Finéias. Foi ali que Finéias sepultou seu pai (Jos. 24:33). Aparentemente, ele era líder dos levitas coreítas (I Crô. 9:20). Após a morte de Eleazar, Finéias tornou-se sumo sacerdote (o terceiro da série). Após o ultrajante tratamento à concubina do levita viajante, em Gibeá de Benjamim, foi Finéias quem afirmou, corretamente, que dali resultaria o apropriado juízo divino (Juí. 20:28). Seus anos finais foram passados na obscuridade, até onde diz respeito à história bíblica registrada. Presumivelmente, foi sepultado na colina de Efraim, onde também havia sepultado seu pai (Jos. 24:33).

Símbolo. Finéias tem atraído os estudiosos da Bíblia como exemplo de um sacerdote levita devoto (Sal. 106:30,31). Sua vida de fé, com atos apropriados, lhe foi imputada «por justiça, de geração em geração, para sempre». Declaração parecida é feita acerca de Abraão, em Gênesis 15:6 e Romanos 4:3: «Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado por justiça».

2. Um levita, pai de Eleazar, que ajudou Meremote a pesar os vasos sagrados do templo (Esd. 8:2 e I Esdras 8:36), que viveu em torno de 458 A.C. O sentido da passagem bíblica mencionada, porém, pode ser que Eleazar era da *família* do Finéias original, visto que, no hebraico, o vocábulo *pai* pode ser usado para indicar um antepassado distante.

3. O segundo filho de Eli (I Sam. 1:3; 2:34; 4:4,11,17,18; 14:3). Esse Finéias foi morto, juntamente com seu irmão, pelos filisteus, quando estes capturaram a arca da aliança. Antes desse evento, esse homem já demonstrara o seu mau caráter e muito entristecera seu pai.

Fora da narrativa bíbilica, temos mais dois homens com o nome de Finéias. Assim, esse foi o nome do último sumo sacerdote, antes de Tito haver destruído a cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C. Ver Josefo, *Guerras 4:3,8.* Por semelhante modo, esse também foi o nome do último tesoureiro do templo de Jerusalém o qual, quando essa cidade caiu diante dos romanos em 70 D.C., entregou alguns dos tesouros do templo aos invasores. Ver Josefo, *Guerras* 6:8,3.

FIO DE PRATA

A única alusão bíblica ao **fio de prata** fica em Eclesiastes 12:6,7: «...antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu». Temos aí várias declarações poéticas que apontam para a dissolução provocada pela morte física. **Os intérpretes têm-se iriteressado** especialmente pela referência ao «fio de prata». Isso é assim porque, uma experiência comum, dentro do processo da morte física, é que a pessoa vê uma espécie de corda umbilical, que tem a aparência de filamentos de eletricidade, que vinculam o corpo material do homem à sua alma imaterial. Se esse fio for partido, o processo da morte torna-se irreversível.

Esse fio de prata também pode ser visto nos casos de *projeção da psique* (vide). Podemos supor que o fio de prata serve de canal de transmissão de energias vitais, da **parte não-material** do homem para a sua parte material. Por outro lado, não há certeza se a referência ao «fio de prata», em Eclesiastes 12:6, que algumas vezes é visto por ocasião da morte ou das projeções da psique, realmente diga respeito a esse fenômeno, que até a parapsicologia tem estudado com grande interesse. Alguns estudiosos supõem que, no livro de Eclesiastes, a alusão seja à coluna vertebral ou à língua (que emudeceria por ocasião da morte) ou então, poeticamente, que seria uma alusão ao *vínculo* entre a alma e o corpo, sem qualquer alusão específica a qualquer poder ou energia literal. Mas, sem importar se a Bíblia refere-se ou não ao *fio de prata* que algumas pessoas têm visto, nos primeiros estágios da morte (ou que outras pessoas presentes podem ver, durante o processo da morte), esse «fio» sem dúvida é uma realidade. Ver o artigo geral sobre *Experiências Perto da Morte.* Na experiência da morte física, o ato de ver o fio de prata é apenas um dentre vários itens envolvidos. A ciência moderna está dando grande atenção a essa experiência. De fato, no momento, essa é a nossa maneira mais frutífera de tentar provar a existência da alma e a sua sobrevivência ante a morte física, do ponto de vista científico. Ver o artigo geral sobre a *Imortalidade,* que inclui um artigo sobre esse assunto, do ângulo dos homens de ciência. Ver também o artigo intitulado: *Abordagem Científica à Crença na Alma e em sua Sobrevivência ante a Morte Física.*

FIRMAMENTO

No hebraico, **raqia.** Esse vocábulo aparece por dezessete vezes no Antigo Testamento: Gên. 1:6-8,14,15,17,20; Sal. 19:1;150:1; Eze. 1:22,23,25,26;10:1 e Dan. 12:3.

O termo hebraico está ligado a uma forma verbal que significa «eles martelaram», como se alguém tivesse martelado metais. Dentro do contexto cosmológico, isso poderia subentender alguma suposta entidade, nos céus, com formato côncavo, como se fosse uma taça invertida. Contudo, as evidências em favor de tal idéia não são conclusivas, porém, o trecho de Gênesis 1:6 indica, definidamente, algum tipo de barreira *sólida* que separaria a massa de águas superiores da massa de águas inferiores. E, com base em outras fontes informativas, bíblicas e rabínicas, obtemos uma boa idéia do que os hebreus pensavam sobre a *cosmogonia.* Oferecemos um artigo sobre esse assunto. Ver também sobre *Astronomia,* onde temos exposto um gráfico que ilustra as antigas idéias dos hebreus quanto à natureza da criação. Finalmente, ver sobre a *Criação.* O que fica óbvio, em tudo isso é que, a despeito da atividade dos intérpretes, as referências bíblicas que incluem idéias sobre cosmogonia demonstram claramente que os hebreus, juntamente com todos os povos antigos, tinham idéias bastante cruas sobre a natureza do universo.

Quando os intérpretes dizem que o firmamento é um *espaço expandido,* onde se encontram os corpos celestes (objetos sólidos),

mas que esse espaço é chamado de «firmamento» por ser considerado como algo durável, eles apelam para um truque, a fim de evitar reconhecer que a Bíblia não é um livro escrito para ensinar ciência, pelo que nem sempre declara exatamente as questões da cosmologia. Nenhum livro existe que declare com exatidão esse assunto, visto que a nossa ignorância a respeito ainda é grande e o nosso conhecimento é bem diminuto. E a revelação bíblica não nos fez avançar muito nessa direção, mesmo porque não nos foi outorgada para ensinar-nos fatos científicos e, sim, para ensinar-nos como ajustar nosso relacionamento com Deus e com nossos semelhantes. Na verdade, porém, a nossa fé não depende desse tipo de conhecimento, sobre fatos científicos. Fazer a fé repousar sobre tais questões é convidar ao desastre. Contudo, a ciência nos apresenta outras e novas idéias, quanto a muitos campos do mundo material; todavia, não nos ensina coisa alguma sobre as origens. Sempre que os cientistas tentam falar sobre as origens, apenas especulam, pois a ciência não dispõe de meios para investigar como as coisas começaram, mas somente como elas são agora, que já foram criadas. Portanto a ciência atua de modo completamente separado dos documentos espirituais, cujas declarações sobre assuntos científicos são apenas incidentais e, por muitas vezes, inexatas, refletindo conhecimento dos homens na época em que eles foram escritos (com raríssimas exceções, quando Deus quis revelar fatos científicos, embora não se referisse aos mesmos como tais).

Quanto a outras referências bíblicas sobre o *firmamento,* ver Eze. 1:22; Dan. 12:3; Exo. 24:10; Apo. 4:6. A palavra hebraica *raqia,* traduzida geralmente por «firmamento», aparece por nove vezes no primeiro capítulo do livro de Gênesis. De conformidade com a cosmologia babilônica e hebraica, havia um *mar* acima do firmamento. E o firmamento separaria os céus da terra, numa espécie de universo em dois pisos. No trecho de Apocalipse 4:6, o vidente João viu um «mar» diante do trono de Deus, embora diferente daquele imediatamente acima do firmamento. O «mar» visto por João parecia feito de cristal, parecendo ser o soalho ou base que apoiava o trono de Deus. Há um empréstimo literário, em Apocalipse, do trecho de Eze. 1:22, que envolve o firmamento.

FLECHA

Ver o artigo geral sobre *Armas, Armadura,* quanto a uma descrição das armas antigas, bem como o seu sentido literal e metafórico nas Escrituras. O arco e a flecha eram uma arma crítica para os antigos, porquanto possibilitava o ataque a certa distância. Os arcos antigos tinham uma única curva; e, às vezes, duas. A corda usualmente era de nervo de boi, enquanto que as flechas eram feitas de canas ou de madeiras leves, armadas com pontas de metal. Algumas vezes o arco era feito de bronze (ver Sal. 18:34). Algans arcos tinham grande tamanho (ver Zac. 9:10). A fim de ser posta a corda, a extremidade inferior era mantida firme com o pé, o que explica a expressão «armar o arco». Muitos povos antigos usavam o arco e a flecha, como os assírios, os elamitas, os egípcios, os filisteus, e, entre os israelitas, as tribos de Benjamim, Rúben, Gade e Manassés, cujos membros eram exímios atiradores com arco e flecha (ver I Crô. 5:18; 12:2; II Crô. 15:8). Os exércitos gregos e romanos também tinham seus arqueiros, que formavam as tropas leves.

Usos metafóricos. 1. A flecha indica calamidade, enfermidade e aflição (Jó 6:4 e Deu. 32:23). 2. O relâmpago é a flecha de Deus (ver Sal. 18:14; 144:6 e Hab. 3:11). 3. Um perigo súbito e inevitável (Sal. 19:5). 4. A língua enganadora (ver Sal. 119:4). 5. Uma palavra ferina (ver Sal. 64:3). 6. Falso testemunho (ver Pro. 25:18). 7. Porém, em Sal. 127:4,5, simboliza crianças bem treinadas. Assim os filhos são instrumentos de poder e ação de um homem dotado de capacidade. 8. A flecha também pode falar da energia eficiente e irresistível da Palavra de Deus nos lábios do Messias (ver Sal. 45:6 e Isa. 54:2). (ND S)

FLORESTA

No hebraico temos a considerar quatro palavras, a saber:

1. *Choresh*, «floresta», «mato». Palavra hebraica empregada por uma só vez com esse sentido, em II Crô. 27:4.

2. *Yaar*, «floresta», «lugar espalhado». Esse termo hebraico ocorre por trinta e oito vezes com o sentido de «floresta», embora também signifique «madeira». Ver, por exemplo, I Sam. 22:5; I Reis 7:2; II Reis 19:23; II Crô. 9:16,20; Sal. 50:10; Isa. 9:18; 10:18,19,34; 21:13; 56:9; Jer. 5:6; 10:3; 46:23; Eze. 15:2,6; 19:10; Osé. 2:12; Amós 3:4; Miq. 3:13; Zac. 11:2.

3. *Yaarah*, «floresta», «lugar espalhado». Palavra hebraica que ocorre somente por uma vez, em Sal. 29:9.

4. *Pardes*, «paraíso». Termo hebraico derivado do persa, que é usado apenas por uma vez, em Nee. 2:8. Em nossa versão portuguesa temos a palavra «matas». Alguns estudiosos pensam que essa palavra também significava «jardim».

Na Palestina da antiguidade, as florestas cobriam vastas áreas. Porém, a dilapidação dos recursos naturais, por parte dos homens, tem deixado muitos lugares destituídos de árvores, onde antes havia grandes bosques naturais.

Usos Bíblicos:

1. A floresta dos cedros do monte Líbano (I Reis 7:2; II Reis 19:23; Osé. 14:5,6). Antigamente, foi uma extensa floresta. A floresta do Líbano era a mais vasta floresta que havia na Palestina. Salomão empregou cem mil madeireiros, os quais trabalharam durante cinqüenta e cinco anos a fim de proverem a madeira de cedro para o templo, para os palácios, para a casa do tesouro e, segundo presumimos, para outras edificações também. Milhões de metros de madeira flutuavam desde Tiro até Jope, que servia de porto para a cidade de Jerusalém. Essa floresta também era rica em pinheiros e sândalo. Supõe-se que ninguém pensou em impor ali um programa de conservação e restauração.

Há evidências de que antes de Israel ter entrado na Terra Prometida, grande parte da Síria e da Palestina era recoberta de florestas. No entanto, a ganância dos homens destruiu essas florestas, e também podemos supor que as modificações climáticas que houve ali também desempenharam sua parte nessa destruição. Antigamente havia uma floresta de tamareiras no vale do rio Joroão, desde o lago de Genezaré até o mar Morto. Josefo (37-95 D.C.) informa-nos que mesmo em seus dias, uma floresta de tamareiras, perto de Jericó, cobria cerca de onze quilômetros de território. Havia florestas de carvalhos nas regiões montanhosas da Palestina. Um inseto que vivia nessa floresta produzia o corante escarlate que os israelitas usavam.

2. O nome *casa da floresta do Líbano*, em I Reis 7:2, 10:17,21 e II Crô. 9:16,20, refere-se a um lugar construído por Salomão, em Jerusalém ou nas proximidades. E a madeira para essa construção provinha das florestas de cedro do Líbano. Ou então, por causa de seu vasto número, aquelas árvores dispersas eram denominadas floresta.

3. *A floresta dos carvalhos* dos montes de Basã era uma outra notável área recoberta de densa vegetação (Eze. 27:6).

4. Também havia uma floresta na área ocupada pelos homens de Efraim.

5. O bosque de Betei (II Reis 2:23,24) refere-se a uma área densamente arborizada, situada na ravina que descia até à planície de Jericó.

6. Lemos em I Samuel 14:25 que os israelitas passaram por uma floresta, quando perseguiam os filisteus.

7. Também havia uma área coberta de florestas, no deserto de Zife, onde Davi se ocultou (I Sam. 23:15 ss) .

8. Havia um bosque em Herete, no sul do território de Judá. Davi retirou-se para aquele lugar, a fim de escapar das intenções assassinas de Saul (I Sam. 22:5). Todavia, desconhece-se a localização exata desse bosque.

O arqueólogo W.F. Albright recolheu evidências de que, na Idade do Bronze Média (2000-1500 A.C.), grandes florestas cobriam boa parte da região montanhosa da terra de Canaã, que atualmente desapareceram inteiramente.

Usos Metafóricos:

1. Para denotar uma cidade, um reino ou um grande número de pessoas (Eze. 15:2).

2. Aqueles que estão maduros para o julgamento são ameaçados pela ira de Deus como um incêndio que destrói uma floresta (Isa. 10:17,18).

3. Uma floresta pode simbolizar a *falta de frutificação*, quando contrastada com áreas agrícolas cultivadas (Isa. 29:17; 32:15; Jer. 26:18).

4. O exército assírio também chegou a ser chamado de «floresta», devido ao grande número de seus soldados (Isa. 10:18,19; 32:19). No entanto, a ira do Senhor era capaz de reduzi-los a nada, como um incêndio que se propaga.

5. Jerusalém foi chamada de «bosque do campo do Sul», em Eze. 20:46, porquanto ficava situada na parte sul da terra de Canaã. Os caldeus, quando a atacaram, marcharam na direção sul.

6. Uma árvore tem muitos símbolos, nos sonhos e nas visões. Ela pode denotar a *árvore da vida*, a fonte da existência eterna, com suas qualidades muito variadas, como a complexidade de ramos que há em uma grande árvore. Uma árvore também pode ser um símbolo fálico, como o pinheiro e outras árvores do mesmo formato. Uma árvore desarraigada fala sobre conflito, derrota, impotência ou castração. Uma árvore também pode simbolizar a mãe de uma pessoa, a origem de sua vida física. Uma árvore firmemente arraigada pode simbolizar a perda da liberdade, mas também pode indicar firmeza. Uma árvore transplantada pode simbolizar mudanças, instabilidade ou falta de frutificação. A casca de uma árvore pode apontar para a proteção que uma pessoa busca contra o mundo ou contra algum perigo.

FOGO

No hebraico há cinco palavras envolvidas, e no grego, duas, a saber:

1. *Ur*, «luz», «fogo». Palavra hebraica usada por cinco vezes com o sentido de fogo: Isa. 24:15; 31:9; 44:16; 47:14; Eze. 5:2.

2. *Esh*, «fogo». Termo hebraico empregado por trezentas e sessenta e quatro vezes, desde Gên. 19:24 até Mal. 3:2, em trinta e quatro dos trinta e nove livros do Antigo Testamento. É a palavra hebraica mais comum para «fogo», na Bíblia.

3. *Eshshah*, «fogo». Palavra hebraica e aramaica, usada por apenas duas vezes: Jer. 6:29 e Dan. 7:11.

4. *Beerah*, «fogo», «ardência». Palavra hebraica usada apenas por uma vez, em Exo. 22:6, na segunda vez em que a palavra «fogo» aparece em nossa versão portuguesa, nesse versículo. Na primeira menção a «fogo», nesse versículo, é usado o termo hebraico mais comum, *esh*.

5. *Nur*, «fogo». Palavra aramaica usada somente no livro de Daniel (3:22, 24-27; 7:9). Aparece por sete vezes, ali.

6. *Pur*, «fogo». Palavra grega que ocorre por setenta vezes. Alguns exemplos: Mat. 3:10-12; 7:19; Mar. 9:22,43,48 (citando Isa. 66:24); Atos 2:3,19 (citando Joel 3:3); Tia. 3:5; 5:3; I Ped. 1:7; Apo. 1:14; 2:18; 9:17,18; 13:13; 15:2; 21:8.

7. *Purá*, «fogueira», «pira». Palavra grega usada por duas vezes: Atos 28:2,3.

Esboço:

I. Usos Bíblicos Literais
II. Usos Militares
III. Punição Capital
IV. Usos e Regulamentos Religiosos
V. O Fogo Ligado à Idolatria
VI. A Presença Divina e as Teofanias
VII. Como Símbolo do Juízo Divino
VIII. Outros Usos Simbólicos

I. Usos Bíblicos Literais

Os antigos hebreus usavam o fogo para cozinhar, para aquecer ambientes e para servir de iluminação. Ver Gên. 18:6; Êxo. 12:9,39; Lev. 2:14; Isa. 47:14; João 18:25; Atos 28:2; Luc. 15:8; Mat. 5:15. Essas referências ilustram aqueles três empregos principais do fogo. Além desses usos mais comuns, o fogo também era empregado para processar minérios brutos. Uma vez que o metal fosse extraído do seu minério, era aquecido ao fogo até dissolver-se, a fim de ser moldado. Ver Eze. 22:18-20; Êxo. 32:24; Núm. 31:22 ss e Jer. 6:29.

Modos de Acender o Fogo. Havia aquele modo de produzir fogo brocando um pedaço de madeira que, aquecido, acabava irrompendo em chamas. Esse método tem sido confirmado até nos hieróglifos egípcios. Também havia o método comum e universal de bater uma pederneira sobre pedaços de pirita de ferro, o que vinha acontecendo desde os tempos neolíticos. Não se deixava o fogo apagar, a fim de facilitar o seu uso, pois a produção do fogo constituía um pequeno problema. E em tempos ainda mais remotos, provavelmente o fogo era conseguido ao acaso, como quando a queda de um raio produzia chamas. E então era mister não deixar as chamas se apagarem.

II. Usos Militares

A crueldade dos homens levou-os a usar o fogo contra os seus inimigos. O fogo é muito eficaz para infligir intensos sofrimentos, pondo um fim rápido a qualquer resistência. Tochas inflamadas eram lançadas contra as instalações do inimigo. Isso explica o uso de tochas no ataque de Gideão contra o acampamento dos midianitas, em Juizes 7:16. Cidades eram incendiadas e muitas pessoas pereciam em meio às chamas. A história mostra que muitas pessoas foram envolvidas nessa forma de destruição. No Antigo Testamento, podemos ler sobre os incêndios que destruíram Jericó (Jos. 6:24; 8:19), as aldeias dos benjamitas (Juí. 20:48); de Ziclague, pelos amalequitas (I Sam. 30:1); de Jazer, por Faraó (I Reis 9:16); do templo e dos palácios de Jerusalém, por parte de Nabucodonosor (II Reis 25:9). Era costume incendiar o equipamento militar do inimigo, e não meramente as suas instalações. Muitas fontes literárias da antiguidade falam sobre essas táticas, entre muitos povos. Por exemplo, Statius, Theb. 4:5,7; Strobaeus, Serm., part. 194; Michaelis, em Symbol. Liter. Bremens, 3,254.

III. Punição Capital

Os desvios sexuais eram punidos na fogueira (Lev. 20:14). Os corpos dos inimigos e dos criminosos eram consumidos na fogueira, uma vez que eles fossem mortos (Jos. 7:25). O trecho de Dan. 3:22,24 e seu contexto refere-se à punição capital pelo fogo, fora da cultura de Israel.

IV. Usos e Regulamentos Religiosos

Não era permitido acender fogo em dia de sábado, provavelmente como medida para impedir algum labor desnecessário, como o cozinhar (Êxo. 16:23; 35:3). Talvez para fins de aquecimento, braseiros eram acesos no dia anterior, que então eram mantidos a queimar. O fogo desempenhava um importante papel na adoração efetuada no tabernáculo e no templo de Jerusalém, onde os altares de incenso e das ofertas queimadas requeriam tal coisa. O fogo, no altar de Deus, era uma chama eterna (Lev. 6:13). Esse fogo era a fonte das chamas usadas no altar dos holocaustos. Não se podia usar fogo estranho (proveniente de qualquer outra fonte) (ver Lev. 10:1; Núm. 3:4; 26:61). No Antigo Testamento há mais de cem referências às estipulações que governavam as ofertas queimadas, concentradas principalmente nos livros de Levítico, Números e Deuteronômio. Em algumas raras ocasiões, chamas divinas consumidoras desceram sobre os sacrifícios postos sobre o altar, como nos casos de Aarão (Lev. 9:24); Davi (I Crô. 21:26); Salomão (II Crô. 7:1) e Elias (I Reis 18:38).

V. O Fogo Ligado à Idolatria

Nas culturas antigas era comum fazer sacrifícios humanos na fogueira. Moisés advertiu o povo de Israel a não imitar os cananeus,

que praticavam tal abominação (Deu. 12:31; Lev. 18:21). Apesar disso, essa prática brutal algumas vezes chegou a ser usada em Israel (II Reis 16:3; 21:16; Isa. 30:33). Os templos e os ídolos dos povos conquistados eram queimados pelos vitoriosos; e, algumas vezes, Israel assim fez (Deu. 7:5,25; 12:3; 13:16; Isa. 33:12).

VI. A Presença Divina e as Teofanias

As manifestações de Deus algumas vezes faziam-se acompanhar pelo fogo (Êxo. 3:2; 13:21,22; 19:18; Deu. 4:11). O fogo representava a presença do Senhor, bem como a sua glória (Eze. 1;4,13), a sua proteção (II Reis 6:17), a sua santidade (Deu. 4:24), os seus juízos (Zac. 13:9), a sua ira contra o pecado (Isa. 66:15,16); o seu Santo Espírito (Mat. 3:11; Atos 2:3). Também devemos levar em conta as chamas da sarça ardente, na experiência de Moisés, e da coluna de fogo, no deserto, que orientava o povo de israel e representava a presença de Deus (Êxo. 32; 13:21; 19:18). A referência, em II Reis 1:9-12 e 2:11 às carruagens e cavalos de fogo, diz respeito à presença do Senhor, que se manifestou de modo súbito, em arrebatamento. A presença protetora de Deus evidenciou-se nos cavalos e nos carros de fogo, da experiência de Eliseu (II Reis 6:17).

VII. Como Símbolo do Juízo Divino

Há algumas referências ao fogo, no Antigo Testamento, no tocante à ira de Deus e ao juízo contra o pecado. Isso, sem dúvida, sugeriu a escritores sagrados posteriores que o juízo divino consiste em fogo literal. Assim a ira de Deus é assemelhada ao fogo (Deu. 32:22; Jer. 4:4; 15:14; Eze. 22:21). Seu ciúme e sua ira consumiriam a terra inteira, como uma grande fogueira (Sof. 1:18). Sua ira derrama-se como fogo, na metáfora usada por Naum (1:6). Deus é comparado com um fogo devorador (Deu. 4:24). Em Gênesis 19:24, lemos que Deus destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra mediante fogo. Além disso, o fogo de Deus consumiu duzentos e cinqüenta levitas rebeldes, porquanto fizeram um oferenda não autorizada (Núm. 16:35). Também é usada a linguagem metafórica que fala no verme que não morre e no fogo que não se apaga (Isa. 66:24), que se refere ao estado dos indivíduos lançados na *Geena*.

Nos *livros pseudepígrafos,* que forama escritos no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos, temos o desenvolvimento do conceito de que um certo segmento do *hades* caracteriza-se pelas chamas constantes, como um lugar de juízo e de tormentos. Se alguém dedicar tempo a ler o livro de I Enoque, por exemplo, descobrirá ali abundantes evidências a esse respeito, e que, segundo muitos pensam, é extraveterotestamentário, embora possa ter sido sugerido pelos versículos acima alistados. O Novo Testamento, em alguns lugares, mormente no Apoc. cap. 20, relacionado à sua doutrina do lago do fogo, utilizou-se da idéia que aparece nos livros pseudepígrafos. Ver sobre o *Lago do Fogo.* Em Enoque 38:5 e 48:9, os ímpios são entregues por Deus nas mãos dos santos, na presença de quem eles queimam como a palha no fogo e afundam na água como se fossem pedaços de chumbo. Ver também Sibyll. 3.196-200; 252-253. No Enoque Eslavônico (II Enoque) encontramos um *rio de fogo,* no décimo capítulo.

Quanto a versículos neotestamentários, além daqueles já mencionados, ver Apo. 19:20; Mat. 3:12; 7:19; Mar. 9:43, que têm sido usados como textos de prova em favor de um inferno com chamas literais. Porém, deveríamos observar, em primeiro lugar, que essa doutrina foi tomada por empréstimo dos livros pseudepígrafos. E, em segundo lugar, que o julgamento dos crentes também terá lugar por meio do fogo (I Cor. 3:13 *ss*). Os intérpretes, entretanto, não pensam que, nada última passagem, devamos pensar em chamas literais. Ademais, no mesmo trecho onde lemos sobre chamas eternas, também lemos sobre o verme que não morre, mas ninguém pensa que devemos entender o "verme» como algo literal (ver Mar. 9:44,46,48). Tentar atormentar uma alma imaterial mediante chamas literais seria como lançar pedras contra o sol. Ver o artigo geral sobre o *Julgamento.*

VIII. Outros Usos Simbólicos

Algumas vezes, as chamas do altar dos holocaustos eram chamadas, simplesmente, de *fogo* (Êxo. 19:18; Lev. 1:9; 2:3; 3:5,9). A presença de Deus, conforme já se viu na sexta seção, é representada pelo fogo. O fogo também simboliza um amor intenso (Can. 8:6), mas também a língua injuriosa (Sal. 120:4; Pro. 16:27; Tia. 3:5), a impiedade (Isa. 9:18), a pureza, a majestade e o terrível aspecto de Deus (Deu. 4:24; Heb. 12:29; Isa. 10:17). O Messias submete o seu povo à prova, como se fosse um fogo, e destrói os seus inimigos da mesma maneira (Mal. 3:2; Eze. 8:2). O Espírito Santo é assemelhado ao fogo, porquanto ilumina, purifica, destrói o pecado e desperta o amor (Mat. 3:11; Atos 2:13; Isa. 4:4). Os anjos são como o fogo, puros, temíveis e velozes (Sal. 104:4). Os ímpios são perigosos como o fogo (Pro. 6:27). A Palavra de Deus assemelha-se ao fogo, porquanto submete a teste os estados e as condições das almas dos homens; ela aquece, suaviza e purifica, como também ameaça (Jer. 5:14 e 23:29).

FOICE

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Chermesh,* «gancho colhedor», «foice». Essa palavra hebraica aparece por duas vezes: Deu. 16:9 e 23:25.

2. *Maggal,* «foice», «faca grande». Esse termo hebraico é usado por duas vezes, igualmente: Jer. 50:16 e Joel 3:13.

3. *Drépanon,* «foice», «gancho colhedor». Esse vocábulo grego é empregado por oito vezes, sete delas no livro de Apocalipse: Mar. 4:29; Apo. 14:14-19.

O termo é comum nos documentos escritos em hebraico e aramaico, pouco antes do início da era cristã. O uso que a palavra tem, no Novo Testamento, apresenta a foice à moda do profeta de Joel, ou seja, como instrumento da ira divina, mediante a qual Deus operará grandes transformações na terra e no universo.

FOLE

No hebraico, **mappuach**, vocábulo que aparece somente em Jer. 6:29, embora subentendido em Isa. 54:16 e Eze. 22:21, quando há menção a chamas. Os foles vêm desde a antiguidade remota, já sendo conhecidos no Egito e em outras antigas culturas. Eram usados na forja ou na fornalha, sendo operados à mão, ou com os pés. Eram feitos com peles de animais, de maneira a haver uma câmara de ar. Eram munidos na ponta com um tubo de bambu ou de metal, O combustível usado geralmente era a madeira. Simples abanos podiam fazer o mesmo trabalho dos foles; mas, o trabalho com metais, que precisava de mais poder, podia ser feito mais convenientemente com o auxílio de foles.

Foles foram encontrados em um túmulo perto de Tebas, com o nome inscrito de Tutmés III. Pequenos foles, operados à mão, eram usados em certos trabalhos com metais. A arte da metalurgia passou dos povos que habitavam na Anatólia para os semitas do Crescente Fértil. Ver o artigo sobre *Artes e Ofícios.* (ID ND UN)

FOME

A fome é um dos meios pelos quais Deus castiga os homens. Mas isso não significa que qualquer escassez já seja um castigo divino. Nosso mundo caótico envolve muitos elementos desagradáveis e misteriosos. Os trechos de Gên. 21:10; 26:1 e Atos 11:28 registram períodos de fome sem vincular aos mesmos qualquer significação espiritual. Não obstante, a fome está incluída no quadro da providência divina (Amós 4:6; Apo. 6:8). Faz parte da fé da maioria das religiões que Deus está por detrás das forças da natureza e é capaz de controlá-las; e também que, algumas vezes, ele causa ou permite que essas forças sejam destrutivas com propósitos disciplinadores (I Reis 17:1; 18:17, 18; Ageu 1:6,9-11; 2:16,17). O cavalo negro da morte, no sexto capítulo do Apocalipse, inclui os elementos da escassez e da fome. Ver o artigo separado sobre *Cavalos, os Quatro do Apocalipse.* Por outro lado, a fertilidade e a abundância estão associadas à divina aprovação (Isa. 4:2; 41:19;

Osé. 2:21; Amós 8:13). Assim, encontramos estas duas fórmulas: obediência e prosperidade (Sal. 1:1-3; Pro. 3:7-10; Isa. 1:19), e desobediência e necessidade (Lev. 26:14-16). A experiência humana demonstra, como é óbvio, que nem sempre isso ocorre exatamente assim. Pois os ímpios também prosperam, e os piedosos são perseguidos e padecem necessidade.

1. *Períodos de Fome nas Escrituras.* Esses períodos envolveram as vidas de Abraão (Gên. 12:10); Isaque (Gên. 26:1); José (Gên. 41-47); Rute (Rute 1:1); Davi (II Sam. 21:1); Elias (I Reis 17 e 18), Eliseu (II Reis 4:38; 6:24; 7:20), Zedequias (II Reis 25:3); Cláudio, imperador romano(Atos 11:28; Josefo, *Anti.* 20:2,5).

2. *Fome Figurada.* O trecho de Amós 8:11 diz como haverá, algum dia futuro, a fome de ouvir as palavras do Senhor, em face da desobediência do povo de Israel.

3. *Fomes dos Tempos Modernos.* Entre as nações modernas, as fomes mais devastadoras têm sido aquelas da Índia e da China. Milhões de pessoas morreram no período de poucos anos de grandes fomes, em 1769-1770, 1836, 1863 e 1900 na Índia. Na China, fomes devastadoras tiveram lugar em 1877-1879 e 1920-1921. Calcula-se que na atualidade, não levando em consideração a recente fome que houve na Etiópia, cerca de doze mil pessoas morrem a cada dia, por motivo de inanição. Adicione-se a isso que muitos milhões de pessoas vivem em um constante estado de má nutrição e enfermidade crônicas, embora consigam manter-se vivos. Calcula-se que, de fato, mais da metade da população do mundo sofre de desnutrição.

As fomes são causadas por desastres naturais, como as inundações, os fracassos nas colheitas, as secas, a superpopulação, as técnicas agrícolas inadequadas. Segundo os conhecedores do assunto, é precisamente esta última causa que tem produzido a fome que tem havido, ultimamente, na Etiópia. O transporte maciço de alimentos, enviados aos países em necessidade, têm impedido muita miséria humana. A desnutrição, sobretudo quando envolve a falta de proteínas, produz a apatia, a perda dos cabelos, mudanças na pigmentação da pele, crescimento retardado das crianças, a inchação do fígado, anemia e endemia geral. As pessoas mal-nutridas também mostram-se mais susceptíveis a todas as formas de enfermidade e a inteligência torna-se embotada, por causa de um cérebro mal-alimentado. De fato, no caso de infantes, danos cerebrais irreversíveis são o efeito mais comum da falta de nutrientes.

Obrigações Morais. A Igreja, o Estado e o próprio indivíduo têm a responsabilidade de ajudar aos necessitados. De todas as medidas, a mais eficaz é a boa instrução, que pode fazer desaparecer, a longo prazo, as causas da desnutrição.

FONTE

Há cinco palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Bayir,* «poço», «cisterna». Palavra hebraica usada por apenas uma vez, em Jer. 50:15.

2. *Mabbua,* «fonte». Termo hebraico empregado por três vezes no Antigo Testamento: Ecl. 12:6; Isa. 35:7 e 49:10.

3. *Mayan,* «fonte». Vocábulo hebraico usado por vinte e três vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 7:11; 8:12; Lev. 11:36; Jos. 15:9; I Reis 18:5; II Crô. 32:4; Sal. 74:15; 114:8; Pro. 5:16; 8:24; 25:26; Can. 4:12,15; Isa. 41:18; Osé. 13:15; Joel 3:18.

4. *Magor,* «fonte». Palavra hebraica que ocorre por dezoito vezes, conforme se vê, por exemplo em Lev. 20:18; Sal. 36:9; Pro. 5:18; 13:14; 14:27; Jer. 2:13; 17:13; Osé. 13:15; Zac. 12:1.

5. *Ayin,* «olho», «olhos d'água», «fonte». Palavra hebraica que pode significar *manancial;* esta palavra é usada onze vezes com o sentido *de fonte:* Gên. 16:7; Núm. 33:9; Deu. 8:7; 33:28; I Sam. 29:1; II Crô. 32:3; Nee. 2:14; 3:15; 12:37; Pro. 8:28.

6. *Pegé,* «fonte», «origem». Palavra grega usada por onze vezes: Mar. 5:29; João 4:6,14; Tia. 3:11; Apo. 7:17; 8:10; 14:7; 16:4; 21:6.

Usos da Palavra. Pode estar em vista um lugar bem regado (Sal. 84:6), uma inundação da parte do mar (Gên. 7:11; 8:2), um manancial de água que jorre do subsolo (Ecl. 12:16; Isa. 35:7), uma cisterna ou fonte, ou mesmo qualquer escavação no solo onde possa ser encontrada água (Jer. 6:7), uma fonte que, na língua hebraica, pode ser usada como um mero prefixo, como no caso de En-Gedi (I Sam. 24:1), En-Rogel, que era uma fonte próxima de Jerusalém (II Sam. 17:17; I Reis 1:9), ou então com base na palavra para «escavar», embora também usada para indicar uma fonte (Pro. 25:26). No Novo Testamento só é usada uma palavra grega para indicar «fonte», ou seja, *pegé.*

Usos Figurados. Quinze usos figurados distintos: a. Deus é a fonte de nosso bem-estar espiritual e material (Sal. 36:9; Jer. 17:13). b. A graça divina é a fonte de nossos benefícios (Sal. 87:7). c. O Messias é a grande fonte das nossas bênçãos (Zac. 13:1). d. A graça de Deus assemelha-se a uma fonte(Isa. 41:18; Joel 3:18) e. Israel é a fonte de uma numerosa posteridade (Deu. 33:28). f. Uma boa esposa é uma fonte de bênçãos para um homem (Pro. 5: 18). g. A sabedoria espiritual é uma fonte que refrigera os justos (Pro. 16:22;18:4). h. A Igreja é uma fonte (Can. 4:12; Isa. 58:11) i. A salvação é a fonte de todo o nosso bem-estar espiritual (Jer. 17:13). j. Uma fonte é um agente purificador (Zac. 13:1) l. A vida é simbolizada por uma fonte (Sal. 36:9). Nossa dependência a um bom suprimento de água é óbvia, se quisermos continuar vivos. Além disso, a alma precisa da água da vida.

Diz um certo hino:

Fonte Tu, de toda a bênção,
Vem o canto me inspirar.
Dons de Deus que nunca cessam
Quero em alto som louvar.

Além disso: m. Os filhos são fontes, e a prole de Jacó aparece como a sua fonte, porquanto lhe serviam de meios de ajuda e conforto. No devido tempo, os filhos também tornam-se fontes para seus próprios filhos (Prov. 5:16; Deu. 33:28). n. As fontes e os mananciais denotam a prosperidade, bem como meios da prosperidade material (Osé. 13:5). o. Na adversidade, as fontes secam, do que resulta o deserto (Sal. 107:33). p. Nas visões e nos sonhos, a fonte representa a grande mãe, o gênero feminino, ou então alguma mulher em particular; mas também representa o *renascimento,* por intermédio do que uma pessoa torna-se uma nova criatura. Beber à beira de uma fonte pode indicar a participação na sabedoria e nas bênçãos espirituais; mas, em um nível físico, pode significar as atividades sexuais, visto que todos os *apetites* podem denotar as mesmas.

FONTE DO DRAGÃO

Esse era o nome de uma fonte ou poço que havia perto de Jerusalém, provavelmente no vale de Hinom. Neemias dirigiu-se até ali, certa noite, tendo passado pela Porta do Vale e chegando até a Porta do Monturo, quando desejou inspecionar as muralhas de Jerusalém, que haviam sido destruídas por um incêndio (ver Nee. 2:13). O local exato dessa fonte é desconhecido atualmente.

FONTE, PORTA DA

A porta da Fonte é mencionada em Nee. 2:14; 3:15 e 12:37. Era um dos portões de Jerusalém, localizado no lado sudeste das muralhas, que foram reconstruídas depois do exílio babilônico. Aparentemente ficava abaixo do Tanque de Siloé (vide), paralelamente ao vale do Cedrom. Era chamada desse modo porque esse portão dava acesso ao tanque de Siloé, também chamado de tanque do Rei.

FORCA

No hebraico, **ets,** «árvore», «madeiro». Essa palavra hebraica ocorre por trezentas e vinte e uma vezes no Antigo Testamento; mas, por oito vezes, aparece no livro de Ester com o sentido de «forca». Ver Est. 5:1,4; 6:4; 7:9,10; 8:7; 9:13,25. E somente no livro de Ester a palavra em pauta tem esse sentido.

Hamã, inimigo dos judeus, homem dotado de grande autoridade diante do monarca persa, havia mandado preparar uma forca, na esperança de poder enforcar nela Mordecai, primo e pai de criação de Ester. Mas Deus fez as coisas correrem de tal modo que Hamã foi quem terminou sendo enforcado no seu próprio instrumento de execução capital. E Mordecai foi livrado da morte. Os eruditos não conseguem concordar entre si quanto à natureza exata desse instrumento de execução. A razão principal é que o termo hebraico é genérico, indicando «árvore», «madeiro». Em segundo lugar, a execução por enforcamento não era uma forma usual de execução na Pérsia, onde tiveram lugar os eventos historiados no livro de Ester. Parece melhor, em terceiro lugar, pensarmos em um «poste» ou «estaca», como tradução da palavra envolvida no livro de Ester. Isso indicaria a empalação (vide em *Crimes e Castigos*). Contudo, no Antigo e no Novo Testamentos encontramos casos de verdadeiro enforcamento, como o de Aitofel, em II Sam. 17:23, e o de Judas Iscariotes, em Mat. 27:5.

FORJAR

Esse verbo aparece em Salmos 119:69, dentro da frase «Os soberbos têm forjado mentiras contra mim...» Esse uso do verbo «forjar» está de acordo com a maneira de dizer em português. No entanto, no original hebraico o verbo usado significa outra coisa. Ali o verbo é *taphal,* «costurar». Na verdade, o verbo hebraico é usado por mais duas vezes, em Jó 13:4 e 14:17. Nossa versão portuguesa diz, na segunda dessas passagens: «...e terias encoberto as minhas iniqüidades», quando a idéia é antes de costurar essas iniqüidades, como que dentro de um saco, referido na primeira metade desse versículo. E, na primeira dessas passagens, diz a nossa versão portuguesa: «Vós, porém, besuntais a verdade com mentiras...» quando a idéia é que os acusados costuravam verdades juntamente com mentiras.

Quanto à idéia de forjar, ver o artigo geral sobre *Metal, Metalurgia.* Ver também sobre *Artes e Ofícios.*

FORMA DE ÍDOLO

No hebraico, **semel,** uma palavra que aparece por cinco vezes no Antigo Testamento. Tem o sentido de «similitude», «semelhança», «figura». A expressão toda, «forma de ídolo», aparece em nossa versão portuguesa em Deu. 4:16: «...para que não vos corrompais, e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher...» Ver também II Crô. 33:7,15 e Eze. 8:3,5.

Um ídolo sempre é esculpido ou moldado segundo a semelhança de alguma coisa, como uma figura humana, um animal ou algum ente imaginário. Pode estar em pauta qualquer imagem fundida ou esculpida.

FORMIGA

A palavra hebraica significa **rastejante.** Ocorre em Pro. 6:6 e 30:25. Pertence à família *Himenóptera* (que significa asas membranosas), da qual há mais de mil espécies. As formigas aladas são o elo sexual da espécie, as demais são operárias e soldados assexuados, formando a esmagadora maioria. As formigas vivem em colônias de poucas dúzias até aos milhões. Algumas são vegetarianas, outras, carnívoras. Algumas vivem em árvores, e outras, em formigueiros, escavados no solo. Algumas vivem independentes dos homens, mas outras são pestes domésticas.

Uso metafórico. Ver Pro. 6:6-8 e 30:35. O texto sugere a saúva, embora muitas espécies ajuntem seu mantimento durante o verão. Estão em foco previsão e prudência, paralelamente ao trabalho árduo, características essas que os homens fariam bem em imitar. Devemos fazer nosso trabalho com sabedoria aproveitando as oportunidades, ou criando oportunidades para nosso bem-estar. A saúva, durante a primavera e o começo do verão, coleta sementes provindas de uma vasta área, as quais são levadas ao formigueiro. Os talos são tirados e levados para fora do formigueiro, o que torna a entrada do formigueiro conspícua. O trabalho árduo e a previsão envolvidos na operação provêem a base de uma lição moral. O trecho de Pro. 30:25 aponta para a debilidade física das formigas; mas, a despeito disso, mostram que são diligentes.

Fatos concernentes às formigas: 1. Ajuntam vastas quantidades de grãos em seus formigueiros. 2. Localizam seus formigueiros *perto* de boas áreas de suprimento. 3. Comem suas provisões recolhidas durante os meses frios. 4. Encorajam certos outros insetos a recolherem e armazenarem os ovos das formigas, juntamente com seus próprios ovos, havendo nisso um fator adicional para a sobrevivência da espécie. Lições morais podem ser extraídas de cada um desses fatores. (FA S UN Z)

FORMOSA, PORTA (Ver **Porta Formosa**)

FORNALHA

Neste verbete devemos levar em conta cinco palavras hebraicas e uma palavra grega, a saber:

1. *Attun,* «fornalha», «forno». Palavra aramaica que aparece por dez vezes, sempre no terceiro capítulo do livro de Daniel (vs. 6,11,15,17,19-23,26). Trata-se de um forno grande, com abertura no alto, usado para moldar coisas (Dan. 3:22,23). Ao nível do chão havia uma porta, por onde o metal era extraído (vs. 26). Esse tipo de fornalha era usado para infligir punição capital por parte dos persas (Jer. 29:22; Osé. 7:7; II Macabeus 7:5). Esse tipo de fornalha, usualmente, tinha forma de cúpula. Quando ali era queimado algum combustível, a fumaça ascendia sob a forma de uma coluna escura; e a destruição de Sodoma e Gomorra é comparada a isso (Gên. 19:28). E quando o Senhor Deus veio ao encontro dos israelitas, no monte Sinai, houve algum tipo de manifestação que se assemelhava à fumaça de uma fornalha, que ascendia (Êxo. 19:18).

2. *Kur,* «fornalha», «cadinho». Palavra hebraica que ocorre por nove vezes: Deu. 4:20; I Reis 8:51; Pro. 17:3; 27:21; Isa. 48:10; Jer. 11:4; Eze.22:18,20,22. Essa era uma fornalha feita de pedra calcária, um forno para o fabrico de tijolos. Os hebreus conheciam o processo do refinamento, provavelmente uma técnica que aprenderam no Egito. Ver Pro. 17:3; 27:21; Eze. 22:18 *ss,* e Deu. 4:20.

3. *Tannur,* «forno». Esse vocábulo grego aparece por quinze vezes: Gên. 15:17; Nee. 3:11; 12:38; Isa. 31:9; Êxo. 8:3; Lev. 2:4; 7:9; 11:35; 26:26; Sal. 21:9; Lam. 5:10; Osé. 7:4,6,7; Mal. 4:1. Esse tipo de forno era cilíndrico, usado para propósitos domésticos, como o cozimento de pães. Era um fogão ou forno, relativamente pequeno. Ver Gên. 15:17. Também é referido, com um nome grego, em Mat. 13:42; Apo. 1:15; 9:2. Os árabes modernos continuam usando tal utensílio de cozinha.

4. *Alil,* «fornalha». Palavra hebraica usada somente por uma vez, em Sal. 12:6.

5. *Káminos,* «fornalha». Termo grego empregado por quatro vezes: Mat. 13:42,50; Apo. 1;15; 9:2.

Fundição e Refinamento. Eram usadas fornalhas a fim de fundir o minério de ferro, para fundir e refinar o ouro, a prata, o cobre, o estanho e o chumbo. Certos tipos de fornalha era usados para o fabrico de peças de cerâmica, tijolos, etc. A indústria da metalurgia estava florescendo por volta de 2000 A.C. e muitas instalações de mineração e fundição têm sido descobertas pela arqueologia, ao longo da margem da Arabah. Uma dessas instalações, bem grande, foi encontrada em Mene'iyyeh, cerca de trinta e quatro quilômetros ao norte do golfo de Ácaba. Uma outra foi encontrada em Khirbet en-Nahas, cerca de oitenta e quatro quilômetros mais ao norte. A maior de todas as minas de cobre do antigo Oriente Próximo foi descoberta em Tell el-Kheleifeh (Ezion-Geber; vide), na extremidade sul do *wadi* Arabah. Foi explorada no século X A.C., provavelmente por Salomão. Uma grande indústral desenvolveu-se em torno da exploração do cobre. Carvão vegetal era usado como combustível. Essa fundição continuava operando no século V A.C. Várias fundições têm sido encontradas na própria Palestina, entre as quais poderíamos mencio-

nar Ain Shems, Tell Jemmeh, Tell Qasile, perto da moderna cidade de Tel Aviv.

Usos Figurados:

Quase todas as referências que há na Bíblia a fornalhas são figuradas:

1. O estado de provação é comparado com o calor e o refinamento em uma fornalha (Deu. 4;20; Isa. 48:11).

2. As promessas de Deus são dignas de confiança e são puras, sem defeito ou qualquer tipo de poluição, como se fosse a prata purificada por sete vezes em uma fornalha. As promessas de Deus, pois, são como a prata pura. Ver Sal. 12:6.

3. A natureza transitória do homem e a desintegração física na qual ele naturalmente cai, por causa da idade avançada, são comparadas a dias que estão sendo consumidos na fumaça e a ossos que estão sendo queimados em uma fornalha (Sal. 102:3).

4. O juízo divino é simbolizado por uma fornalha, em Mat. 13:42 e Apo. 9:2.

5. Cristo, que virá a fim de julgar, e que é glorioso e severo em suas maneiras, assemelha-se ao metal que foi refinado em uma fornalha. O bronze refinado é um metal duro, simbolizando o poder esmagador de Cristo, quando ele tiver de tratar com os seus inimigos (Apo. 1:13,15).

FORNO

Há três palavras hebraicas e duas palavras gregas envolvidas no verbete:

1. *Kibshan,* «forno», «fornalha». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Gên. 19:28; Êxo. 9:8,10;

2. *Tannur,* «forno». Vocábulo hebraico empregado por quinze vezes. Por exemplo: Êxo. 8:3; Lev. 2:42; 6:26; Sal. 21:9; Osé. 7:4,6,7; Mal. 4:1; Gên. 15:7.

3. *Kur,* «fornalha», «crisol». Termo hebraico usado por nove vezes: Deu. 4:20; I Reis 8:51; Pro. 17:3; 27:21; Isa. 48:10; Jer. 11:4; Eze. 22:18,20,22.

4. *Káminos,* «forno». Palavra grega usada por quatro vezes: Mat. 13:42,50 e Apo. 1:15; 9:2.

5. *Klíbanos,* «forno». Palavra grega usada por duas vezes: Mat. 6:30 e Luc. 12:28.

Os fornos antigos eram usados para cozinhar, para assar, para queimar o óxido de cálcio, para fundir os minérios ou para o fabrico de peças de cerâmica. Usualmente, os fornos eram feitos de pedra calcária (ou outro tipo de rocha). Tinham forma oblonga terminando em cúpula. Nessa cúpula havia uma abertura, por onde escapava a fumaça. Uma outra abertura, existente na parte inferior do forno, permitia a inserção de combustível. Os fornos antigos produziam muita fumaça, o que explica a descrição de Sodoma e Gomorra (Gên. 19:28) e a descrição do que sucedeu no monte Sinai quando Deus veio ao encontro de Moisés (Êxo. 19:18), em cujos trechos há uma comparação com fornos.

Os fornos usados no fabrico do pão eram de formato diferente. Eram feitos mediante um buraco no solo, com cerca de sessenta centímetros de largura onde era inserido um cilindro feito de cerâmica. Esse cilindro era aquecido, e a massa era então posta em seus lados aquecidos. Ver referências a fornos dessa natureza em Êxo. 8: 1; Lev. 2:4; 7:9; 11:35 e 26:26. No trecho de Salmos 21:9 há uma ilustração figurada do julgamento e da ira de Deus, que queimam como uma fornalha ardente. Os sofrimentos experimentados pelos judeus, quando do cativeiro babilônico, são simbolizados pela figura de um forno, em Lamentações 5:10. O dia do julgamento divino é comparado a um forno, em Malaquias 4:1. Uma das torres das muralhas de Jerusalém era chamada «Torre dos Fornos» (Nee. 3:11; 12:38). O nome dessa torre devia-se ao fato de que, nas proximidades, havia fornos para o fabrico de pães e de tijolos.

O tipo de forno que, no Novo Testamento é chamado *klíbanos* (ver Mat. 6:30 e Luc. 12:28), era feito de cerâmica. Era uma jarra grande, usada para cozer o pão. Era aquecido pondo-se o combustível em seu interior. Quando já estava suficientemente quente, as brasas e cinzas eram aquecidas, e a massa era posta em seu interior. Ver os artigos separados sobre *Cozinha* e *Cozinheiro.*

FORNOS DE TIJOLOS

No hebraico, **malben**, palavra que aparece por apenas três vezes: II Sam. 12:31; Jer. 43:9 e Naum 3:14.

Entre os antigos israelitas, o modo usual de construção era fazê-las de tijolos de argila, com reforços, com a palha misturada à massa, uma técnica que eles aprenderam no Egito. Poucos tijolos queimados têm sido encontrados na Palestina. Porém, na época de Davi, provavelmente existiam fornos de tijolos, onde se fabricavam tijolos mais duros e permanentes (II Sam. 12:31). Esses fornos pareciam-se com os fornos de assar pães. Tijolos queimados, bem como fornos de tijolos, têm sido encontrados na Mesopotâmia, em grande abundância; porém, não ao longo dos rios Nilo e Jordão. As referências bíblicas a «fornos de tijolos» (no hebraico *malben),* que se vêem em trechos como II Sam. 12:31; Jer. 43:9 e Naum 3:14, conforme pensam alguns intérpretes, não se refeririam realmente a isso. Antes, seriam alusões aos *moldes* usados para fazer tijolos de argila, nada tendo a ver com fornos. Porém, a fornalha ardente de Daniel 3:6,11; 5:19-23, mui provavelmente era um forno de tijolos. Ver também Jer. 29:22. Através de uma carta babilônica, de cerca de 1800 A.C., sabemos que esses fornos de tijolos eram usados com a finalidade de punição capital. Salmos 21:9 provavelmente diz respeito a esse fato. Um forno para cozer peças de cerâmica foi encontrado em escavações feitas em Nipur, onde talvez tenham sido encontrados tijolos do tipo fabricado na Babilônia. (IB ND)

FORNOS,TORRE DOS

Essa torre é mencionada somente em Neemias 3:11 e 12:38. A expressão designa uma das torres da muralha média ou segunda, de Jerusalém, que ficava localizada no ângulo noroeste, perto da porta da Esquina. Ficava próxima da intersecção da presente rota da Via Dolorosa com a rua de Estêvão. Alguns pensam que ficava na rua dos Padeiros, mencionada em Jer. 37:21. Essa torre foi restaurada por Neemias após o exílio na Babilônia (Nee. 3:11 e 12:38). O nome dessa rua provavelmente deveu-se à circunstância de que havia fornos de padeiros, naquela área.

FORQUILHA

No hebraico, **mizreh.** Esse vocábulo hebraico ocorre somente por duas vezes em todo o Antigo Testamento: Isa. 30:24 e Jer. 15:7. Em nossa versão portuguesa, o termo hebraico é traduzido por «forquilha», em Isaías, mas por «pá», em Jeremias. Se, conforme a opinião de alguns estudiosos, está em vista a forquilha, um implemento agrícola com seis dentes usado no ato de separar o grão de cereal de sua palha, então em ambos os trechos deveríamos ter a tradução «forquilha».

Outro tanto pode ser dito em relação ao termo grego *ptúon,* que aparece somente por duas vezes no Novo Testamento, em Mat. 3:12 e em Luc. 3:17. Nossa versão portuguesa traduz esse termo grego por «pá». No entanto, as maiores autoridades filológicas do grego dizem que devemos pensar em um instrumento dotado de dentes (sem importar quantos eles fossem), que era usado para separar o grão de cereal de sua palha. Ver também sobre *Garfo.*

FORRAGEM

Ver o artigo geral sobre a **Agricultura.** Cereais e gramíneas serviam de alimentos para os animais domésticos, e a produção dos mesmos era um dos grandes empreendimentos da agricultura antiga, tanto quanto da moderna. O termo hebraico *mispo* deriva-se de uma raiz que significa «misturar», «colher» (ver Gên. 24:25, 32; 42:27; 43:24; Juí. 19:19,21; Isa. 30:24). O termo «misturado», pois, indica uma mistura de grãos e ervas, juntamente com sal e ervas aromáticas. A mistura era então posta na água, para fermentar. Uma ração

comum para os animais consistia em palha cortada misturada com cevada, trigo e outros cereais, formando uma espécie de feno. A cevada era o grão mais comumente usado na alimentação dos animais. Eram bolos feitos de feijões e cevada, com algumas tâmaras esmagadas e misturadas à massa.

FORTE, FORTIFICAÇÃO

Ver o artigo separado sobre **Cidade Cercada.**

Ficamos perplexos diante da selvageria e da brutalidade dos homens, que fazem de outros homens suas principais vítimas. Na verdade, em certo sentido a história da humanidade é a história de matanças, torturas e barbaridades. Consideremos as vastas quantias que, em nossos dias, as nações estão gastando para se armar e matar seus semelhantes. A questão inteira ilustra a grande malignidade do espírito humano, como também a que ponto caiu a espiritualidade do ser humano. Atualmente, uma das principais maneiras de entreter, na televisão, no teatro, no cinema e na rua (na vida real) é a violência. Os criminosos confessam que sentem estranhos prazeres quando ferem e matam. Pessoas civilizadas, e até mesmo supostamente espirituais, desfrutam de programas de televisão com base na violência. Tudo isso revela muito sobre a depravação do espírito humano.

Na antiguidade, toda cidade de qualquer tamanho ou qualidade dispunha de muralhas, fortificações, torres de vigia, terraplenos e portões fortificados, tudo a fim de fornecer proteção não somente de ataques possíveis, mas de ataques inevitáveis da parte de inimigos que vinham para destruir, matar e estuprar. Os grandes épicos da história humana, como a Ilíada de Homero, ou a Odisséia, são histórias grandiosas de matanças e destruições. Lamentamos quando lemos o Antigo Testamento e percebemos o quanto o povo de Israel esteve envolvido em todo esse sangrento drama, ao mesmo tempo em que eles eram chamados de *o povo de Deus*. E, em certas ocasiões, Deus foi quem os enviou para destruírem e matarem. Quando os espiões de Israel estiveram na terra de Canaã, observaram e então prestaram relatório sobre como as cidades dos cananeus eram pesadamente fortificadas e cercadas por grandes muralhas. Isso não impediu os israelitas. E, uma vez que as cidades cananéias foram conquistadas, elas foram cuidadosamente reparadas e refortificadas, porquanto uma guerra nunca põe fim às guerras. A arqueologia tem descoberto muralhas com 4,5 m. a 6 m. de espessura. E, com freqüência, as grandes cidades tinham muralhas dentro de muralhas. Na verdade, os homens temiam os homens, e com todas as boas razões. Algumas dessas muralhas tinham até seis metros de altura. Muitas daquelas muralhas eram de pedra sólida. Além disso eram escavados fossos em torno delas, algumas vezes cheios de água, a fim de dificultar ao máximo a aproximação do inimigo dessas muralhas e, muito mais, serem elas derrubadas. Porém, os homens conseguiam realizar qualquer coisa, em seu desvairado desejo de matar e saquear.

Torres eram construídas nas esquinas das muralhas, permitindo que os defensores das cidades pudessem antecipar os ataques vindos de fora (II Crô. 14:7). Fortificações eram edificadas sobre as muralhas e por dentro delas, a fim de ajudarem na defesa. Os portões sempre foram pontos de fraqueza. Os ladrões costumam observar os hábitos de uma família. Quando as portas são deixadas abertas, o que, às vezes, só acontece depois de muitos dias, eles atacam. A mesma coisa sucedia na antiguidade. A maioria das cidades contava com mais de um portão nas muralhas que circundavam a área. Esses portões precisavam ser fortificados e guardados por homens armados. Os portões geralmente eram feitos de duas folhas, recobertas de bronze para não serem atacados pelo fogo (Sal. 107:16, Isa. 45:2). E o suprimento de água de uma cidade também era um ponto vulnerável em sua defesa, pelo que tinham de ser construídos condutos subterrâneos; ou então a cidade precisava ser construída em redor de fontes de água, que não pudessem ser poluídas ou desviadas de fora dos portões.

A arqueologia muito tem feito para ilustrar o ponto, mediante suas escavações em Jericó e em outras localidades antigas. Em Jericó, o arqueólogo John Garstand localizou uma série de cidades muradas, uma acima da outra, nas cidades enumeradas A, B, C e D, que foram iniciadas em cerca de 3000 A.C. A cidade «D» foi aquela conquistada por Josué, em cerca de 1500 A.C. Ela contava com uma dupla muralha de tijolos. Primeiramente havia uma maciça muralha com 1,80 m. de espessura. Então havia uma muralha interna, com o dobro dessa espessura. As duas muralhas estavam distantes uma da outra entre três e quatro metros. Fortificações similares foram encontradas em Betel. Um elaborado sistema de fortificações protegia a cidade de Jerusalem, do tempo dos jebuseus, a qual, finalmente, foi conquistada por Davi.

Na época da monarquia, em Israel, foram construídas elaboradas fortificações pelos monarcas de Israel e de Judá, em muitos lugares. Saul fortificou Gibeá (Tell el-Ful?), um lugar cerca de seis quilômetros ao norte de Jerusalém. O local foi escavado em 1922-1923, por W.F. Albright. Tinha pelo menos duas muralhas e uma ladeira artificial, que dificultava muito a aproximação do inimigo. Também contava com moles de pedra, e uma grande escadaria de pedra, pela qual o inimigo precisava subir, tornando-se alvo fácil para os defensores da cidade.

Construções Egípcias. Os egípcios construíam grandes muralhas, torres e portões, o que tem sido amplamente ilustrado pelas descobertas arqueológicas, pelas pinturas tumulares, etc. Povos ainda mais antigos simplesmente amontoavam pedras, escavavam trincheiras e construíam torres, no esforço da defesa. Mais tarde, entretanto, a construção de muralhas passou a ser feita com grande técnica, mediante o uso de pedras e tijolos. Muitas trincheiras foram escavadas e, afinal, se mostraram inúteis como defesa.

Métodos de Ataque. Com tanta preparação defensiva, como poderia um inimigo atacar e conquistar com sucesso uma cidade? Antes de tudo, os fossos eram atulhados, ou então eram transpostos por pontes toscas. Grandes aterros eram feitos, para que os soldados pudessem subir até o alto das muralhas porquanto algumas delas eram tão grossas que simplesmente não podiam ser derrubadas. Torres móveis de madeira também eram feitas, para poupar tempo no ataque. Aríetes podiam abrir brechas em muralhas que não fossem espessas demais, ou que não fossem bem construídas. Uma vez que se fizesse uma brecha em uma muralha, ela perdia todo o seu valor como defesa. Os homens que operavam as máquinas para derrubar as muralhas eram protegidos por outros soldados, que procuravam conter os defensores das muralhas. Naturalmente, muitas vidas perdiam-se em ambos os lados da refrega, mas muitas perdas de vida não conseguem estacar a loucura dos homens.

Há poucas décadas atrás, um ditador russo disse ao presidente Kennedy, dos Estados Unidos da América, que a perda de alguns milhões de vidas russas não era um preço demasiadamente grande para pagar pelo triunfo do comunismo. Os homens não regenerados sempre deram bem pouco valor à vida humana.

Mas, voltando aos métodos de ataque contra as antigas cidades muradas, escadas eram usadas para escalar muralhas acima, com pesadas perdas de vidas. Eram desfechados ataques em vários pontos (e portões) ao mesmo tempo, a fim de enfraquecer a resistência dos defensores, encerrados dentro das muralhas. Catapultas eram capazes de lançar grandes pedras para dentro dos muros, matando assim muitos. Tochas acesas eram lançadas para dentro da cidade. Chuvas de flechas e dardos crivavam as casas e as ruas das cidades sitiadas. Os habitantes de algumas cidades cercadas padeciam muita fome e necessidade, pois as tropas não permitiam a saída e a entrada de quem quer que fosse. Esse método de sujeição pela fome era empregado quando as cidades eram fortes demais para serem subjugadas de outra maneira. Também eram cortados os suprimentos de água potável. A cidade de Samaria conseguiu resistir aos assírios durante dois anos, mas a combinação de vários métodos, finalmente, a derrotou.

O Terror que Então Tinha Lugar. Uma vez que uma cidade fosse capturada, então havia incêndios, matanças, saques e violências sexuais. A história descreve como as forças de Nabucodonosor obliteraram muitas cidades da Judéia, incluindo a própria Jerusalém. Tudo isso contribuía para que as pessoas se tornassem muito religiosas, pois somente a alma entregue à proteção da divindade pode sentir-se segura em circunstâncias assim. No começo da era cristã, Tito imitou Nabucodonosor muito bem, destruindo a cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C. No entanto, ele poupou cidades menores da Judéia.

Usos Metafóricos:

1. Um juiz ou soberano postava-se no portão principal da cidade a fim de ouvir as queixas ou resolver problemas do povo. Portanto «sentar-se ao portão» era brandir o poder e a autoridade.

2. Deus é uma fortaleza para aqueles que estão em necessidade, para quem eles podem fugir em momentos de perigo (Sal. 18:2; Naum 1:7).

3. Perder a própria fortaleza é perder poder ou autoridade, e entrar em período de debilidade (Isa. 17:3).

4. Derrubar uma fortaleza é derrotar e humilhar (Isa. 25:12).

5. A defesa de um homem bom está nas rochas dos montes, e isso refere-se à proteção divina (Isa. 33:16).

6. Deus serve de torre e fortaleza entre o seu povo, garantindo assim a proteção deles (Jer. 6:27). Diz o trecho de Sal. 91:1,2: «O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente, diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio».

FRALDAS

No hebraico, **shul**, palavra que aparece por onze vezes nas páginas do Antigo Testamento, como em Jer. 13:22,26; Lam. 1:9; Naum 3:5. Aparentemente a fralda era uma peça de pano que cobria a parte inferior do corpo e a sua remoção importava em opróbrio.

FREIOS DOS CAVALOS

Nem no Antigo Testamento hebraico e nem no Novo Testamento grego encontramos palavras que correspondam ao termo português «freio», quando pensamos em cavalos. As palavras hebraica e grega (respectivamente, *metheg* e *chalinós*) indicam o conjunto inteiro de arreios, para controlar a posição da cabeça desses animais de montaria. O termo hebraico é usado por quatro vezes (Sal. 32:9; II Reis 10:28; Pro. 26:3 e Isa. 37:29). O termo grego é usado por duas vezes apenas (Tia. 3:3 e Apo. 14:20). Nossa versão portuguesa usa a palavra «freios» em ambas essas passagens.

Os romanos chamavam de *frenum lupatum* a um freio dentado, que podia infligir dor em um cavalo relutante. O museu Arqueológico Jordaniamo exibe um freio de origem síria, pertencente ao segundo milênio A.C., com argolas munidas com espigões, voltados pra dentro em cada extremidade, a fim de aguilhoar a boca do cavalo pelo lado de fora. Para efeito de comparação, ali é igualmente exibido um freio com junta, de fabricação antiga, mas parecido com os de fabricação moderna. Em muitos casos, em vez de freios, usava-se uma corda passada pelo nariz do cavalo, método esse também usado nos casos do camelo e da mula.

Usos Metafóricos. 1. Na epístola de Tiago (3:2 e contexto) a idéia é que a língua, apesar de ser um membro tão pequeno, à semelhança dos freios dos cavalos, é dotada de poderes que não condizem com seu reduzido tamanho. 2. Em Apocalipse 14:20 a idéia é a da vastidão da matança, quando da batalha de Armagedom. O sangue se juntará até a altura geral das bocas dos cavalos, por uma extensão de cerca de duzentos quilômetros ao redor! Talvez haja um exagero tipicamente oriental, para efeito de ênfase. 3. O trecho de II Samuel 8:1 encerra um nome próprio, no original hebraico, *Metheg-ammah*, que incorpora a palavra hebraica que significa «arreios». Nossa versão portuguesa prefere traduzi-lo por «rédeas da metrópole». O nome talvez indicasse o poder de restrição que a cidade exercia sobre as regiões circunvizinhas e, talvez, sobre seus próprios cidadãos, (G IB NTI Z)

FRESSURA

Vem de um termo hebraico, **gereb**, que significa «dentro», «interno», indicando as vísceras de algum animal. Era palavra usada para indicar as partes internas do cordeiro pascal (Êxo. 12:9) ou de outros animais sacrificados nos holocaustos. Leis elaboradas governavam a maneira de preparar e usar as várias porções internas dos animais.

FRIGIDEIRA

No hebraico, **marchesheth**, um vocábulo que aparece por somente duas vezes, no livro de Levítico (2:7,9). A frigideira era um vazo fundo, usado para cozinhar alimentos. Provavelmente era uma chaleira, embora verdadeiras frigideiras também fossem usadas. Seja como for, a referência bíblica ao utensílio deve indicar alguma espécie de chaleira ou caldeirão, onde se punham carnes para cozinhar. Provavelmente era um utensílio mais fundo que a «assadeira» (no hebraico, *machabath*; Lev. 2:5), usado para cozer pães. Ver o artigo geral sobre *Cozinhar, Cozinheiro.*

FRUTO

Uma palavra hebraica principal é usada no Antigo Testamento, e uma palavra grega principal é usada no Novo Testamento. Mas há várias outras palavras hebraicas e uma palavra grega, com esse mesmo sentido, ou com idéia paralela:

1. *Peri,* «fruto», palavra hebraica usada por cerca de cento e quinze vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 1:11,12; 3:2; Êxo. 10:15; Lev. 19:23-25; Núm. 13:20; Deu. 1:25; II Reis 19:29,30; Nee. 9:36, Sal. 1:3; Pro. 1:31; Ecl. 2:5; Can. 2:3; Isa. 3:10; Jer. 2:7 Lam. 2:20; Eze. 17:8,9; Osé. 9:16; Joel 2:22; Amós 2:9; Miq. 6:7; Zac. 8:12; Mal. 3:11.

2. *Eb,* «fruto», palavra hebraica e aramaica, usada por quatro vezes: Can. 6:11; Dan. 4:12,14,21.

3. *Yebul,* «aumento», palavra hebraica usada por treze vezes, das quais três com o claro sentido de «fruto»: Deu. 11:17; Hab. 3:17; Ageu 1:10.

4. *Lechem,* «pão», «fruto». Com o sentido de fruto aparece de forma clara por uma vez, em Jer. 11:19.

5. *Meleah,* «plenitude», «fruto». Palavra hebraica usada por duas vezes: Deu. 22:9 e Núm. 18:27.

6. *Nib,* «declaração». Com o sentido metafórico de «fruto dos lábios», aparece por uma vez, em Mal. 1:12.

7. *Tebuah,* «renda», «fruto». Palavra hebraica empregada por quarenta e duas vezes, conforme se vê por exemplo, em Êxo. 23:10; 25:3,15,16,21,22; Deu. 22:9; 33:14; Jos. 5:12; II Reis 8:6; Pro. 10:16.

8. *Tenubah,* «aumento», «fruto». Palavra hebraica usada por três vezes com o sentido de «fruto»: Juí. 9:11; Isa. 27:6; Lam. 4:9.

9. *Karpós,* «fruto», palavra grega que ocorre por sessenta e quatro vezes no Novo Testamento: Mat. 3:8,10; 7:16-20; 12:33; 13:8,26; 21:19,34,41,43; Mar. 4:7,8,29; 11:14; 12:2; Luc. 1:12; 3:8,9; 6:43,44 8:8; 12:17; 13:6,7,9; 20:10; João 4:36; 12:24; 15.2,4,5,8,16; Atos 2:30; Rom. 1:13; 6:21,22; 15;28; I Cor. 9:7; Gál. 5:22; Efé. 5:9; Fil. 1:11,22; 4:17; II Tim. 2:6, Heb. 12:11; 13:15; Tia. 3:17,18; 5:7,18; Apo. 22:2.

10. *Génnema,* «produção», «fruto». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mat. 3:7; 12:34; 23:33; Luc. 3:7.

Além dessas palavras gerais, havia termos especializados no hebraico, conforme se vê na lista abaixo:

1. *Qayits,* «fruto de verão», «primícias». Palavra usada por vinte vezes, segundo se vê, por exemplo, em Gên. 8:22; II Sam. 16:1,2; Sal. 32:4; Pro. 6:8; Isa. 16:9; Jer. 8:20; 48:32; Amós 3:15; 8:1,2; Miq. 7:1; Zac. 14:8.

2. *Dagan,* «trigo», palavra usada para indicar o produto do cultivo agrícola. Estão em foco os cereais em geral, como o trigo, a cevada, as lentilhas, etc., ou então fibras e outros plantios, como o linho,

o algodão, a pimenta, o pimentão, e até mesmo, segundo pensam alguns estudiosos, o arroz. O termo aparece por trinta e nove vezes, conforme se vê, para exemplificar, em Gên. 27:28,37; Núm. 18:27, Deu. 7:13; 11:14; II Reis 18:32; II Crô. 31:5, Nee. 5:2,3,10,11; Sal. 4:7; Isa. 36:17; Lam. 2:12; Eze. 36:29; Osé. 2:8,9,22; Joel 1:10,17; 2:19; Ageu 1:11; Zac. 9:17.

3. *Tirosh* «fruto da vinha», mas também palavra usada para indicar as uvas secas. A palavra é usada por trinta e oito vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 27:28,37; Núm. 18:12; Deu. 7:13; 11:14; 12:17; Juí. 9:13; II Reis 18:32; II Crô. 31:5; Nee. 5:11; 10:37,39; Sal. 4:7; Pro. 3:10; Isa. 24:7; 36:17; Jer. 31:12; Osé. 2:8,9,22; 4:11; Joel 1:10; Miq. 6:15; Ageu 1:11; Zac. 9:17. As uvas eram secas ao sol e preservadas em quantidade considerável (I Sam. 25:18; II Sam. 16:1; I Crô. 12:40; Osé. 3:1). As azeitonas eram consumidas ao natural, ou então eram espremidas para produção do azeite (Miq. 6:15).

4. *Yitshar,* «azeite». Essa palavra hebraica também indicava frutos produzidos em pomar, como as tâmaras, as azeitonas, as romãs, as castanhas, etc., referindo-se àqueles frutos que podiam ser preservados para serem consumidos durante os meses quentes, em contraste com aqueles mencionados no primeiro ponto, *qayits*. A raiz da palavra *yitshar* significa «brilhante», «resplendente». É usada por vinte e duas vezes: Núm. 18:12; Deu. 7:13; 11:14; 12:17; 14:23; 18:4; 28:51; II Reis 18:32; II Crô. 31:5; 32:28; Nee. 5:11; 10:37,39; 13:5,12; Jer. 31:12; Osé. 2:8,22; Joel 1:10; 2:19,24; Ageu 1:11.

Preceitos Mosaicos sobre os Frutos. As árvores frutíferas eram consideradas imundas por três anos após o seu plantio. A produção do quarto ano pertencia ao Senhor. Somente do quinto ano em diante seus frutos podiam ser livremente consumidos pela população em geral. Isso impedia a colheita prematura e também a destruição das menores, além de relembrar aos israelitas (no quarto ano após o plantio) que Deus é a origem de todos os frutos e benefícios colhidos pelos homens. Ver Deu. 20:19,20.

Variedade de Frutos. O clima diversificado da Palestina, devido aos desníveis topográficos, naturalmente permitia a produção de grande variedade de frutos. Os frutos mais comuns eram a banana, a laranja e outras frutas cítricas, as tâmaras, as rosáceas em geral, o dióspiro, a jujuba, as uvas, os figos, as azeitonas, as romãs, as amoras pretas, vários tipos de melão, o feijão, as amêndoas e as ameixas. As laranjas são ali produzidas por nada menos de seis meses a cada ano, e as uvas, quase por esse período. Os frutos plantados em jardim podem ser colhidos quase durante todos os meses do ano.

Usos Metafóricos:

1. **O Fruto do Espírito**, ou seja, virtudes e qualidades morais e espirituais, cultivadas pelo Espírito de Deus na personalidade do crente. Ver Gál. 5:22,23. Há um longo e detalhado artigo sobre o assunto, sob o título *Fruto do Espírito.*

2. As *promessas messiânicas.* Cristo é o fruto da terra (ver Isa. 4:2).

3. Os *doze frutos* referidos em Apo. 22:2 referem-se à abundância e prosperidade que haverá no estado eterno, especificamente no caso das riquezas espirituais. Alguns aceitam a menção de forma literal, mas dificilmente isso concorda com a realidade futura. Esses frutos haverão de restaurar, no sentido espiritual, o perdido jardim do Éden.

4. *Os frutos do evangelho* são os próprios homens, quando se convertem do pecado e do paganismo; e também apontam para as obras que, subseqüentemente, eles chegam a produzir (ver Col. 1:6; Rom. 1:13).

5. Os *santos* são frutos recolhidos (ver Isa. 27:6; João 4:36) e produzem frutos de justiça (ver Mat. 7:18; 12:33; Gál. 5:22-24; Pro. 11:30; Fil. 1:11 e Tia. 3:18).

6. *Os filhos* são o fruto do ventre (ver Êxo. 21:22; Sal. 21:10; Osé. 9:16; Gên. 30:2; Deu. 7:13). Os filhos também são chamados frutos dos rins referindo-se aos poderes reprodutivos do homem (Atos 2:30). Também são chamados frutos do corpo (ver Sal. 132:11; Miq. 6:7).

7. O *fruto do procedimento,* bom ou mau, é o resultado dos atos de cada indivíduo (ver Pro. 1:31; Isa. 3:10; Jer. 6:19).

8. *O fruto das próprias mãos* é o lucro, o ganho, ou a jactância (ver Isa. 10:12).

9. *O fruto da boca* são as palavras boas ou más de uma pessoa (ver Pro. 12:14; 18:20; Heb. 13:15).

10. Os *frutos bons* são as boas obras (Fil. 1:11) incluindo as contribuições caridosas (Rom. 15:28).

11. *Os frutos do arrependimento* são as evidências de que a pessoa se converteu ao Senhor (Mat. 3:8).

12. *O fruto dos ímpios* são as suas más obras (Mat. 7: 16).

13. O *fruto para a morte* são as coisas malignas, que promovem a morte espiritual (Rom. 7:5,13; Tia. 1:15).

14. As *obras infrutuosas das trevas* são as obras más que os homens praticam, mediante as quais demonstram que pertencem ao reino das trevas; e essas obras, ao final, produzem malefícios para seus praticantes, em vez de benefícios (ver Efé. 5:11). Do ponto de vista espiritual, as obras de tais pessoas são infrutíferas, ou seja, não produzem bons resultados espirituais.

15. *O fruto produzido no devido tempo* consiste na prosperidade, material e espiritual (Pro. 1:3; Jer. 17:8).

16. *Símbolos nos Sonhos e nas Visões.* O fruto simboliza a realização do indivíduo, o «produto» de seus labores, materiais ou espirituais, os benefícios que ele recolhe de seus atos. O ato de florescer indica que alguém está prestes a realizar o seu potencial. Após a inflorescência vem o próprio fruto. Um fruto de formato alongado pode ser um símbolo fálico. Uma fruta pode representar a reprodução, em sentido literal. Os figos, as peras e outras frutas de formato similar podem representar os órgãos externos femininos. A maçã pode simbolizar a tentação. O ato de furtar maçãs pode indicar o desejo ou mesmo o ato de seduzir. O melão pode simbolizar a gravidez.

FUMAÇA

No hebraico há quatro palavras envolvidas e, no grego, uma, a saber:

1. *Keheh,* «fraco», «débil». Essa palavra ocorre somente em Isa. 42:3, onde a nossa versão portuguesa diz: «...nem apagará a torcida que fumega...»

2. *Ashan,* «fumaça». Palavra hebraica que aparece por vinte e cinco vezes, conforme se vê em Gên. 15: 17; Êxo. 19:18; Jos. 8:20,21; Juí. 20:38,40; II Sam. 5:4; 9:18; Osé. 13:3; Joel 2:30; Naum 2:13.

3. *Ashan,* «esfumaçar». Palavra hebraica que aparece somente por duas vezes: Êxo. 20:18; Isa. 7:4.

4. *Qitor,* «vapor», «fumo». Vocábulo hebraico que ocorre por quatro vezes: Gên. 19:28; Sal. 119:83; Sal. 48:8.

5. *Kapnós,* «fumaça». Palavra grega que é usada por treze vezes: Atos 2:19 (citando Joel l3:3); Apo. 8:4; 9:2,3,17,18; 14:11; 15:8; 18:9,18 e 19:3.

A idéia de fumaça é usada de quatro maneiras diferentes nas páginas da Bíblia Sagrada, a saber:

1. Um símbolo visível da presença invisível de Deus em uma de suas manifestações divinas. No caso do pacto estabelecido entre Deus e Abraão, enquanto este dormia, viu «...um fogareiro fumegante, e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços» (Gên. 15:17). Quando Moisés encontrou-se com Deus, no monte Sinai, «todo o monte Sinai fumegava» (Êxo. 19:18). Uma vez terminado, o templo de Jerusalém ficou cheio de fumaça, quando Isaías contemplou o Senhor em visão (Isa. 6:4) e então esse profeta predisse como segue: «Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião e sobre todas as suas assembléias uma nuvem de dia e fumo e resplendor de fogo chamejante de noite...» (Isaías 4:5). No livro de Apocalipse, a visão de João sobre a tenda do testemunho no céu mostra-nos que

«o santuário se encheu de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário» (Apo. 15:8). Embora não seja explicitamente afirmado, podemos supor que as referências às automanifestações divinas, em passagens como Êxodo 3:2; 13:21; Núm. 10:34 e 14:14, incluem também a presença de fumaça.

2. O fogo simbólico da ira de Deus é acompanhado por fumaça, segundo se lê em Salmos 18:8: «Das suas narinas subiu fumaça e fogo devorador, da sua boca saíram brasas ardentes». Cf. Jó 41:20. Moisés advertiu contra a idolatria, dizendo: «O Senhor não lhe quererá perdoar; antes fumegará a ira e o seu zelo sobre o tal homem, e toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele...» (Deu. 29:20). E o salmista clamou: «Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto? (Sal. 74:1).

3. A fumaça dos sacrifícios e do incenso queimado é mencionada em trechos como Ezequiel 8:11 e Salmos 66:15. O vidente João viu a fumaça do incenso elevando-se até os céus. «...e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos» (Apo. 8:4).

4. A fumaça também representa aquilo que é transitório, passageiro. Por exemplo, os inimigos (Sal. 37:20;68:2); os idólatras (Osé. 13:3); os dias (Sal. 102:3); e os céus (Isa. 51:6). Ver também sobre o Incenso.

FUNDAMENTO

Ver os artigos separados sobre *Fundamento da Igreja, Cristo como; Fundamento da Igreja, Pedro como* e *Fundamento dos Apóstolos e Profetas.*

Esboço:

I. As Palavras Envolvidas
II. No Antigo Testamento
III. No Novo Testamento
IV. Usos Metafóricos

I. As Palavras Envolvidas

Há sete palavras hebraicas envolvidas, e duas gregas, a saber:

1. *Yasad,* «fundar», «fundamento». Essa palavra aparece por trinta e uma vezes com esse significado como, por exemplo, em Êxo. 9:18; I Reis 7:10; II Crô. 31:7; Jó 38:4; Sal. 102.:25; Isa. 48:13; Jos. 6:26; I Reis 5:17; Esd. 3:10; Zac. 4:9. Há duas formas variantes: *Yesod,* «fundamento», «fundo», usada por treze vezes, conforme se vê, por exemplo, em II Crô. 23:5; Jó 4:19; 22:16; Sal. 137:7; Pro. 10:25; Lam. 4:11, Eze. 13:14; 30:4; Miq. 1:6; Hab. 3:13. *Yesudah,* «fundamento», palavra que ocorre apenas uma vez, em Sal. 87:1.

2. *Musad,* «alicerce», «fundamento». Esse termo hebraico figura por duas vezes: II Crô. 8:16 e Isa. 28:16. Há uma variante, *musadah,* que aparece uma só vez, com o mesmo sentido: Eze. 41:8.

3. *Makon,* «base», «alicerce», «habitação», e que ocorre apenas uma vez, com o sentido de «fundamento»: Sal. 104:5.

4. *Shath,* «príncipe», «coluna», «fundamento», e que aparece uma única vez, com o sentido de «fundamento»: Sal. 11:3.

5. *Oshyoth,* «fundamentos». Palavra que aparece apenas uma vez: Jer. 50:15.

6. *Ushshin,* «fundamentos». Esse termo ocorre por três vezes, e é de origem aramaica: Esd. 4:12; 5:16; 6:3.

7. *Mosadoth,* «fundamentos», «alicerces». Palavra hebraica que é usada por treze vezes: Deut. 32:22; II Sam. 22:8,16; Sal. 18:7,15; 82:5; Pro. 8:29; Isa. 25:18; 40:21; 58:12; Jer. 31:37; Miq. 6:2.

8. *Katabolé,* «alicerce», «fundamento». Vocábulo hebraico que figura por onze vezes: Mat. 13:35 (citando Sal. 78:2); 25:34 Luc. 11:50; João 17:24; Efé. 1:4; Heb. 4:3; 9:26; 1:11; I Ped. 1:20; Apo. 13:8 e 17:8.

9. *Themélios, «alicerce»,* «pedra de alicerce», que aparece por dezesseis vezes: Luc. 6:48,49; 14:29; Atos 16:26; Rom. 15:20; I Cor. 3:10-12; Efé. 2:20; I Tim. 6:19; II Tim. 2:19; Heb. 6:1; 11:10, Apo. 21:14,19. O verbo correspondente, *themelióo,* «fundar», «alicerçar», ocorre por seis vezes: Mat. 7:25; Luc. 6:48; Efé. 3:18; Col. 1:23; Heb. 1:10 (citando Sal. 102:26) e I Ped. 5:10.

Algumas dessas palavras hebraicas e as duas palavras gregas são usadas na Bíblia tanto em sentido literal quanto em sentido figurado.

Desde os tempos mais antigos, os construtores reconheceram a necessidade de alicerces firmes para suas construções.

II. No Antigo Testamento

O termo hebraico **yasad**, «fixar», fundamentar» «alicerçar» é usado nas Escrituras para indicar todo tipo de alicerce, como do altar (Êxo. 29:12), da terra (Sal. 24:2; Isa. 24:18), de edifícios (Jer. 50:15), do mundo habitado (Sal. 18:15), da cúpula dos céus (Amós 9:6), de Israel (Isa. 44:11), de Sião (Isa. 14:32), dos justos (Pro. 10:25) e do templo de Salomão (I Reis 5:17). Portanto, estão em foco, no uso dessa palavra, tanto alicerces literais quanto metafóricos.

Às vezes, um edifício era levantado sobre alguma superfície natural sólida, como uma rocha. Ou então pedras eram postas à superfície, com o propósito de servirem de alicerce. Porém, um alicerce verdadeiro era «assentado», isto é, posto sobre escavações feitas na terra (Isa. 28:16). Um alicerce era essencial para a durabilidade e fortaleza de uma parede ou muralha (Jer. 50:15). Os alicerces do templo de Salomão tinham as dimensões de quatro por cinco metros utilizando blocos de pedra cuidadosamente talhados, conforme se aprende em I Reis 5:17, 6:37 e I Crô 22:2. Os alicerces do segundo templo foram feitos em dois estágios. Primeiramente, nos dias de Ciro, rei da Pérsia, foi levantada uma muralha de retenção, para formar uma plataforma nivelada. Então o rei Dario permitiu que se enchesse de terra o lugar, como um terraço (Esd. 6:3). E, sobre o mesmo, foi lançado um outro alicerce (Esd. 3:10 e Zac. 4:9).

Nos países gentílicos antigos, havia uma prática de consagração dos alicerces de edifícios importantes com algum sacrifício humano, chamado de «pacto do limiar». Mas os arqueólogos, apesar de terem encontrado muitos esqueletos nessas edificações de povos gentílicos, nunca encontraram coisa similar nas construções dos israelitas. O trecho de I Reis 16:34, talvez, tenha em vista esse tão bárbaro costume, quando assevera que Hiel, o betelita (vide), edificou Jericó, e «morreu-lhe Abirão, seu primogênito», e então, que «quando lhe pôs as portas, morreu Segube, seu último filho, segundo a palavra do Senhor que falara por intermédio de Josué, filho de Num».

III. No Novo Testamento

Por nada menos de dez vezes a palavra grega *katabolé* é empregada no Novo Testamento para indicar os fundamentos do mundo. Como exemplos disso, ver Mat. 13:35 e Luc. 11:50. O vocábulo grego *themélios* (algo lançado) aparece por dezesseis vezes, usualmente em sentido figurado. Como exemplos disso, ver o fundamento que um homem usa para sobre o mesmo edificar a sua vida (Luc. 6:58), e também Cristo como o fundamento de sua Igreja (I Cor. 3:11). Cristo também é a principal pedra de esquina, ao mesmo tempo em que, de acordo com essa outra metáfora, os apóstolos são pedras que fazem parte do alicerce (Efé. 2:20 e Apo. 21:14,19). Não há nisso qualquer contradição, porquanto Cristo é o único fundamento no tocante à salvação, mas os profetas e apóstolos fazem parte do alicerce sobre o qual a Igreja cristã está sendo erigida. Os judeus costumavam afirmar a mesma coisa acerca dos patriarcas israelitas, que serviram de alicerces da nação judaica. Outros usos neotestamentários da idéia de fundamento podem ser vistos na lista de usos metafóricos da palavra, logo abaixo.

IV. Usos Metafóricos

1. Fundamentos com o sentido de origem (ver Jó 4:19). O homem reside em uma casa de barro e a sua origem encontra-se no pé. Esse conceito tem paralelo na narrativa de Gên. 2:7 e 3:19.

2. Fundamento com o sentido de *começo,* como os fundamentos do mundo (ver Mat. 13:35; 25:34).

3. O M4essias é o fundamento lançado em Sião (Isa. 28:16; I Cor. 3:11).

4. Os apóstolos e profetas do Novo Testamento fazem parte do alicerce da Igreja de Cristo (Efé. 2: 20).

5. Pedro, juntamente com os demais apóstolos (Mat. 16:18 e 18:15-18), faz parte do alicerce da Igreja, como uma construção histórica, mas não no tocante à questão da salvação, que depende exclusivamente de Cristo.

6. Jesus Cristo é o único fundamento da Igreja, no tocante àquele sobre quem construímos e em quem alicerçamos a nossa expectativa de salvação (I Cor. 3:11).

7. A fé cristã é o alicerce de nossa vida (II Tim. 2:19). Ver o trecho de Provérbios 10:25, que exprime idéia similar.

8. O homem sábio constrói sobre um alicerce de sabedoria e realização espirituais, evitando as areias das vicissitudes humanas, das falsas doutrinas, etc. (Luc. 6:48).

9. A cidade de Deus (composta por todos os remidos no sangue de Cristo) está alicerçada sobre a verdade e sobre o poder de Deus (Heb. 11:10).

10. Há alicerces sobre os quais se apóiam os pilares do céu, visto como montanhas, sobre os quais repousa a abóbada do firmamento (II Sam. 22:8). Alguns consideram poético esse tipo de linguagem, mas os antigos hebreus aparentemente acreditavam nessas coisas de maneira literal. Isso é amplamente ilustrado no artigo sobre a *Astronomia,* nesta enciclopédia.

FUNDAMENTO, PORTA DO

A passagem de II Crônicas 23:5 é a única onde esse portão de Jerusalém é denominado dessa maneira, fazendo-o em conexão com a execução da usurpadora Atalia (II Crô. 23:1-15). Também esse portão é chamado de «portão Sur» (vide), em II Reis 11:6. A Septuaginta, entretanto, chama-o de «portão dos caminhos». Alguns eruditos supõem que se trata da mesma «entrada dos cavalos» (II Crô. 23:15), que mui provavelmente era uma conexão entre o palácio real e o templo de Jerusalém. A tradição judaica afiança-nos que essa porta era chamada «do fundamento» porque ali é que os alicerces do santuário foram lançados pela primeira vez. Os judeus chamavam esse portão da cidade por nada menos de cinco designações diferentes.

FUNDIÇÃO

Ver sobre **Metais e Metalurgia.**

FUNERAIS

Ver o artigo sobre **Sepultamento, Costumes de.**

FURTO

Ver sobre **Crimes e Punições.**

No hebraico, *ganab,* «furtar», vocábulo que ocorre por trinta e nove vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 30:33; 31:19,20,26,27,30,32,39; 44:8; Êxo. 20:15; Lev. 19:11; Deu. 5:19; 24:7 Jos. 7:11; II Sam. 19:41; II Reis 11:2; II Crô. 21:11; Jó 27:20; Pro. 6:30; 9:17; Jer. 7:9, 23:30, Osé. 4:2; Oba. 5; Zac. 5:3. No grego temos a palavra *klépto,* «furtar», usada por onze vezes: Mat. 6:19,20; 19:18 (citando Exo. 20:13,15); 27:64; 28:13; Mar. 10:19; Luc. 18:20; João 10:10; Rom. 2:21; 13:9 (citando Êxo. 20:14,15); Efé. 4:28.

Furtar é um dos pecados humanos mais comuns. Algumas vezes os homens furtam por autêntica necessidade; mas, na maioria das vezes, furtam por motivo de sua preguiça, ou porque gostam mesmo de furtar, devido a uma atitude mental distorcida. Há pessoas que furtam quando não têm necessidade disso, porquanto querem enriquecer mais ainda, mesmo que já tenham o bastante. O ladrão apossa-se daquilo que não lhe pertence, que é propriedade de outrem. Esse furto pode ser de bens materiais, de afeições, de tempo, etc., através de meios ilegítimos. Existe o furto espiritual, não meramente de coisas materiais. Assim, pode-se furtar a fé de uma pessoa, como também sua moralidade, sua autoconfiança, seu auto-respeito, seus direitos e não apenas suas posses.

1. O mandamento que proíbe o furto faz parte da legislação mosaica original. Ver sobre os *Dez Mandamentos.* O Antigo Testamento inclui proibições referentes ao furto, ao dano às propriedades e ao mau uso das propriedades ou objetos pertencentes ao próximo (ver Exo. 21:33,34; 22:5,6; 22:4,7,9; 20:15; Gên. 31:31; II Sam. 23:21).

2. O furto é uma abominação (Jer. 7:9,10) sobretudo quando praticado contra os pobres (Pro. 22:22). Nesse aspecto está incluída a fraude (Lev. 19:13) .

3. Não pagar salários justos é um furto (Lev. 19:13; Tia. 5:4).

4. O furto é um pecado que contamina os culpados (Mat. 15:20).

5. Os ímpios são inclinados ao furto (Sal. 119:61); a cobiça promove o furto (Amós 3:10).

6. Aqueles que consentem com o furto também tornam-se culpados (Jó 24:14; Oba. 5).

7. Geralmente quem furta também mata (Jer. 7:9; Osé. 4:2).

8. Paira uma maldição sobre o ladrão (Osé. 4:2,3; Mal. 3:5). O furto provoca a ira de Deus (Eze. 22:29,31).

9. O pecado do roubo é um daqueles vícios que exclui as pessoas do reino celestial (I Cor. 6:10).

10. Os tesouros celestes não estão sujeitos ao furto (Mat. 6:20).

11. Aqueles que se convertem à fé cristã não somente não deveriam mais furtar, como também deveriam suprir aos seus semelhantes o necessário, em atos de caridade (Efé. 4:28): «Aquele que furtava, não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir o necessitado».